This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

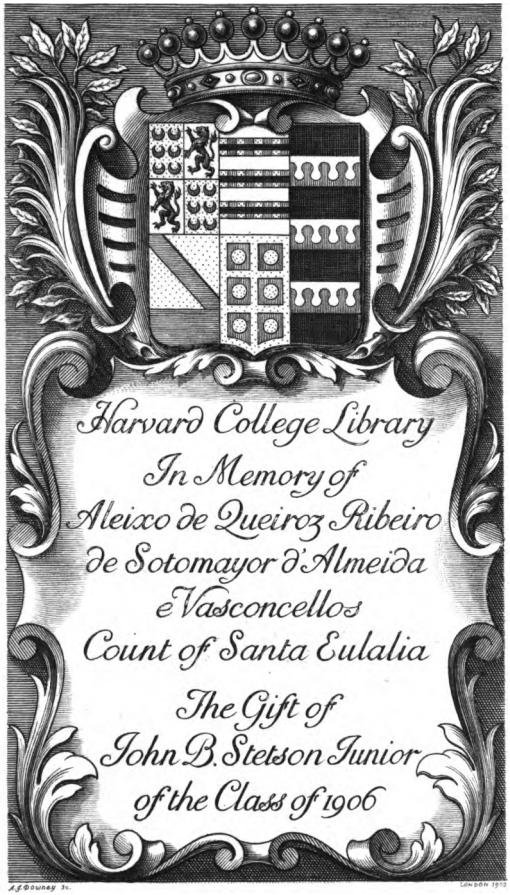
Ind
598
52

WIDENER
HN 7U5Q M

HARVARD
UNIVERSITY
LIBRARY

Digitized by Google

Ind 598, 52



Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Cover

(P. Home 11)

1852

Digitized by Google

26 3-73
AE

Digitized by Google

Digitized by Google

Imperfect;- lacks everything after p. 68.

Digitized by Google

SERIE CHRONOLOGICA

DOS

VICE-REIS E GOVERNADORES GERAES

DO

ESTADO DA INDIA.

ACOMPANHADA DE

APONTAMENTOS HISTORICOS DOS SEUS FEITOS MAIS NOTAVEIS.

CO-ORDENADA E ANNOTADA

POR

Felippe Néry Xavier,

Official-maior graduado—Chefe da 1.ª Secção da Secretaria do Governo Geral, e Director da Imprensa Nacional.

PORTICO DOS VICE-REIS

1852.

NOVA-GOA:—NA IMPRENSA NACIONAL.

Digitized by Google

Ind 598.52

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION
GIFT OF
JOHN B. STETSON, Jr.

AUG 14 1924

Digitized by Google

Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor,

Barão de Villa-Nova d'Ourem, do Conselho de Sua Magestade Fidelissima; Commendador das Ordens da Torre e Espada do Valor Lealdade e Merito; da de S. Bento de Aviz, e da de Izabel a Catholica: Ministro e Secretario d'Estado Honorario Brigadeiro do Exercito; e Governador Geral do Estado da India, &c.

Illm.º e Exm.º Sr.

Sobre maneira honroso com a honrosa incumbencia, que V. Ex.ª se dignou commetter-me — qual a de collegir os FAC-SIMILES das assignaturas dos Exm.os Vice-Reis e Governadores deste Estado — paz mãos á obra; mas atalhado na sua execução, por não existirem já, nos Archivos Publicos, os Autos e Termos authenticos das entregas e posses da governança do dito Estado, celebrados nos primeiros annos da sua conquista, os quaes eram indispensaveis para o fim proposto, e reconhecendo dest'arte não ser possivel obter huma Collecção completa dos referidos Fac-similes; lembrei-me que o unico meio de supprir aquella lacuna era fixar com

Digitized by Google

exactidão as epocas, e o tempo que serviram aquelles aos sobreditos Exm.os Vice-Reis e Governadores, cujos Autos de posses, he de presumir, ficaram involvidos nas perdas de Cochim, Columbo, e Ormuz, onde haviam sido solemnizados: com estas vistas pois, com as de enriquecer o pensamento de V. Ex.a, e, finalmente, rectificar os dous **CATHALOGOS DOS VICE-REIS**, que foram coordinados na Secretaria deste Governo Geral, e os outros, procedentes daquelles, publicados modernamente, os quaes todos, infelizmente, sobre serem omissos em objectos mui salientes, são inexactos, dei-me ao trabalho de ordenar a incluza **SERIE** de todas as personagens, que sob diversas denominações, tem estado á testa do governo do Estaao da India Portugueza, e suas Dependencias, desde 1505 ate hoje, acompanhada dos competentes Fac-similes das suas assignaturas, meios sinaes, e rubricas (e mesmo da letra de alguns), que a muito custo se pode obter—especificando, sob a salva guarda do ensejo, as Condecorações, e Titulos que uzaram, as Cidades, Fortalezas, e Praças, de que tomaram posse, ou conquistaram, e os factos notaveis que praticaram, ou tiveram logar durante a respectiva gerencia; soccorrendo-me, para desempenho des-

Digitized by Google

ta diligencia, das Decadas dos nossos Historiographos **JOÃO DE BARROS, E DIOGO DE COUTO**, e de documentos officiaes, que a acção do tempo de todo não tem destruido, os quaes, para autenticidade dos factos referidos, vão citados em notas, assim como diversos Escriptores acreditados a respeito de especialidades concernentes ao objecto que se tem em vista.

Se este trabalho, filho do dezejo de satisfazer, quanto em mim cabe, as determinações de V. Ex.ª, em testemunho de gratidão que consagro a V. Ex.ª, concorrer para se alcançar o fim que V. Ex.ª tem em vista, eu me darei por bem galardoado da solicitude e esforços que empreguei para levar a effeito a incumbencia de V. Ex.ª

Deos Guarde a V. Ex.ª muitos e felizes annos. Nova-Goa, Pangim, 4 de Junho de 1852.

De V. Ex.ª

Mt.º respeitador, ob.ᵉ e obrigado Subdito

Felippe Nery Xavier.

Digitized by Google

Digitized by Google

INTRODUCÇÃO.

De toutes les histoires, la plus digne de l'estude de l' homme qui pense, est sans contredit celle de la patrie.
(Fely, Pref. de l' Hist. de France).

As omissões notaveis, e os salientes anacronismos, que, com quebra de exactidão, verdadeiro merito da historia, comportam, na sua contextura, os dous *Cathalogos dos Vice-Reis*, confeccionados na Secretaria do Governo Geral, e os outros publicados modernamente, nos sugeriram o pensamento de rectificar aquella Serie das Personagens, que por mais de 300 annos presidiram aos destinos deste Paiz: delineamos esse trabalho, indispensavel a muitos respeitos, com vistas de exornal-o com apontamentos historicos para á Chronica de gloriosos feitos, que sublimaram para sempre as conquistas Portuguezas; mas, por mais de duas vezes, descorçoados, tivemos de dar de mão o plano traçado, em vista da magnitude da empreza, falta de colaboradores, as nossas sobradas occupações, e, sobre tudo, entrevendo centenares de difficuldades que tinhamos a superar para chegar a compulsar os Archivos das Repartições Publicas, e colligir o preciso cabedal dos numerosos documentos contemporaneos, que ainda existem.

Estas considerações porém, não nos dispensando de levar a effeito a honrosa incumbencia que S. Ex.ª o Sr. Barão de Ourem Governador Geral deste Estado se dignou fazer-nos, qual a de colligir os *Fac-Similes* das assignaturas das referidas Personagens: incumbencia que além de nos franquear, a par de larga margem, o valioso apoio de que carecíamos, nos facilita a occasião de dar o publico testemunho do quanto apareciamos as determinações de S. Ex.ª, e a promptidão, e boa vontade com que as desejamos executar, em prova de gratidão de que estamos possuidos, pelos repetidos actos de benevolencia que devemos á generosidade do mesmo Exm.º Sr., colligimos pois, como nos foi possivel, os sobreditos Fac-similes, e

Digitized by Google

vamos dar os á luz, sob, o titulo de=Serie Cronologica dos V. Reis e Governadores Geraes do Estado da India=acompanhada de apontamentos de factos mais salientes, e especificações relativas a cada hum, que julgamos apropriadas para ornar o pensamento de S. Ex.ª, seu Autor.

Para os nossos Leitores avaliarem d'ante-mão, como amantes da gloria Portugueza, os illustres feitos das Personagens de quem vamos tratar, e as suas conquistas, com que exaltaram o nome Portuguez, com espanto, e inveja das Nações, copeamos aqui o discurso de Coge Çofar, dirigido ao Soldão Mamud, para servir de Compendio á mesma Serie.

Em seguida apresentamos huma succinta noticia previa ácerca da *nomeação, solemnidade da posse, entrada, e abertura das vias de successão, homenagens, e juramento* dos novos Governadores, como objecto digno do conhecimento publico.

«—Com o sangue de Badur receberam as armas Portuguezas a maior fama do mais atroz delicto, e deixamos-lhes na mão a espada, com que nos degolaram o Rei, para que com ella mesma nos usurpem o Reino; tiremos pois de entre nós estas viboras nascidas no ultimo Occidente para inficionar a Asia toda, como se verá discorrendo por seus estragos, que elles chamam victorias. E começando naquelle primeiro Gama a quem os mares, para perturbar a paz do Oriente, deram fatal passagem, o Çamorim de Calecut foi o primeiro a quem cortou seu ferro. As náos de Meca, que no amparo do Profeta, e paz das ondas navegavam seguras, foram assaltadas, e rendidas deste corsario que tantos annos, como mostro do mar teve por casa as ondas, e por abrigo os ventos, e as tormentas. Pois aquelle D. Francisco de Almeida, que em hum só dia, e com o mesmo golpe destroçou as armadas de Egipto, e Cambaia que na vingança da morte de seu filho, parece que queria beber o sangue do Oriente todo, se hum Albuquerque, successor de sua crueldade, e seu governo lhe não viera a tirar das mãos a espada. Este nasceu para injuria de todas as Monarchias; porque com senhoriar Malaca, poz a todo o Sul freio, rendeo Ormuz, emporio das riquezas do Mundo; tomou Goa ao Sabaio para cabeça de seu tirannizado Imperio; e sem trazer os Exercitos de Xerxes, ou Dario, fez tributarios mais Reinos, do que trazia Soldados; levantando o pensamento a querer tirar de Meca o corpo do Profeta, poz em conselho mudar ao Nilo as correntes, para alagar o Egipto, emprendendo seu espirito fazer duas tão famosas injurias, huma ao Ceo, outra a nátureza. Não poderei referir a ambição de tantos, que com nossas injurias se fizeram illustres, porque temo me não caiba no tempo ou na memoria; porém lançai pelas mais remo-

Digitized by Google

tas partes do Oriente a vista, ou juizo, vereis a maior parte do Mundo receber leis de poder tão pequeno. Elles navegam daquella parte de Africa, que corre do Cabo de Boa Esperança até as portas do Estreito do mar Roxo, dominando por aquella parte *Moçambique, Cofala, Quiloa, e Mombaça*, e discorrendo o Cabo de Guardafù, olhando para as gargantas do mar Roxo, *Adem, Xael, Herit, Caxem.*—Temem suas armadas as Cidades de *Dofar*, e *Norbete*, no Cabo de Fartaque, e logo *Curia, Muria, Rosalgate*. Aqui fica a Cidade de *Ormuz*, alli a Ilha de *Queixome, Curiate, Calayate, Mascate, Orfacão*, e *Lima*; o *Cabo Mocadão* e *Jazque*, que formam a boca do estreito, que se estende até o Rio Indo. Logo o Cabo Guzarate e Cinde nesta nossa Cambaia, donde atè o Cabo de Comori passeam suas armadas a India por espaço de 300 legoas: e começando desta nossa Cidade, de Cambaia, discorrem por *Madigão, Grandar, Baroche, Surrate, Reyner, Moscarin, Damão, Trapor, Baçaim, Chaul, Bador, Cifardão, Galanci, Dabul, Cortapor, Carepatão, Tamega, Banda, Chaporá*. Senhoream Goa, assento de seus Governadores, e logo o maritimo do Canará, com *Onor, Baticalá, Braçalor, Bracanor*, e *Mangalor*: e logo aquella parte principal do Malabar, que frequentam suas frotas, onde está o Reino de *Cananor*, e nelle *Calecoulão, Marabia, Tramapatão, Maim, Parepatão*, com não menos soberba assombram o Imperio de Calecut, com seus portos de *Pandarane, Coulate, Charé, Capocate, Parangale, Tanor, Panane, Balcançor*, e *Chatua*. Nos Reinos de Cananor e de Cochim, quasi dominam com absoluto imperio em *Porcá, Coulão, Calecoulão, Dotorá, Birinjão, Travancor*. Alcança o respeito de suas armas atè o famoso *Cabo-Comori*; de fronte do qual está a illustre Ilha de Ceilão, onde carregam as Náos de differentes drogas. Não perdoam á enseada de Bengala, ou sèio do Ganges, avistando *Tacancuri, Manapar*, e *Vaipar, Calegrande, Chercapale, Tutucuri, Calecare, Beadalà, Canhamorra*. Correm *Negapatão, Nabor, Trimmipatão, Tragumbar, Coloram, Casapate, Sadropatam*. Amedrentam com a multidão, e grandeza de seus Baixeis, Bisnaga, e a Costa brava de Orixá, e toda aquella distancia, que ha de Segoporá, atè Oristão, e as bocas do Ganges. Atravessam o Cabo de *Negraes, Arracão, Pegú*, com tantas, e tão maravilhosas Ilhas. Passam por *Vagatu*, e *Martavão, Tagala*, e *Favay, Tanaçari*, e *Longur, Tairão, Quedá, Solungor*, navegando até á sua *Malaca*, cabeça de todo aquelle Archipelago. E logo dobrando o Cabo de Sincapura, ancoram nos Portos dos Reinos de *Sião, Camboya, Champá*, e *Cochinchina*. E passando aos Reinos da China, se atreveram a olhar aquelle tão recatado Imperio, que nunca soffreu a communicação de gentes estrangeiras: ali fundaram a celebre Cidade Macáo, por onde persuadem aos chins os misterios de sua crença, fazendo juntamente do commercio á Religião escada. Daqui se divertem para as inumeraveis Ilhas do *Japão*, visitando *Tava, Timor, Borneo, Banda, Maluco, Lequios*; de sorte que as velas Portuguezas, com incansavel navegação rodeam a mor parte do mundo, em distancia de mais de nove mil leguas, que a tão ardua navegação os estimulou sua ambição, guiou sua fortuna &c. &c. ,,

---

Digitized by Google

Digitized by Google

CHRONICA

DOS

VICE-REIS E GOVERNADORES

DO

ESTADO DA INDIA.

Digitized by Google

Digitized by Google

I

NOTICIA

DO QUE SE OBSERVA

NA

NOMEAÇÃO DO VICE REI, OU GOVERNADOR

DO

ESTADO DA INDIA

NAS SUAS POSSES ENTRADA NA CIDADE, NO FUNERAL, E ABERTURA DAS VIAS DE SUCCESSÃO.

Capitulo 1.° do Livro IX da Decada III da Azia de João de Barros.

Muitas cousas leixam de escrever os Escriptores da historia por serem mui sabidas, e notas aos vivos daquelle Reino, e tempo, em que elles escreveram, donde se segue ficarem elles sepultados no decurso do tempo, cuja memoria he mui fraca, se não he ajudada da escriptura.—Porém quando em alguma particular achamos cousa do que elles não fizeram menção, ora seja de caso aquecido, ora de costume, e governo da nossa propria patria, deleitamo-nos muito com esta tal novidade, e ás vezes tomamos a mesma cousa passada pera exemplo do presente governo. E porque a principal que a India tem he a pessoa do Governador, e Capitão Geral della, diremos aqui o modo de como he eleito quando daqui parte, e o juramento que lhe dam, e quando acaba o seu tempo, o que faz na entrega do proprio cargo áquelle que deste Reino vai provido em seu lugar, e tambem per que modo succedeu o que la está quando algum falece.—Porque ainda que estas cousas a nos os presentes sejam commuas, podem ser conhecimento aos estranhos de como governamos aquelles estados do Oriente, e os nossos que depois vierem, saibam como se conservou per bom conselho; pois muitas das cousas perque se elle descubrio, e conquistou, que foram obras de seus avôs, esta nossa escriptura os tem feito herdeiros da honra, que vertendo seu sangue elles ganharam.—O Governador que deste Reino he enviado, sempre na eleição delle se tem esta consideração, que seja homem de limpo sangue, natural, e não estranjeiro, prudente, cavalleiro, bem costumado, e que se tenha delle experiencia em casos semelhantes de mandar gente na guerra.—E por evitar os artificios que sempre ha nestas eleições á cerca dos Officiaes, e pessoas do Conselho d'El-Rei, com os quaes elle consulta estas cousas, donde se pode preverter esta sua ordem de eleger, além das cousas que este eleito pera Governador jura de guardar, e

Digitized by Google

cumprir, pondo corporalmente as mãos nos Evangelhos, he qne per si, nem per outrem pedio, nem requereu o tal cargo. Porque quer El-Rei que huma tão grande cousa, como he ser Governador da India, não seja havida per requerimento, sómente per eleição.—E as outras cousas que jura á cerca de fazer, e guardar justiça, cumprir os regimentos de El-Rei qne lhe forem dados e não receber serviços, e peitas de todo genero de homem, e que proveja os cargos, e Officios aos criados de El-Rei, e não aos seus, e outras cousas que ha de guardar; he hum temor ouvillas, quanto mais confiar hum homem que as pode inteiramente cumprir. E não dá S. Paulo tantas partes a hum Sacerdote, que há de acceitar a Dignidade Episcopal pera ser acceito a Deos; quantas em seu modo hum Governador da India jura primeiro que entra nesta religião, que geralmente dura pouco mais de tres annos. E provesse a Deos que no primeiro anno do seu noviciado guardassem alguns a meia parte do que os obriga o juramento; porque se assim fosse, não veriamos em elles chegando a este Reino os libellos, que contra os taes faz o Procurador de El-Rei. Peró como a cubiça he raiz de todolos males, quando ella entra em o peito de hum homem, e elle a tem abonada per este proverbio do Mundo: *Dos nescios leaes se enchem os Hospitaes*; e por experiencia tem visto que a cerca do mesmo Mundo, em melhor estado ficam os culpados, que os sem culpa; fazem conta qne quem passou tantas trovoadas dos mares daquelle Oriente, que assi passaram as trovoadas, e relampagos, seccos dos libellos cá na terra do Ponente, a qual he patria, e mui piedosa de quem tem, e esquiva a quem se mal aproveitou, pois não podem aproveitar com a fazenda, que não trouxeram, que da pessoa poucas vezes tem seus amigos necessidade della, pois, louvado Deos, vivemos em terra, em que não ha bandos pera se haverem mister armas. Quanto a entrega que o Governador faz na India aquem o succede, as mais vezes costuma ser feita em alguma Igreja das que temos fundadas naquelle Oriente. E alli per virtude das patentes que leva o outro que de cá vai, que he apresentada, e lida por o Secretario, sendo presentes os Capitães, e principaes Fidalgos, que se alli acham, e assi os Officiaes da justiça, e fazenda, elle faz a entrega, pedindo logo hum instrumento de como a entregou, nomeando as fortalezas que lá temos, e em que estado a entrega.—E além deste instrumento pera mais sua abonação, pede certidões aos Oficiaes de fazenda de cada huma das fortalezas, de como as deixou providas do necessario pera sua defensão, e de todo o mais necessario: e quando algum Governador lá falece, tem-se estroutro modo. Em poder do Veador da fazenda da India, que he a segunda pessoa no governo da fazenda depois do Governador, está hum cofre com tres, ou quatro Patentes d'El-Rei, fechadas e asselladas, as quaes chamam successões, e tem por cima esta escriptura *successão de foão*, e isto nomeando ao que então governa, que nos outros por se não saber quaes são os que estão por vir, chamam ás taes, segunda, terceira, quarta successão, e aqui assigna El-Rei. E na Escriptura que tem dentro declara El-Rei haver por bem que elle succeda a foão, quando falecer, &c. onde El-Rei tem assignado. Este he o modo que se tem no prover dos Governadores da India, e damos esta noticia por as razões

Digitized by Google

acima ditas e tambem porque daqui em diante veremos huns aos outros succeder per obito o que té ora não vimos, e o perigo em que a India esteve por se não guardar este modo de abrir as successões.

Extrahido do Capitulo 2.° do referido Livro.

E porque no principio deste noveno Livro quizemos dar noticia da ordem que El-Rei tinha na eleição dos Governadores da India, e o modo de succederem huns aos outros, porque no futuro tempo, e assi aos estranhos se veja a forma da Provisão d'El-Rey, perque hum Governador entrega a India a outro; queremos aqui transladar a que levou o Viso-Rey, pera receber a entega de D. Duarte de Menezes, e tambem dar razão porque usou deste Oficio ante da vinda delle D. Duarte—« D. João por graça de Deos Rey de Por-« tugal e dos Algarves, dá quem, e dalêm mar, em Africa Senhor de Guinè, « e da Conquista, Navegação, Commercio de Etiopia, Arabia, Percia, e da « India. Fazemos saber a vós D. Duarte de Menezes Capitão, e Governador « da nossa Cidade de Tanger, e nosso Capitão-mór e Governador nas partes « da India, que Nós vos escrevemos per outra carta que havemos por bem « que vos venhais embora pera estes Reinos nesta armada. Porém vos man-« damos, que tanto que vós esta for apresentada, entregueis a dita Capitania-« mór, e governança a D. Vasco da Gama Conde da Vidigueira, e Almiran-« te do mar Indico, que enviamos por nosso Viso-Rey a essas partes da In-« dia. E não usareis mais da dita capitania-mór, e governança, nem das « cousas da Justiça, e de nossa fazenda, nem d'outra alguma de qualquer « qualidade, e condição que seja, que ao dito cargo toque, e pertença, e « de que d'antes usaveis, por vertude do poder e jurdição, e alçada que « tinheis. Por quanto havemos por bem, e nosso serviço, como per outra « carta vos escrevemos, que o dito Viso-Rey seja logo mettido de posse de « tudo, e use logo do poder, jurdição, e alçada que leva por nossa Carta Pa-« tente, sem mais vós entenderdes em cousa alguma. Porèm declaramos que » o tempo que estiverdes na India té vós embarçardes, possais estar em Co-« chy, ou em Cananor, qual vós mais aprouver: e que á cerca de vossos « criados e pessoas de vossa casa, e dos criados do Conde vosso pae, que « comnosco foram, e dos criados de D. Luiz vosso irmão, e vossos cu-« nhados, e pessoas suas, que o dito Conde não entenda com elles em « maneira alguma, nem tenha sobre elles nem sobre cada hum delles man-« do nem jurisdição, e alçada, que tinheis pela carta de vossso poder, « e alçada. Resalvando porém, que se vós, ou os taes per algumas pos-« soas ass nossos naturaes, como dos mercadores da terra, e quaes-« quer outro de qualquer qualidade, estado, e condição que, sejão, que « lá houverem de ficar, e não houverem de vir nesta armada em que « vos haveis de vir, fordes requeridos, e citados, e demandados; assi em « casos civeis, como em crimes, vos possam a vós, e a elles demandar peran-

Digitized by Google

« te o dito Conde, e ouvidor, que com elle ha de ficar, e não per ante vós
« pera se fazer cumprimento de justiça. E sendo caso que quando o dito Con-
« de chegar á India vos não ache nella, por serdes fóra della a prover
« algumas cousas de nosso serviço, neste caso havemos por bem que elle
« dito Conde use logo inteiramente de todo poder, jurdição, e alçada, que
« de nos leva, como faria se vós achasse, e vós apresentasse esta carta para
« lhe entregar a capitania mór, e governança, porque assi o havemos por nos-
« so serviço. E sendo caso que por impedimento de doença, vós dito D. Du-
« arte vós não possais embarcar, e vir nesta armada, e ficasseis na India, nes-
« te caso havemos por bem que vos fiqueis, e vos recolhais com todos vossos
« criados, e pessoas da vossa casa, e criados dos Sobreditos vosso irmão, e
« cunhados, que ficarem convosco em a nossa fortaleza de Cananor. E que es-
« teis nella té a vossa partida da India; e uzeis de todo o poder, jurdição, e
« alçada que tendes de Capitão-mór, e Governador da India sobre elles, e so-
« bre o Capitão, Alcaide-mór, Feitor, e Escrivães da feitoria da fortaleza. E
« de todos seus casos civeis, e crimes conhecereis e os julgareis como vos pa-
« recer justiça, sem sobre os ditos, nem sobre cousa sua que lhe toque, que
« seja dantre partes o dito Conde poder usar do dito Officio do Viso-Rey,
« nem poder, jurisdição, e alçada que lhe temos dada, por que queremos que
» tudo fique a vós D. Duarte té vossa partida da India. E mandamos ao Capi-
« tão e Alcaide-mór, Feitor, e Escrivães da feitoria, e a todas as pessoas que
« temos ordenadas na dita fortaleza de Cananor, que vos obedeçam, e cum-
« pram vossos requerimentos, e mandados, como a nosso Capitão-mór, e Go-
« vernador, sobre as penas que lhe puzerdes, assi nos corpos, como nas fazen-
« das. As quaes havemos por bem que deis á execução naquelles que nellas
« concorrem, segundo forma do poder, jurdição, e alçada que vos temos dada
« e he conteúda na carta do poder della. E assi havemos por bem que se en-
« tenda, e o façais no caso que vos fosseis fóra da India por nosso serviço, e
« viesse a ella depois da partida das náos pera estes Reinos desta Armada que
« leva o Viso-Rey pera traserem as especiarias, na qual vos haveis de vir. Re-
« salvando porèm que o dito poder, e alçada que vos damos sobre todos os
« acima declarados, se não entenderão em cousa que toque á nossa fazenda, e
« tratos da India. Por que no que a estas couzas tocar, não haveis de entender,
« nem usar da dita alçada, e poder que vos leixamos nos casos sobreditos, por
« que isto ha de ficar ao dito Viso-Rey, pera nelles fazer como vir que he jus-
« tiça, e nosso serviço e usar de todo seo poder, e alçada. E da entrega que
« ao dito Viso-Rey fiserdes da dita capitania-mór e governança, como por
« esta vos mandamos, cobrareis estromento publico, em que se declare as náos,
« e navios que lhe entregastes e artilheria, e armas que andam nelles, e assi
« as fortalesas, e armas, e artilheria, e mantimentos que nellas havia e gen-
« te que andava nessas partes; e declarando a sorte, e qualidade della, e
« todas as outras cousas que ao cargo do Capitão-mór, e Governador toca-
« rem pera todo podermos ver. E como assi entregardes a dita capitania-mór
« e governança, e cobrardes o estromento da dita entrega no modo que dito
« he, vos havemos por bem desobrigado de toda a obrigação em que nos se-

Digitized by Google

« jais pela dita capitania-mór, e governança, e vos damos por quite, e livre de
« agora pera em todolos tempos. E esta carta per nos assignada e sellada do
« sello redondo de nossas Armas, com o dito estromento, tercis pera vossa
« guarda. Dada em a nossa Cidade de Evora a vinte e cinco dias de Fevereiro
« Bartholomeu Fernandes afez, anno do Nascimento de N. Senhor Jesus Chris.
« de mil e quinhentos e vinte e quatro.» Per vertude da qual carta D. Duarte fez a entrega da governança da India, e della houve este conhecimente publico de como a entregou: « Saibam quantos este estromento de conhecimento
« virem, que no anno do Nascimento de N. Senhor Jesus Christo de mil e
« quinhentos e vinte quatro annos, aos quatro dias do mez de Dezembro do
« dito anno em a Cidade de Santa Cruz de Cochy, em a fortalesa de El-
« Rey Nosso Senhor, estando ahi D. Vasco da Gama Conde de Vidiguei-
« ra Almirante do mar Indico, e Viso-Rey das Indias, disse que recebia
« de D. Duarte de Menezes, Governador que foi nellas ante delle Viso-Rey
« a Governança das ditas Indias do tempo que a ellas chegou, e as começou
« de governar, segundo per suas Provizões, e Patentes lhe era mandado por
« El-Rey Nosso Sonhor que as recebesse, e governasse. As quaes Indias elle
« recebeu e disse ter recebidas assi, e da maneira que as achou, e ellas ora
« estam, e se houve por obrigado de dar conta dellas a Sua Alteza e hou-
« ve por desobrigado ao dito Dom Duarte da obrigação que tinha de dar
« conta dellas. E em testemunho de verdade lhe mandou dello ser feito este
« estrumento do recebimento dellas, testimunhas que estavam presentes, Lopo
« Vaz de Sampaio Capitão desta fortaleza, Fernão Martins de Souza, D. Pe-
« dro de Castello-branco, Affonço Mexia, Veador da fazenda da India, Pero
« Mascarenhas, e o Licenceado João do Souro, Ouvidor geral da India. E eu
« João Nunes, Escrivão publico na dita Cidade por especial mandado do dito
« Senhor Viso-Rey que este escrevi, e aqui meu signal publico fiz. Per este estromento ficou D. Duarte desobrigado da governança das Indias; e quanto ao mais que a Carta de El-Rey manda, da entrega das náos, navios, &c. de fóra deste estromento trouxe certidões de todalas fortalezas assignadas pelos officiaes da fazenda, e feitorias d'El-Rey, e com isto se partio pera este Reino, como no fim do Livro oitavo escrevemos.

Ceremonial, de que se uza com os V. Reis da India, quando elles chegam a este Estado, o qual deo o Sr. V. Rei Marquez de Alorna ao Sr. V. Rei Marquez de Tavora seu Successor.

1 Assim que o Vice-Rei chega a barra, o vai buscar a bordo o Vice-Rei ou Governador actual na Manchua do Estado; e fazendo-se todos os cumprimentos civis, para que tome o melhor lugar na Manchua, o Vice-Rei actual toma o melhor lugar, e o novo Vice-Rei se senta á sua mão esquerda; e o primeiro o conduz ao Collegio dos Reis-Magos, (hoje para o Palacio do Governo) onde se detem tres ou quatro dias atè se tirarem as Listas das Praças, das

Digitized by Google

Náos e mais Embarcações, e das munições, que se hajam de lançar no termo da posse, e se lhe preparam as casas de Polvora, onde hade hir habitar.

2 No dia da posse, se senta o Vice-Rei actual á mão direita, e o novo Vice-Rei á esquerda, e tanto que lê a sua Patente e Carta de Levantamento de homenagem, o novo Vice-Rei muda do Lugar para o da mão direita, e o antigo Vice-Rei fica a sua esquerda; e acabada a funcção o acompanha até embarcar na praia.

3 Os Vice-Reis não costumam hir a Cidade de Goa, em quanto não dão a sua entrada publica.

4 Quando o Vice-Rei sahe por mar na sua Manchua, todos os Balões, que o encontram levam os remos, ou colhem a vella; e os que vão dentro sahem fora do toldo a fazer cortezia ao Vice-Rei, e conforme a distincção das pessoas até Capitão inclusivè, sahe o Capitão da Manchua fora do toldo a fazer cortezia áquelles que a fazem ao Vice-Rei; se se encontra o Vice-Rei novo, com o antigo no mar, ambos levam os remos, e colhem a vella e se fazem as urbanidades devidas a huma e outra pessoa.

5 Quando sahem por mar, que he quasi sempre depois de entrar na Manchua, diz ao Capitão della, que chame as pessoas aquem o Vice-Rei quer levar em sua companhia, que sempre são das mais graduadas, ou que tenham dos primeiros foros do Fidalgo.—Entram, e tem assento na Manchua o Capitão, o Capitão da Guarda, o Pagem da Campainha, e o Estribeiro.

6 Quando o Vice-Rei sahe em publico por terra, o Capitão da Guarda vai adiante, immediato ao Vice-Rei, e o Estribeiro a Cavallo, atraz da cadeirinha do Vice-Rei, ou do Palenquim, e atraz vai ou a companhia, ou huma esquadra de Guarda a cavallo, e diante de todo o acompanhamento vão dous Soldados da mesma Guarda com as espadas na mão.

7 Quando o Vice-Rei sahe fora, aos que o acompanham atè entrar na porta da saleta, se volta para traz e se lhes faz huma inclinação urbana, a qual recebem com a cortezia de pè para traz.

8 Logo que toma posse manda publicar hum Edital, determinando os dias em que hade dar audiencia ás partes, que basta, que sejam dous dias na semana, e naquelles em que sahem fora ha ocazião de se lhe fallar, alem de que as pessoas de distincção, por nascimento ou por empregos procurão muitas vezes faltar de tarde ao V. Rei, ainda quando não tem negocio; e estando desembaraçado he justo que as receba, e que tão bem as dispeça, se tiver que fazer.

9 As Audiencias, as pode medir como lhe parecer.—A estas assiste o Capitão da Guarda em distancia, que não ouça o que as partes dizem, estando á porta da casa o pagem da Campainha e na de fora o Estribeiro, e o Capitão da Manchua, e na saleta os Reposteiros.

10 Os V. Reis despachão todos os dias ao sahir da missa, que ouvem na sua tribuna particular, e o podem fazer sem estarem vestidos, e assiste ao despacho o Secretario do Estado.

11 As Mulheres não costumão hir a Audiencia dos VV. Reis, e as que lhes querem fallar em algum negocio, os esperam nas sextas feiras no Bom-Jesus

Digitized by Google

onde por costume inalteravel vão fazer oração a S. Francisco Xavier, ou na Madre de Deus, onde tambem costumão hir os VV. Reis em todos os sabbados.

12 Quando o V. Rei vai a Relação que costuma ser na sexta-feira, o vem esperar todo o Tribunal na escada, e o acompanha até a carroagem quando volta, demorando-se até partir.

13 O Vedor da Fazenda tem continua dependencia com o V. Rei, por razão do seu officio, e por isso costuma vir todos os dias ás Ave-Marias fallar ao V. Rei, dar-lhe conta do que se passa, e tomar as suas ordens.

14 Os Generaes das Provincias, quando se achão em Goa; o General dos Rios; o Ajudante General; o Ouvidor Geral do Crime; o Chanceler, e qualquer dos outros Ministros, e os Commandantes dos Corpos tem muitas vezes de que dar parte ao V. Rey, tocante as suas ocupações, e de negocios de importancia, e ainda que o V. Rei esteja dispido, os manda entrar para lhe fallar; e assim a estes, como algumas pessoas particulares, se não repara em que o V. Rey lhes falle despido.

15 As pessoas que tem o foro de Fidalgo, são tratadas por mercê, e se lhe dá assento em tamborete raso no peior lugar, e se não acompanhão nem se dá passo algum para as receber.—Aos Ministros da Relação se trata como se tivesse o foro de Fidalgo, e da mesma sorte a todos os Sacerdotes, e Religiosos.

16 A todos os Ouvidores, e Feitores se lhes falla, e se lhe escreve por vós, ainda que alguns destes tenham o foro de Fidalgo, e occupem Postos grandes.

17 A todas as Pessoas distinctas, que occupam os maiores Postos, não tendo o foro de fidalgo, e se lhe falla, e escreve por impessoal.

18 Aos Provinciaes das Religiões e mais Religiosos se dá somente o tratamento de Paternidade,

19 Aos que Governarão este Estado por vias de successão, mandou ultimamente S. Magestade, que se lhe fallasse, e escrevesse por Senhoria, em quanto nelle estivessem, e por estilo observado, quando vem visitar ao V. Rei lhe dá este cadeira de espalda no peior lugar.

20 No que respeita ás cartas, que se escrevem aos Reis, e Regulos visinhos e aos vassalos do Estado, ha estilo inalteravel na Secretaria do Estado.

21 Quando os V V. Reis receberem visita do Arcebispo Primaz, deve este primeiro mandar-lhe pedir hora, a qual determina o V. Rei se não tem negocio, que o embarace e o vai esperar na primeira porta da saleta; dando-lhe a mão esquerda, e passando diante nas portas sem cumprimento.—O V. Rei se senta em cadeira de espalda de baixo do docel e o Arcebispo em cadeira de espalda tão bem da parte de fora e o acompanha atè a porta da saleta.

22 Escreve-se-lhe, e falla-se-lhe conforme a nova Lei por Excellencia.

23 Com os outros Bispos não ha tanta ceremonia, escreve-se-lhes e falla-se-lhes por Excellencia: quando vem visitar ao V. Rei, não pedem hora, da-se-lhe cadeira de espalda no peior lugar; e quando se despedem se acompanha até a primeira Casa do docel sem sahir della.

Digitized by Google

24 Não visitão os VV. Reis a ninguem, excepto ao Arcebispo Primaz, quando está doente, e em paga das boas festas que este faz, ou quando tem negocio que tratar com elle e em qualquer destes casos, manda o V. Rei anticipadamente hum Official subalterno, dos que assistem na Salla, dizer-lhe que a tal hora de manhãa ou de tarde faz conta de o hir visitar: com esta differença que o Arcebispo manda pedir a hora ao V. Rei, quando o vem visitar, e o V. Rei determina hora, em que hade visitar ao Arcebispo.

25 Quando os VV. Reis hiam a alguma festa a Sé em que assista o Arcebispo, não queria este vir esperal-os, a porta da Igreja, para lhe lançar a agoa benta, nem os VV. Reis lhe querião dar na mesma Igreja a mão direita, e os Pregadores por ordem expressa do El-Rei tomavam a venia somente ao V. Rei o que era causa de que os Arcebispos não queriam concorrer nestes actos com o V. Rei.

26 O Arcebispo actual ajustou logo no principio consigo, que me viria esperar á porta da Igreja, e que os pregadores tomarião a venia a ambos, dizendo: Exm.os Senhores, e eu voluntariamente lhe dei sempre a mão direita na Igreja, e dei conta deste ajuste a S. Magestade, haverá cinco annos, sobre o qual não determinou até agora cousa alguma.

27 Quando alguma pessoa distincta ou qualquer outra, aquem o V. Rei quer faser honra, adoece a manda visitar conforme as suas graduações, ou pelo Capitão de Guarda ou pelo Capitão de Manchua, ou Pagem da Campainha.

28 Nas festas dos Patriarcas, assistem os VV. Reis na Igreja em tamboretes rasos, os Conselheiros do Estado e os Ministros da Relação, e assim mesmo nas Quintas-feiras da Quaresma aos sermões, que se dizem na Capela dos VV. Reis, que os ouvem da sua Tribuna.

29 Os VV. Reis aceitam serem Compadres e Padrinhos de Casamentos das Pessoas principaes, e mandam a sua procuração ou pelo Capitão da Guarda, ou por alguma pessoa muito distincta; não devem aceitar serem Juizes das Irmandades dos Canarins; porque são infinitas, muito menos deve aceitar Provedor de Misericordia, porque esta tem continua dependencia com o V. Rei sobre as quaes he necessario passar ordens e Provisões, e he incompetente, que a mesma pessoa peça como Provedor, o que hade resolver como V. Rei.

30 O Marquez de louriçal depois de exprimentar este inconveniente, deu esta mesma instrucção ao Conde de Sandomil, e porque este a não quiz seguir, exprimentou muitos trabalhos e desordens que lhe deram bastante que sentir.

31 Os V. Reis em Goa comem sós, mas no campo se lhe poem huma mesa travessa só para elles, e outra no meio da Caza ao comprido para as pessoas que levam consigo, tendo o foro, ou sendo Pessoas de muita distinção ou Ministros da Relação, tendo hum intervallo entre as duas mezas, para se poderem servir e nestas occasiões jogam os V. Reis, ou pirmittem, que se joguem, o que costuma ser de bastante utilidade para o Pagem de Campainha.

32 Muitos V. Reis ou a maior parte delles costumaram dar á sua familia as ordinarias rações para o seu sustento, e em dias publicos, como os annos de El-Rei, e os annos de V. Rei, que se costumaram festejar e haver grande

Digitized by Google

Formulario do que se pratica no Acto da posse dos Sr.s Vice Reis ou Governadores.

1.° O Secretario acompanha a S. Ex.ª desde a porta da Igreja de Bom-Jesus, e depois de visitarem a S. Francisco Xavier no seu Altar, entra o Sr. Vice-Rei na Capella-mór, e se senta no lugar que estiver preparado.

2.° De fronte do lugar, onde estiver sentado o Sr. Vice-Rei, fica huma meza, em que se guarda o Livro chamado da Posse, e Escrevaninha, que se deverão levar da Secretaria do Estado, a onde se senta em cadeira rasa, que hade estar provida, o Secretario, ficando ao seu lado o Official-maior, e mais hum Official da mesma Secretaria.

3.° Estando todos sentados, levanta-se o Secretario, e depois de pedir, e receber da mão do Sr. Vice-Rei a sua Patente, ou Carta Regia volta com ella ao seo lugar, e a lê de pé em vóz alta, o que feito torna a ir entregar a mesma Carta ao Sr. Vice-Rei; e voltando depois ao seu lugar principia a lêr de pé o Termo da posse, o que acabado leva o Official-maior o Livro, outro Official a Escrevaninha, e o Secretario tambem vai com elles, para tomar a assignatura do Sr. Vice-Rei, e com isso voltam todos para o seu lugar.

4.° Depois disto vai o Official-maior a chamar para a assignatura successivamente: 1.° aos Conselheiros do Estado: 2.° aos Ministros da Relação: 3.° ao Senado da Camara desta Cidade: 4.° ao Cabido: 5.° aos Prelados das Religiões: 6.° aos Officiaes Supperiores, a quem seguem os restantes.

5.° Acabado tudo isso vai o Sr. Vice-Rei ao Altar de S. Francisco Xavier, aonde, em quanto estiver fazendo-lhe oração, o Administrador da Casa tira a rota da mão do Santo, fica com ella, e a entrega depois ao Sr. Vice-Rei, tomando delle a que elle leva que immediatamente poem na mão do Santo, e com isso da-se por acabado o Acto.

Formulario do que se observa na entrada dos Srs. V. Reis na Cidade, extrahido do Titulo 61 do Regimento e Ordens.

HUM Palio novo, que hade ter seis varas, as quaes hão de levar os Vereadores deste, e os do anno passado, e faltando-lhe algum levala ha o Ouvidor da Cidade, e os deste anno lançarão sortes qual hade levar a Vara do Couce da mão direita, e qual a da mão esquerda, e o mesmo farão os Vereadores do anno passado sobre as Varas de diante, e o Ouvidor da Cidade levará a da mão esquerda, pegado com a do Couce.

Ordem, com que hão de sahir da Camara.

Ajuntarão cêdo na Camara o Capitão, Vereadores, Juizes, e Officiaes, todos os que andam no Governo da Cidade, e todos os mais Cidadãos, e Pessoas no-

Digitized by Google

bres, e Procuradores do Povo, que serão chamados pór rois e ali hão de vir as danças, follias, e todos os Meirinhos.

E diante de tudo hirão as festas, as trombetas, e charamellas, os Ourives, e Pintores, e Mercadores dos panos, Chalheiros. e Mainatos.

A póz isto o Capitão, Vereadores com suas varas, e adiante delles hirá o Procurador da Cidade, e tambem com vara vermelha, e adiante do Procurador da Cidade, hirá o Thesoureiro, e Vereador das obras, com as chaves das ceremonias, em huma bacia grande de prata.

E o Guarda da Camara levará em outra bacia de prata o Livro dos Santos Evangelhos, e o Livro dos privilegios.

Os Juizes hirão á ilharga dos Vereadores com o Ouvidor da Cidade, e os Misteres, em seus lugares, e todos os mais Cidadãos, e pessoas hirão de traz.

Nesta ordem hirão com a maior pompa, que puder ser, até chegar á porta do Almagem, e tanto que o Vice Rei desembarcar nos Caes ali deixarão o Palio, e o Livro para juramento, e da porta para o Caes hirão nesta ordem.

Da porta para o Caes.

Hirá o Capitão, e tres Vereadores com suas Varas, e o Procurador da Cidade diante com Vara, e junto delle o Thesoureiro, e Vedor das Obras, com as chaves em huma bacia, e diante de todos os Meirinhos, que façam afastar a gente, e os Juizes, e Ouvidores da Cidade á ilharga dos Vereadores, e os Misteres em seu lugar, e os mais Cidadãos, e mais gente nobre todos hirão de traz.

E tanto que o Capitão e Vereadores chegarem junto do V. Rei, o Vereador, que fôr para isso ordenado, deixará a Vara e tomará as chaves da bacia, e beijando-as primeiro as metterá na mão ao V. Rei, dizendo: *Esta mui Nobre, e sempre Leal Cidade de Goa, entrega a V. S. as Chaves de suas portas e dos Leaes Corações de seus moradores, para com elles, e com o que tiverem, servirem sempre a El-Rei: Nosso Senhor dê muitas Victorias, e bons successos neste seu Governo, para exaltação de Nossa Santa Fé, e accrescentamento deste Estado.*

N. B. He costume o Vice-Rei tomar estas chaves, e ditas algumas palavras de agradecimento a Cidade, entregalas ao Capitão.

Tornada de Caes para porta.

E acabado isto, o Vereador tornará a tomar a Vara, e virão todos acompanhando o V. Rei, e a sua mão direita atè chegarem a porta, e antes de entrar, se virá diante aquelle que lhe houver de fazer a falla, e a fará mais breve que puder ser.

N. B. E depois de acabada, o mesmo Vereador, que lhe deu as chaves, dirá ao V. Rei S. S. por fazer honra, e mercê a Cidade, e por assim estar em costume, hade jurar de lhe guardar e cumprir todos os seus privilegios, honras, e liberdades, que El-Rei Nosso Senhor tem concedido por seus merecimentos, e successos.

E nisto tomará o mesmo Vereador o Livro dos Santos Evangelhos, que hade estar a este tempo na bacia em cima do Livro dos privilegios nas mãos do Escrivão da Camara, onde o V. Rei jurarà.

Digitized by Google

N B.—E sendo caso que o Vice-Rei não tenha dado homenagem do Estado, antes de chegar a porta, não se fará aqui esta ceremonia do juramento, se não na Sè, depois de elle ter dado a homenagem e tomado juramento, como adiante se declara.

Da porta para Sé.

Acabado a falla, e a ceremonia do juramento (se se fizer neste lugar) entrarão para dentro, e os Vereadores deixarão as Varas vermelhas, e tomará cada hum aque lhe couber do Palio, pelas sortes, e repartição, que primeiro terão feito na Camara, e dali hirão até a Sé; e nesta mesma Ordem tornarão da Sè atè a casa do Vice-Rei ao pè das escadas, onde se despidirão delle, e tornarão dali juntos a Camara, e ficará o Palio ao Capitão de Guarda.

Ao tempo, que sahir o Cabido com a Cruz a receber o Vice-Rei, que deve ser ao principio da Sé nova. se trouxerem Crucifixo, ou retabulo, ao tempo que deve ler o Padre, hade o Vice-Rei sahir fora do Palio a fazer adoração, e depois de feita se tornará a meter no Palio, e hirão da mesma maneira.

E tanto que chegarem a porta da Sè, deixarão ali o Palio á pessoa de recado, que tenham, e os Vereadores hirão com SS. até os degraos do Altarmór, onde o Capitão lhe hade tomar a homenagem, a qual o Secretario hade lèr, e depois o Chancheler lhe hade dar o juramento.

E acabado este juramento da homenagem, a Cidade lhe dará o seo de lhe guardar os seus privilegios, assim como lhe houvera de dar á porta, como atraz fica dito; e o Escrivão da Camara terá ali o Livro dos privilegios e dos Evangelhos, em que S. S. hade jurar.

Mandar a todos os Meirinhos, que tenham muita conta, e o fazer dar lugar, e afastar agente, e que tragam para isso rotas dobradas.

Mandar a todos os Navios que estiverem no mar, que se embandeirem, e disparem toda a Artilheria que tiverem.

No Caes de Galé para o Baluarte que se ponham algumas pessas de Artilhesia para o tempo, que o Vice-Rei desembarcar darem algumas Camaras boas.

As Galès que estejam descubertas, e embandeiradas.

Mandar aos Mocadões dos Ourives, que se vistão todos muito bem e levem aquelle ouro que lanção sobre Vice-Rei, e hão lho deitar a porta do Canceiro.

O mesmo farão os Pintores que hão de levar alguma invenção.

Os Mercadores dos panos hão de levar seus panos para deitar por cima da gente diante do Vice-Rei.

Aos Lanceiros, e armeiros, que tenham suas portas, e frontarias com muitas lanças, armas, armilhas, e capacetes.

As janelas das ruas, por onde passar o Vice-Rei alcatifadas, e as portas euramadas, e tudo ornamentado o mais ricamente que puder ser. Ordenar quatro Cidadãos, que vão cada hum com cincoenta soldados lustrosos e bem armados e suas bandeiras, pifanos e tambores diante da Cidade receber o V. Rei, e lhe dê salvas de espingardaria.

Huma folia muito extremada e lustrosa de oito pessoas.

Huma Dança de Siganas.—Outra Dança de mourisca.—Outra Dança de reos.

Digitized by Google

Da Porta para fora até o Caes se hão de fazer arcos de ramos e bandeiras.

Da banda do terreiro do Vice-Rei, e assim no terreiro do Sabaio se hão de pôr páos enramados e embandeirados que acompanhem.

Na Capella-mór da Sé da banda do Evangelho junto com a grade hade estar huma alcatifa fina, e cadeira, e coxes para o Vice-Rei.

No dia em que se faz a festa na Igreja de Santa Catharina, a pequena, se ahi for o V. Rei, lhe darão huma Capella de rosas por festa da Bemaventurada Santa Padroeira desta Cidade, assim como se dão em Lisboa a El-Rei no dia de S. Vicente, e a dita Capela será levada pelo Guarda da Camara em huma bacia de prata alçada nas mãos diante dos Vereadores, e em chegando ao V. Rei a tomará aquelle Vereador, que por sorte for ordenado entre elles, e quando a apresentar ao V. Rei na dita bacia, estando todos em joelhos a beijará, e lha metterá na mão dizendo algumas palavras de serviço, e humildade, que o caso offerecer.—Antonio de Souto Maior, Escrivão da Camara o sobscrevy e concertei com o Official aqui comigo abaixo assignado.

Paragrafos 6, 7, 8, 9, 10 do Formulario de 12 de Janeiro de 1707, ácerca do que se pratica em caso do fallecimento dos V. Reis, e na abertura das Vias da sua successão.

Paragrafo 6—Quando morre hum Vice-Rei ou Governador, por ordem e Portaria do Secretario do Estado, se dispõe e prepara todo o funeral, assim do Paço (Palacio) como da Igreja, em que se enterra, e a pompa do mesmo enterro.

§ 7—Ao Secretario do Estado toca mandar chamar e ir com o Vedor da Fazenda, e Chanceller da Relação ao convento de S. Francisco, buscar o Cofre das Vias, de que cada hum tem sua chave, e trazem a Salla Real acompanhado de alguns Soldados da guarda, e Reposteiros.

§ 8—He estillo pôr se o dito Cofre aos pés do Corpo do Vice-Rei defunto, e no enterro o levam Reposteiros de traz da tumba, acompanhado dos Ministros, Vedor da Fazenda, Secretario do Estado e Chanceller; de hum e outro lado Soldados da guarda do Vice-Rei, e diante, hum pouco afastado, o Ouvidor do Crime.

§ 9—Na Igreja antes de se dar Sepultura ao Corpo do Vice-Rei ou Governador, o Secretario do Estado abre o Cofre e lê a Via de Successão e os nomeados no governo se assentam logo nas cadeiras de espaldas.

§ 10—O Secretario manda fazer assentos no Livro, em que se lançam similhantes actos, e atè não serem assignados pelos Governadores e alguns Conselheiros, Prelados, e Fidalgos, não sahem da Igreja os Governadores, e, logo no mesmo dia na salla Real do Paço, tomam o juramentos e dão homenagem nas mãos do Capitão da Cidade, em sua ausencia na do Vereador mais velho, correndo a disposição de todos estes actos e ceremonias pelo Secretario do Estado por suas Portarias somente.

Digitized by Google

Autos de Homenagem, e Juramento (1).

Homenagem

Eu Dom Fr. Aleixo de Menezes, do Conselho de Sua Magestade, Arcebispo desta Cidade de Goa, e Primaz da India e partes Orientaes, faço a presente homenagem em prezença de vos Luis Pereira de Lacerda, do Conselho de Sua Magestade, Capitão desta Cidade de Goa, ao muito Alto, e muito poderoso, Rei e Sr. D. Filippe, Segundo deste nome, pela governança e capitania-mór destas partes da India, de que o dito Sr. me tem encarregado, e dado o Cargo que a tenha, e Governe: farei guerra, e manterei tregoa e paz, segundo por Sua Magestade for mandado, e fôr seu serviço; e não a entregarei a alguma pessoa de qualquer gráo, dignidade, e preheminencia que seja, se não ao dito Sr., ou ao seu serto recado, logo, e sem detença, arte, ou cautella, a todo o tempo que qual quer pessoa me der sua Carta, assinada por Sua Magestade, e sellada com o seu sello e senete de suas armas, da Corôa de Portugal, porque me levante esta presente homenagem, e se acontecer caso que haja tal necessidade, que eu deva de entregar, ou commetter a dita Capitania-mór, e governança a alguma pessoa, para em meu lugar, a governar, em quanto durar a dita necessidade, eu lhe tomarei esta dita prezente homenagem na forma e maneira, e com as clausulas, condições, e obrigações nella conteudas, e eu por isso não ficarei desobrigado desta dita prezente homenagem, e das obrigações e cousas que nella contem; mas antes me obrigo que a dita pessoa a quem assim commeter a dita governança, a tenha, mantenha, e cumpra todas estas couzas, e cada huma dellas inteiramente, de que eu D. Frey Aleixo de Menezes, do Conselho de Sua Magestade, Arcebispo de Goa, e Primaz da India, e partes Orientaes, e Governador deste Estado, por primeira successão, faço a prezente homenagem a Sua Magestade de El-Rei D. Felippe nosso Senhor, segundo deste nome, em prezença de vos Luis Pereira de Lacerda, do Conselho do dito Sr. e Capitão desta Cidade, huma, duas, e tres, vezes, segundo o uzo e costume de seus Reinos e Senhorios, e prometto, e me obrigo, que cumpra, e guarde inteiramente esta dita prezente homenagem, e todas as clausulas, condições, obrigações, e todas as cousas, e cada huma dellas, em ella contheudas, sem cautela, arte, engano, nem falta alguma, em presença das testemunhas, que foram presentes o Bispo de Meliapôr D. Fr. Sebastião de S. Pedro, do Conselho de Sua Magestade, o Licenceado João Ferreira de Andrade, Chanceller deste Estado, Braz Correia, Vedor da Fazenda de Sua Magestade, General da India, o Licenceado João de Frias Salazar, Ouvidor Geral do Crime, e outras muitas pessoas de Fidalgos, e Ministros, adiante assignados; e eu Sebastião Martins o fiz na Sé de Goa, aonde este acto e solemnidade se fez, aos dez de Fevereiro de mil seiscentos e cinco—e eu o Secretario Francisco de Souza Falcão o fiz escrever—*Fr. Aleixo Arcebispo Primaz*—D. Fr. Sebastião, Bispo de Meliapor—Braz Cor-

(1) Estes são os mais antigos autos, que existem, por falta dos livros dos anteriores.

Digitized by Google

reia—André Furtado de Mendonça—Luiz Pereira de Lacerda—Fernão de Albuquerque—Lourenço de Brito—João Ferreira de Andrade—João de Frias Salazar—Joseph de Brito—D. Bernardo de Noronha—D. Jorge de Castel Branco.

Juramento.

Juro aos Santos Evangelhos, que diante de mim tenho, e por minha consagração, que não dei nem darei, nem prometti de dar, nem mandar, nem mandarei cousa alguma a nenhuma pessoa, para me ser dada esta dita Capitania, e governança; nem para ao diante haver de ter; e assim juro que em quanto em mim, e em as minhas forças e juizo fôr possivel, eu servirei o dito cargo e governança bem e fielmente, como o serviço de Deus, e descargo da consiencia de Sua Magestade, e minha cumprir; e trabalharei que o direito e justiça inteira igoalmente se guarde ás partes, sem alguma differença, nem respeito que haja de grandes a pequenos, nem de ricos a pobres, nem dos estrangeiros aos naturaes, por que quanto em mim for sempre procurarei, que a todos se faça e guarde por inteiro, e em especial terei cuidado dos presos, orfãos, viuvas pobres, e pessoas miseraveis, e trabalharei quanto em mim fôr, que todos os negocios, e despachos que a meu cargo pertencerem se despachem, bem justa e brevemente, sem alguma paixão de odio, amor, afeição, parentesco, nem de outros similhantes respeitos; e assim mesmo juro que por mim, nem por interpostas pessoas não receberei dadivas, presentes, nem serviço algum de qualquer pessoa que seja, e quando alguns Reis e Senhores das ditas partes me derem ou mandarem alguns presentes ou dadivas, que pareça que por serviço do dito Senhor, e para evitar escandolo lhes devo tomar, em tal caso, os mandarei logo entregar inteiramente, ao Feitor de Sua Magestade, da Feitoria do lugar onde estiver, e carregar sobre elle em receita pelos Escrivães do seu cargo, e assim com diligencia trabalharei que os Capitães do dito Senhor, Feitores e Escrivães, e quaesquer outros Officiaes de Justiça, como da Fazenda que nestas partes estiverem sirvam seus officios bem e verdadeiramente, segundo seus Regimentos, aos quaes inteiramente, sem mingoa alguma, farei guardar os ditos Regimentos, e Provisões de Sua Magestade, e isso mesmo juro e prometto de guardar inteiramente todas as Ordenações, e Provisões do dito Senhor, e por firmeza de tudo acima e atraz promettido e jurado assinei aqui neste assento, feito no mesmo dia e era, e eu o Secretario Francisco de Sousa Falcão, o fiz escrever.—*Fr. Aleixo Arcebispo Primaz*, o Chanceller João Ferreira de Andrade.

Digitized by Google

SERIE
CHRONOLOGICA
DOS
VICE-REIS E GOVERNADORES GERAES
DO
ESTADO DA INDIA.

Digitized by Google

Digitized by Google

1 Dom Francisco d'Almeida (1)

Do Conselho, e de Corte, Cavalleiro de S. Thiago, com a Igreja do Sardoal em Commenda (2), Vice-Rey da India &c (3).

1505 *Março* 25.—Se embarcou no Caes da Ribeira, na Náo *Jesus*, e sahio do Porto de Lisboa com 22 Embarcações, e 1500 combatentes (4).

« *Julho* 24.—Conquistou, com 500 homens, o Reino de Quiloa, em castigo da perfidia do seu Rei.

Armou muitos Cavalleiros, em premio dos seus feitos.

« —— 26.—Aclamou Rei de Quiloa a Mahamed Ancony, com o mesmo imposto dantes ajustado.

« —— 27.—Lançou os fundamentos, e concluio em 20 dias huma Fortaleza, sob a invocação de *S. Thiago*

« *Agosto* 8—Largou para Mombaça, chegou aos 13, e aos 15 tomou a Cidade, e a incendiou.

Recebeu visita da parte do Rei de Melinde.

« *Setembro* 12.—Chegou a Angediva e construio huma Fortaleza de pedra e barro.

Mandou embaixadores ao Rei de Onor.—Ajustou pazes com o Sambaio—Incutio terror a Calecut.

---

(1)—Filho 7.º do 1.º Conde d'Abrantes, D. Lopo, Barr. Dec. 2. Lv. 3. Cap. 9. p. 344.—Retratos, e Elogios de Varões, e Damas Illustres—Pedro Mariz, Dialogos p. 407.

(2)—Barr. diz na Dec. 2. Lv. 3. Cap. 9. p. 345, que tinha o Habito de S. Thiago, e a Igreja do Sardoal em Commenda, e na Dec. 1.ª Lv. 8. Cap. 6 p. 232 que era Commendador de S. Thiago.—Nos Elog. se lê=Cavalleiro da Ordem de S. Thiago, e Commendador de S. Salvador do Sardoal da *Ordem de Christo*.—Mariz Dialogos o considera Cavalleiro de S. Thiago.

(3)—Faria e Sousa, na sua Azia, Part. 1.ª Cap. 7. § 3. que fora despachado com o titulo de *V. Rei*.—Idem o A. da Historia Genealogica da Casa Real de Portugal Lv. 4. p. 179.—O A. dos Ret. e Elog. que sahira de Lisboa com o titulo de=*Governador e Capitão General*, (aliàs deve ser *geral* segundo a época) para depois usar o de Vice-Rei.—Mariz, que se embarcara com o titulo de *Governador e Capitão Geral*, authorisado para usar do de V. Rei depois de construir certas Fortalezas.—Finalmente Barr. com quanto affirme na sua Dec. 1.ª Lv. 8.º Cap. 3. p. 193, que se embarcara com o titulo de V. Rei, titulo este até alí desconhecido naquelle Reino; todavia affirma tambem no Cap. 10 do dito Livro a p. 281, que usara daquelle titulo em 24 de Out. de 1505, depois de chegar a Cananor.

(4)—O Embarque foi no Caes da Ribeira, segundo Barr. Dec. 1. Lv. 8 Cap. 3. p. 193.—Em Belem conforme Mariz.—No Porto de Lisboa como dizem Far. e Sz., e o A. dos Retr. e Elog.

Digitized by Google

1505 *Outubro* 16—Foi contra Onor, incendiou as Embarcações, que achou no Porto e fez estrago na Cidade.
Admittio Vassalo a Timoja, e deu-lhe *Provisão* (Passaporte) para livre navegação (5).
« —— 24—Chegou a Cananor tomou o titulo de Vice-Rei: e deo providencias para a construcção de huma Fortaleza.
« *Novembro* 1.°—Entrou em Cochim despachou o seu filho contra Coulão, para vingar a morte do Feitor, e outros.
D. Lourenço filho do Vice-Rei tomou completa vingança, incendiando 20 Embarcações no Porto de Coulão.
O Vice-Rei com grande apparato entregou ao Rei de Cochim 3 Obzequios, mandados por EL-Rei D. Manoel (6).
Pedro da Nhaya construio 1 Fortaleza em Sofalla.
1506 *Março* 18.—D. Lourenço, com 11 Vellas, alcançou estrondoza victoria contra 250 Velas de Calecut, em cuja memoria fez construir 1 Ermida em Cananor.
O Vice-Rei mandou demolir a Fortaleza d'Angediva.
Despachou D. Lourenço, com 9 Vellas, para descubrir as Ilhas de Ceilão, e Maldivas: elle chegou ao Posto de Gale, estabeleceo 1 Padrão, e de volta incendiou *Berinião*, em castigo da morte do Feitor de Coulão.
Tristão da Cunha (7) e Affonço d'Albuquerque, Capitães-mores de 2 armadas, na sua derrota para a India conquistaram as Cidades de *Oja*, *Lamo*, *e Brava*, na Costa de Melinde.
Depois do que o Albuquerque armou Cavalleiros a Tristão da Cunha, e ao seu filho Nuno da Cunha.
1507 *Março* 6—Tristão da Cunha chegou a *Socotorá*, tomou a Fortaleza dos Mouros, e deo-lhe o nome de *S. Thiago*, e a Misquita consagrou a *N. S. da Victoria*.
O Vice-Rei soccorreu a Fortaleza de Cananor, cerçada pelo Rei, ajudado pelo Çamorim.
« *Agosto* 27—Tristão da Cunha chegou a Cananor, ajustou a paz com o Rei e foi descercada a Fortaleza.
Affonço d'Albuquerque chegou a Costa d'Arabia, e conquistou as Cidades de *Calayate*, *Curiate*, *Muriate*, *Soar*, *e Orfação*, da dependencia de Ormuz.
« *Setembro* 6.—Chegou a Ormuz, e depois de victoriozo de hum renhido

---

(5)—A *Provisão* para livre navegação a favor de Timoja foi a origem dos *Cartazes* abolidos em 1774.—Vid. Diccionario His.—Adm.
(6)—Os 3 obsequio eram: 1.ª—1 Coroa de ouro, que o V. Rei colocou na Cabeça do Rei: o 2.°—1 Copa do Valor de 600 Cruzados: e o 3.°—1 Padram de tença de 600 Cruz. annuaes, Barr. Dec. 1.ª Lv. 9. Cap. 5.° p. 355.
(7)—Tristão da Cunha havia sido nomeado Capitão-mor da Governança da India; mas antes do embarque tendo perdido a vista, foi substitnido pelo V. Rei D. Fran. de Alm. Barr. Dec. 1. Lv. 8. Cap. 3. p. 193.

Digitized by Google

1507 combate no porto, assignou o tratado de paz com o Rei Ceifadim, com 15$ xerafins de tributo annoal, e logar para huma Fortaleza.
No começo da dita Fortaleza teve lugar a sua celebre resposta aos Embaixadores da Persia, sobre o tributo que pediam d'Ormuz; (8) e mandar pôr dentro do fecho de huma porta o Requerimento dos Capitães (9).
As pazes ajustadas foram quebradas, Affonço d'Albuquerque não podendo continuar a guerra, destruio *Queixome*, e *Meloal*, e foi para Socotará.

» *Outubro* 23.—O Vice-Rei, e Tristão da Cunha, destruiram *Panane*, do dominio de Calecut.

1508 D. Lourenço de Noronha morre pelejando, em combate naval com Mir Hocem, Capitão-mor da poderosa Armada do Soldão do Cairo (10).
O Vice Rei recebeo com a maior resignação a triste noticia da morte do seu filho, mandou curar os feridos, e preparar a armada para destruir a de Mir-Hocem.

» *Agosto* 6.—Affonço d'Albuquerque incendiou a Cidade de *Calaiate* em castigo da perfidia dos seus habitantes.

» *Setembro* 13.—Affonço d'Albuquerque chegou a Ormuz; e não consentindo o Rei continuasse a obra da Fortaleza, bolequeou a Cidade, bateo a guarnição de *Nabande*, fez algumas presas, e largou para a India.

» *Dezembro* 6.—Affonço d'Albuquerque chegou a Cananor, teve algumas differenças com o Vice Rei sobre a entrega da governança.

» ——12—Partio o Vice-Rei de Cananor em busca de Mir-Hocem, com 19 Vellas: ao pe do Tanque d'Angediva dirigio a todos os Capitães hum patetico discurso sobre a empresa a que hiam.

» ——30—O Vice Rei accometteo na sua passagem e destruio a Cidade de Dabul: o combate durou desde as 10 horas da manhãa até as 3 da tarde; o n.° dos mortos dos deffensores subio a mais de 1500, e dos atacantes foi 16, e 220 feridos (11), com que tomou completa vingança da morte do seu filho.

1509 *Fevereiro*—2. O Vice-Rei chegou a Dio, e no immediato atacou a Frota combinada de Mir-Hocem, e Çamorim, e alcançou grande victoria, com morte de 1500 inimigos, e immenso despojo, sendo de maior monta as Bandeiras de Soldão (12).

---

(8)—A Resposta foi entregar a 2 Commissarios alguns pilovros, ferros de lanças, e molhos de settas, com recado aos Embaixadores.=*Que os tributarios do* Rei de Portugal, quando eram requeridos por algum tributo, pagavam naquella moeda.=Barr. Dec. 2, Lv. 2.° Cap. 4 p. 149.

(9)—O Reqerimento era huma queixa para o Albuquerque largar a empresa d'Ormuz. Barr. Dec. 2· Lv. 2. Cap. 5. p· 165.

(10)—Mariz apresenta este facto em Janeiro na Barra de Dabul.

(11)—Mariz diz que foram passados afio de espada, sem consideração ao sexo, nem idade, todos que estavam na Cidade, e incendiadas as quintas; e que esta crueldade ficou em proverbio entre aquella Nação e seus visinhos, e he huma das maiores pragas que rogam aos seus inimigos.=*A ira dos Franguis venha sobre ti, como veio sobre Dabul.*=

(12)—Estas Bandeiras foram mandadas para Portugal, e offerecidas ao Convento da Villa de Thomar da Ordem de Christo. Barr. Dec. 2. p. 309.

Digitized by Google

1509 Em seguida ajustou pazes com Melique Az.—No seu regresso arrecadou as pareas de Nisamaluco.—Reconciliou Timoja com o Rei de Narcinga. Chegou a Cananor, e foi recebido em grande triunfo—Passa para Cochim, e foi tambem recebido com solemne procissão, com Cruz alçada.

» *Setembro.*—Renovam-se as desinteligencias entre o V. Rei, e Affonço de Albuquerque, sobre a entrega da governança.
Alguns Capitães desavindos com o Albuq., com varios Fidalgos aconselham ao V. Rei para não lhe dar posse do governo.

» ——7—O Rei de Cochim, instado pelo V. Rei para mandar dar carga de pimenta, se recusa por não estar entregue o Albuq. da governança.
O V. Rei reune os Capitães, Fidalgos, e Officiaes da Feitoria, e lhes propoem este embaraço.
Os reunidos se dividem: huns opinão que o Albuq. deve ser remettido preso para Portugal, e outros investido na posse do governo.
O V. Rei o faz retirar, como em custodia, para Cananor, e remetter presos para Portugal a Gaspar Pereira (Secretario), e Rui d'Araujo, como autores da discordia.

» *Outubro.* Nos primeiros dias deste mez chegou o Marechal D. Fernando Coutinho a Cananor, com poderes independentes, o qual conduziu a Affonço d'Albuquerque para Cochim.
Affonço d'Albuquerque foi entregue da governaça da India. (13)

» *Novembro* 18.—Partiu o V. Rei para Portugal, tendo ficado embarcado 20 dias, e soffrido disgostos. (14)

1510 *Março* 1.°—O V. Rei n'huma disgraçada sahida na Agonda de Saldanha foi morto ás mãos dos Negros na idade de 60 annos, com a flôr da gente que levava. Dous annos depois Christovam de Brito procurando a sua Sepultura não lhe foi possivel descubrir (15).

---

(13)—Conforme o A. dos Retratos e Elog. o Grande Albuquerque tomou posse em 4 de Novembro.

(14)—Segundo o A. citado o V. Rei partiu em 1.° de Dez.; mas confore Barr. Dec. 2. Lv. 3. Cap. 9.° p. 333, elle largou o Governo no dia 30., ou 31 de Out. por que ficou embarcado 20 dias, e partiu no dia 18 de Nov.

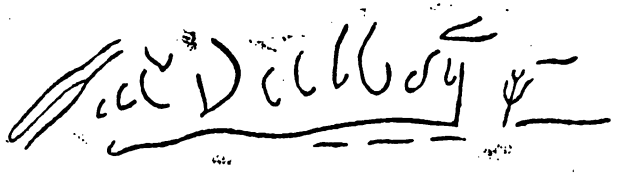
(15)—Barros não aponta a data da morte do V. Rei, a que vai notada he conforme Mariz, e o A. dos Retr. e Elogios—Padre Sousa no Tomo 10 da Hist. Genealog. p. 174 traz o seguinte Epitafio, que está, como diz, na Igreja de Espinheiro em Evora.

Aqui jaz D. Francisco d'Almeida,
primeiro Vice-Rei da India, que nunca
mentio nem fugiu.

O A. dos Retr. e Elog. affirma que El-Rei e a Côrte receberam com magoa a triste noticia daquella morte, que El-Rei a communicara a D. Fernando de Castella; mandara fechar as janellas, e tomara dó.

D. Francisco d'Almeida tinha sido casado com D. Joanna Pereira, filha de Vasco Martins Muniz, Commendador de Panoias, e Garvão na Ordem de S. Thiago, e de D. Aldonça de Cabral, de quem teve 2 filhos, D. Lourenço, morto pelos Rumes, e D. Leonor, casada, em segundas nupcias, com D. Rodrigo de Mello, 1.° Conde de Tentugal, e 1.° Marquez de Ferreira, filho de D. Alvaro, Tronco da Casa dos Duques do Cadaval.

Digitized by Google



2 Affonço d'Albuquerque. (1)

Do Conselho de Sua Magestade, Commendador da Ordem de S. Thiago, Capitão-mor e Governador da India &c. (2).

1509 *Outubro.*—Nos ultimos dias deste mez tomou posse da governança. (3)
Dezembro.—Partiu com o Marechal D. Fernando, em huma Frota, com 1.800 homens, contra Calecut.

1510 *Janeiro* 2.—Chegou a Frota no Porto: em 3 atacaram a Cidade: o combate foi terrivel: o Marechal morre na acção com mais 79, e o Capitão-mór faz parte dos feridos, que passam de 300!

---

(1)—O Grande Alb. foi filho 2.° de Gonçalo d'Alb., Senhor de Villa Verde, e da sua mulher D. Leonor de Menezes, filha de D. Alvaro Gonçalves de Athaide, 1.° Conde d'Authoguià, *Bar. Dec.* 2. *L.* 10 *Cap.* 8. *p.* 194.—Naceo em 1453 na Quinta do *Paraiso* entre as Villas Alhandra, e Villa Franca, *Retr. e Elog.*

(2)—*Do Conselho*, segundo *Mariz*:—*Commendador*, conforme *Far. Sz.*, e o A. dos Retr. e Elog.—*Capitão-mor e Governador*, dizem as CR. do 1.° e 15 de Março 1518, Gab. Lit. Vol. 1. p. 21, e Vol. 2 p. 94, Barros diz *Capitão Geral* e *Governador* Dec. 2.ª L. 3, Cap. 8, p. 324.

(3)—A posse do Governo tomou nos ultimos dias deste mez, pelos fundamentos expostos na nota (14) ao art. precedente.—Affonço d'Albuquerque antes de vir para a India, na idade de 27 annos tinha militado (1480) em soccorro de D. Fernando de Napoles, contra os Turcos.—Depois em Arzila por alguns annos.—Voltando para Portugal foi Estribeiro-mór de El-Rei D. João 2.°—Combateo (1489) contra Mulei Xeque, Rei de Féz.—Voltou depois para Arzila, *Retr. Elog.*—Despachado Capitão-mór de 3 Náos para a India, sahio de Lisboa (pela primeira vez) em 6 de Abril de 1503, chegou a Cochim, e construio 1 Fortaleza, da invocação *de S. Thiago*, e huma Igreja (a 1.ª na India) dedicada *a S. Bartholomeu.*—Entrou nas Terras de *Repelim* e na Ilha de *Cambalão*, e deo aos seus habitantes rigoroso castigo.—De volta combateu com 50 Paraos de Calecut, e victorioso entrou em Cochim—Estabeleceo Feitoria em Coulão, e voltou para Portugal, onde chegou nos fins de Julho de 1504.—Pela 2.ª vez sahio de Lisboa em 6 de Março de 1506, como Capitão-mór de huma armada, para, depois da conquista de Socotorà, succeder ao V. Rei D. Francisco, Bar. Dec. 1 Liv. 7., Retr. e Elog.—O que desta vez praticou fica jà referido no artigo antecedente, vejamos por tanto os seus feito como Governador da India.

Digitized by Google

1510 *Fevereiro* 15.—O Capitão-mór, com 1.600 homens, em 21 Vellas, por conselho de Timoja, veio contra a Goa: deo fundo na Barra, e expedio o seu Sobrinho D. Antonio de Noronha para sondar o Rio, o qual, depois de hum cruel combate, com os 400 Mouros do Castello de Pangim, se senhoria delle (4).

—— 16.—Os principaes da Cidade se offerecem a entregal-a; sob certas condições.

—— 17.—Acceitas as condições, foi recebida a Frota com festas, e os moradores sahindo á praia entregaram ao Capitão-mór as chaves da Cidade, com palavras de confiança, e apresentam-lhe hum Cavallo, sobre o qual elle entrou, como em triunfo, na Cidade (5).

Tomada a entrega, o Capitão-mór fez sahir da Cidade os Turcos, e os Rumes, e lançar pregões para os moradores se recolherem, e viverem como d'antes (6).

O Capitão-mór, além de muita monição, que achou nos Paços de Sambaio, nos Armazens foi encontrar grande numero de *armas, artilheria, enxarcia* para 8 Vellas (Navios), muitos navios no mar, e no estaleiro, e huma estrebaria com bastantes cavallos &c. &c.

Despachou Embaixadores para Persia, Narsinga, e Bengapor.

Fortificou a Cidade, e estabeleceo as convenientes Vigias, e Postos.

Com a noticia do proximo ataque de Idalcão fez prender os principaes Mouros suspeitos, e matar dous delles, que eram traidores reconhecidos, e enforcar os seus cumplices.

Camalcão, Capitão do Idalcão assenta o seu arreal de fronte de Banastarí (S. Thiago), pouco depois chega o Idalcão com 60$000 homens: a Cidade he cercada de todos os lados.

« *Maio* 31—O Capitão-mór não podendo defender-se na Cidade, mandou matar os Mouros prisioneiros, e se embarcou com muito trabalho, e ainda com maior veio postar-se com a sua Frota entre Ribandar e Pangim.

« *Junho*.—Neste logar recebendo continuo damno d'artilheria do Castello (hoje Palacio) de Pangim, n'huma madrugada denodadamente ataca a sua guarnição, reforçada na noute com mais 500 homens, e o toma com morte de 140 dos inimigos, e hum dos seus, que morreu affogado no Rio, saltando de hum para outro barco.

---

(4)—Mariz, e differentes outros Escriptores marcão o dia 17 de Fevereiro como o da 1.ª Conq. de Goa; mas Barros diz que em os 15 daquelle mez, ao meio dia, surgira com a sua Frota na Barra de Goa, e conquistara o Castello de Pangim, Dec. 2. L. 4. Cap. 5. p. 431.

(5)—A entrega destas chaves pelos moradores, a entrada do Albuq., e a sua promessa, foi, certamente, a origem, da entrega das Chaves que o antigo Senado fazia aos V. Reis, da entrada destes, e do juramento que prestavam naquelle acto. Vid. o *Preambulo*

(6)—Estes pregões se assemelham aos *Bandos de perdão*, que se publicavam até 1827, depois da posse dos Governadores, por conseguinte aquelles deram origem a estes.

Digitized by Google

1510 Ao mesmo tempo toma tambem, de assalto, o Baluarte de Bardez (Reis Magos) e se retira com a sua artilheria.

O Idalcão para se certificar da fome que soffriam os da Frota, manda refrescos com o recado ao Capitão-mór=*Que os Cavalleiros havião de fazer guerra aos seus inimigos matando-os a ferro e não a fome.*=O Capitão-mór sabendo do refresco, manda pôr na tolda, e convés huma pipa serrada em duas partes, cheias de vinho, acompanhadas de biscouto: recebido o recado, responde, agradecendo o obsequio, e mostrando o vinho, e o biscouto.=*Que os Portuguezes em quanto tinham de comer não careciam de outros mimos, mas que em lhes faltando, tinham a condição das aves, e folgavam de o ir buscar no campo, que de o receber como encarcerados em gaiola: que como seu amigo lhe mandava dizer, em pago do presente, que acabado o mantimento esperasse pelos Portuguezes; porque ainda que elle não quizesse, os havia de ter por hospedes á sua mesa.*

O Capitão-mór manda a D. Antonio seu Sobrinho para incendiar certos navios de remos, consegue o fim: he atacado, tem logar hum combate desesperado entre os contendores desiguaes em numero: D. Antonio volta ferido e morre quatro dias depois.

Segue a este triste acontecimento a prisão de alguns Capitães, que tiraram das mãos da Justiça hum sentenciado á forca, por causa de huma escrava, sentença que depois mandou executar com todos os apparatos em uso.

« *Agosto.*—Depois de a Frota soffrer toda a sorte de privações, e molestias, por tempo de 3 mezes no Rio de Pangim, sahe de barra fora e vai para Cananor.

O Capitão-mór tendo noticia da Guerra que hum Primo do Rei de Cochim lhe fazia por causa da successão, vai a Vaipè ataca o Contendor na passagem: desbarata a sua gente, e dá por terminada aquella guerra.

« *Novembro.*—O Capitão-mór sahio de Cochim contra a Goa; com 1.500 Portuguezes, e 300 Malabares; em 23 Velas.

Chegado a Onor assiste as vodas de Timoja, ajusta com elle a sua hida com 3 mil homens, faz hum longo discurso aos Capitães, e segue a sua derrota.

—— 24—Fundeou na Barra d'Agonda, e mandou alguns Bateis para dar huma vista a Cidade.

—— 25.—*(Dia de St.ª Catharina V. M.)* Ao toque de alvorada ataca a Cidade e a toma, entrando pela porta da Ribeira (7), com

(7)—A Cidade, pelo que se lê nas Decadas, que extratamos, tinha 4 portas; huma a chamada da *Ribeira*, onde depois foi construida a Capella de Santa Catharina, que na reedificação afastou-se hum pouco do primitivo local: a 2.ª a do *Mandovi* (Alfandega), cujas ruinas se vêm na ultima extremidade do antigo Terreiro do

Digitized by Google

morte de mais de 6$000 dos inimigos, e de 40 e tantos dos Portuguezes, além de muitos feridos. O despojo não passou de huma Estrebaria com muitos e bons Cavallos, muito mantimento, e grande monição de artilheria, polvora, e enxarcea.

Em seguida a victoria mandou curar os feridos, dar sepultura aos Portuguezes mortos (8), e lançar ao Rio os dos Mouros.

Mandou tambem assegurar por pregões aos Gentios (naturaes do Paiz),

---

Paço, ao nascente: a 3.ª denominada de *Nossa Sr.ª da Serra*, e tambem da *despedida dos justiçados*, he a que fica de fronte das ruinas do Convento de S. Domingos. A respeito dos justiçados existe a tradição, que no nicho, que está sobre a dita porta, se celebrava a missa que os justiçados ouvião antes de subirem ao patibulo, colocado logo atraz da cerca do extincto Convento de S. Caetano—a 4.ª, finalmente a que está contigua as ruinas do Serralho do Idalcão, que habitavam os V. Reis, e se chamava *Palacio da Fortaleza*. O estado actual deste *Portal, Portico*, ou *Arco*, cuja perspectiva apresentamos no Frontispicio desta Serie, he devido ao V. Rei D. Francisco da Gama, Conde de Vidigueira, em memoria do seu Vis-avo *D. Vasco da Gama*, Descubridor da India, como se lê no seu Alvarà de 4 de Agosto de 1599, estampado no Boletim deste Governo, n.º 45 do anno de 1851.
Os objectos notaveis deste Portico são as Armas da Coroa de Portugal, a que seguem as do Senado de Goa, (a Roda de St.ª Catharina), logo a Imagem da dita Santa, no primeiro nicho, e a Effigie de D. Vasco da Gama, no segundo, e no intervalo dos nichos a seguinte legenda.

REINĀDO EL R. D. FIELIPE 1.º POS A CIDADE AQUI DOM VASCO DA GAMA 1.º CO MDE ALMIRANTE DESCOBRIDOR E CONQUISTADOR DA INDIA SENDO VIZOREI O CONDE DOM FRANCISCO DA GAMA SEU BISNETO. O ANNO D. 97.
IVLIVS SIMON *ING. MA. INV.*

Na parede do vão do arco, á direita vê-se a Imagem da Sr.ª da Conceição sobrepos ta à Effigie d'El Rei D. João 4.º com a seguinte legenda.

LEGITIMO E VERDADEIRO REI DOM JOAO
4.º RESTAVRADOR DA LIBERDADE PORTUGUEZA

1656.

Ao lado desta Effigie se lê os seguintes 5 versos escriptos por mão Estrangeira, que proximamente visitou as ruinas da Cidade.

ISTA OLIM PRÆCLARA CIVITAS
POSSIDENS MULTA ÆDIFICIA,
ET NON PAUCAS DIVITIAS,
EJUS HABITANTIUM MALITIA
HODIE VIDETUR IN RUINAS!

2 JANUAR. 1852.
Dr. Hart.

(8)—Os Portuguezes mortos, parece que haviam sido sepultados no local que depois foi o corpo da Capella de St.ª Catharina, porque abrindo-se no presente anno (1852) alicerces atraz da actual Capella, que he a redificada algum tanto affastada do primittivo solo, para estabelecer hum contraforte á pareda do fundo, encontrou-se no trabalho grande porção de ossos humanos, os quaes he de persumir que são dos Portuguezes que morreram na entrada daquella Porta, e na Cidade.

Digitized by Google

1511 « *que podiam vir lavrar suas proprias herdades e povoar suas casas como dantes, pagando seu foro, segundo o uso da terra, por quanto elle não tinha guerra com o Gentio natural, se não com os Mouros.*

Recebeo Embaixadores dos Reis de *Onor*, *Narsinga*, *Baticalà*, *Bengapor*, *Melique-Az*, *do El-Rei de Cambaia e de differentes outros Principes do Malabar.*

Mandou construir huma torre (9) á qual poz, o nome *Manoel*, e fez colocar nella huma Lapida, contendo, além da data da conquista, os nomes dos principaes Fidalgos e Capitães, que foram presentes á acção, o que tendo servido de pomo de discordia aos não contemplados, mandou o Conquistador gravar no reverso a seguinte legenda=*Lapidem quem reprobaverunt ædificantes, factus est in caput anguli*;=e assim terminou a disconfiança.

Similhantemente mandou cunhar moeda de *ouro*, *prata*, e *cobre*: á primeira chamou *Manoeis*: á 2.ª *Esperas*, *e meias Esperas*: e á 3.ª *Leaes*, e para aquelle fim estabeleceo Casa, e Empregados, e a arrendou por dous mil xerafins; estabelecimento que ainda permanence.

Casou os Portuguezes com as mulheres da terra, dando-lhes de dote 18$000 reaes (112:2:30), alem de palmares, e herdades, que ficaram dos Mouros (10).

Creou o Senado, com todos os seus lugares e Empregados (11).

Nomeou *Capitão para Cidade*—*Alcaide-mór*, *Feitor*, *Escrivão da Feitoria*, *e Capitão para o mar da Cidade* (12).

« *Abril*.—Estabelecido o governo da Cidade, e provido a sua defensão com 400 Portuguezes, o Capitão-mór vai para Cananor, prove do necessario a sua Fortaleza, e parte para Cochim.

« *Maio* 2—Regulada a administração e defeza da Fortaleza desta ultima Cidade, parte para Malaca com 1.400 homens d'armas, sendo 800 Portuguezes, em 19 Embarcações.

Na sua digressão toma 5 Náos de Mouros: fundea no Porto de *Pedir*, da Ilha de Sumatra: he visitado pelo Rei, a quem confirma a

---

(9)—A Torre era construida nas immediações d'antiga Alfandega (Mandovi) sobre a entrada do foço do lado do nascente.

(10)—A destribuição dos bens dos Mouros foi depois regulada por OR. de 15 de Mar. de 1518, e 28 de Dez. de 1519. (Gab. Litt. Vol. 2. p. 94).

(11)—O Senado de Goa que se denominava *Cidade* teve os privilegios do de Lisboa, em 1633, e tinha na sua gerencia as obras da fortificação &c.

(12)—O Posto de *Capitão da Cidade* durou até 1771: o 1.º foi Rodrigo Rebello de Costello-branco.

Os Logares de *Alcaide-mor*, *Feitor*, e *Escrivães* tiveram outras denominações com a creação do Tribunal dos Contos.

O Titulo de *Capitão de mar da Cidade* aparece mudado em *Capitão-mór dos Rios de Cidade*, na Carta Patente de 27 de Março de 1685: o qual foi depois substituido pelo de *General dos Rios*, e acabou com o ultimo José Dionizio Carneiro de Sousa e Faro, fallecido em Janeiro de 1840.

Digitized by Google

1511 paz concedida por Diogo Lopes; mas discontente delle por não entregar hum traidor, passa para *Pacem*, onde he visitado tambem pelo seu Rei.

« *Julho* 1.°—O Capitão-mór, depois de varios sucessos pelo caminho ancora com a sua frota no Porto de Malaca.

Manda em seguida publicar hum *Mandado* seu *(Bando)*, prohibindo aos Navios Estrangeiros sahirem do porto, sem sua licença. He visitado pelos Chijs (Chinas) dos Navios ancorados.

« —2—Recebe visita da parte do Rei: não consegue a entrega dos prisioneiros, manda incendear as varandas, e casas que estão sobre o Rio, com que obtem os presioneiros pedidos.

O Rei pede paz, e o Capitão-mór accede ao pedido, dando-lhe lugar para huma Casa forte.

« —24—(*Vespera de S. Thiago.*) O Capitão-mór não obtendo o lugar, ataca a Cidade, e, depois de hum renhido combate, senhoria-se da ponte, melhor defença della, acomette os defensores e Elefantes de outras estancias, poem-os em completa debandada, e se retira ás Embarcações.

« *Agosto* 8—Acomette novamente a Cidade com 800 Portuguezes, e 200 Malabares: derrota os defensores em diversos recontros, fica Senhor della, e a entrega á saque por 3 dias.

Acabados os dias do saque, estabelece o Governo da Cidade, dividido entre os Gentios e Mouros. Desbarata o Principe que se fortificava em Batam.

Faz construir huma Torre sob a denominação de *Famoza*, e huma Igreja da invocação de *Senhora da Annunciada.*

Manda lavrar moeda de estanho fino; *Dinheiro, Soldo, Bastardo,* De Prata, *Malaquezes*: De ouro, *Cahtolico*; e publicar o seu curso, com grande aparato.

1512 Faz justiçar a Ultimotiraja, seu filho, e genro, por traidores.

Recebe Embaixadores de *Java, Sião* e de outros Reinos, e manda os seus ao *Rei de Pegú*, e Agentes para descubrir as Ilhas de *Maluco, e Banda.*

Finalmente nomea Capitão para o commando da Fortaleza, e governo da Cidade: crea Alcaide-mor, Feitor, Almoxerife e mais empregados necessarios para a administração da Fazenda.

Para a segurança da Cidade deixa em terra pouco mais de 300 homens de armas, e no mar huma armada de 10 Velas com 300 homns.

Assim estabelecido o governo, a segurança, e a administração da Cidade, o Capitão-mór se embarca para Goa, apesar das vehementes representações dos conquistados..

Na continuação da viagem soffre hum perigoso naufragio nos baixos de *Aru*, onde perde 2 leões de metal, obra primorosa, e de sua maior estima, do qual salvo, com a tripulação, chega a *Cochim.*

Digitized by Google

1512 Nesta Cidade tendo noticia do cerco de Goa pelo Idalcão, dá immediatas providencias que cabiam no tempo.

Em seguida se embarca em soccorro dos sitiados: chegado a Goa foi recebido com grandes solemnidades: manda logo preparar o necessario para hum ataque geral ao inimigo.

» *Abril* 2—Poem em acção diversos meios, e consegue d'hum lado apoderar-se do Castelle de *Benastarim*, com grande perda dos defensores, e d'outro desbaratar completamente o grande poder do sanhudo Idalcão (13).

Estando no goso da victoria recebeo embaixadores do *Preste-João*, e *do Rei de Ormuz*: e ajustou paz com o Rei de Calecut.

1513 Tendo de partir para o Estreito de mar Roxo regulou a administração, e o governo do Estado, e deo ordens e providencias para o seu embarque.

» *Fevereiro* 18.—O Capitão-mór embarcou para o mar Roxo, levando huma Frota de 20 Velas, com 1.700 Portuguezes, e 800, entre Canarins, e Malabares.

Na sua derrota tocou em *Soco*, na Ilha de Socotora onde tinha se construido huma Fortaleza.

Chegando a Adem accometteu a Cidade, á escala, com 1.000 Portuguezes e 400 Malabares.

O empenho de cada hum quer subir primeiro causa confuzam, e traz desordens.

O combate dura 5 horas, não podem continuar por causa da maré, voltam então para as embarcações sem completa victoria, e senhores apenas de 27 Bombardas de ferro.

Tres dias depois, queimada as Embarcações dos Mouros surtas no Porto, o Gapitão-mór manda largar as velas para a Estreito, objecto principal da sua viagem.

A penas assoma as suas Portas manda embandeirar a Frota, e salvar com toda a artilheria, em satisfação de haver navegado o decantado Estreito, até ali incuberto aos marcantes Christãos.

No seguinte dia levanta o ferro e vai largal-o de fronte da Ilha *Gibel Çocor*, onde toma 2 Naos Mouras e as fez queimar.

---

(13)—Depois de Conquistado o Castello de Benastarim impoz-se-lhe o nome de *Fortaleza de S. Thiago*.—Segundo a tradição, sustentada por alguns monumentos, que existem, foi debaixo da Igreja de Corlim que Aff. de Alb. acampou a sua gente, onde ainda se nota hum logar de 5 covados em quadro lageado, com 2 degraos, tendo no centro huma peanha de cruz, o qual logar se diz fora a sepultura commum dos Portuguezes, que morreram no combate da sobre dita Fortaleza.—Algumas Cruzes de pedra colocadas em certas distancias, sem serem de via-sacra, são tambem apresentadas como monumento da epoca de que se trata, e huma d'entre ellas, que em 1841 alcançamos com hum azulejo representando a imagem de S. Thiago, como indicativo do logar em que primeiro appareceo S. Thiago, em vizão, aos Guerreiros, em cuja memoria se dera o nome á Fortaleza.

Digitized by Google

1513 Seguindo a viagem para a Ilha de Camarão dá sua Náo em huns bancos de areia, que ficaram depois com o nome de *S. Maria da Serra*, que era o da Náo (14).

Maio—Nos primeiros dias deste mez chega a Ilha demandada: aprisiona no seu porto 4 Naos: a Ilha achou quasi deserta.

Com destino de ir a *Judá* volta para o mar, mas os ventos sendo contrarios arriba á mesma Ilha.

Tornando a sahir para o mar, teve logar a aparição da Cruz da côr vermelha, cuja descripção se lê na Dec. 2. L. 8. Cap. 2. p. 285.

Ainda desta vez não podendo seguir a viagem, volta á mesma Ilha de Camarão e ali inverna.

Junho 15.—O Capitão-mór tendo colhido aqui deversas noticias, sobre prisioneiros portuguezes em Adem: construcção de 15 Embarcações em Suez: susto dos habitantes de Judá: e escripto ao Xeque de Adem sobre o resgate dos prisioneiros, e a S. Magestade, por terra, sahio da Ilha de Camarão destruindo-a de todo.

Chegado a Ilha de Mehum, mudou-lhe o nome em *Ilha de Vera Cruz*, Mandou descubrir a Cidade de Zeila, e seguio sobre Adem.

Agosto 4—Em Adem fez o damno que póde a Cidade: tomou alguns navios: quemou varias Povoações, e largou para India.

——16—Dobrou o Cabo de Jaquete, e foi surgir no Porto de Dio.

Nos 3 dias que demorou neste Porto recebeo grandes obzequios e offerecimentos de Melique-Az, Sr. daquelle districto, sem com tudo se encontrarem pessoalmente.

Finalmente, sob a fé dos offerecimentos, deixou em Dio 1 Feitor, e 1 Escrivão, para fazerem carga de biscouto, e outros mantimentos e largou para o mar, onde Melique-Az, foi comprimental-o em huma frota de 100 Embarcações de remos, e se despidíram amigos.

O Capitão-mór na sua chegada a Chaul vai ali achar, de volta, o seu Embaixador ao Rei de Cambaia, na companhia do que este enviova com as suas cartas e o prezente de hum cavallo coberto de laminas de aço.

O Rei de Cambaia, apesar das solicitações em contrario de Melique Az, concede ao Capitão-mór logar em Dio para huma Fortaleza, dando-lhe hum igoal em Malaca, e restituindo-lhe a Náo *Mery*, o que o Capitão-mór concedeu, ainda que com pesar.

Tendo o Capitão-mór sabido neste Porto que muitas Náos Mouras carregadas de especiaria estavam por hum temporal, arribadas em diversas paragens, sahio immediatamente em busca dellas, e houve a mão algumas com que veio para Goa.

---

(14)—O Grande Alb. em agradecimento a *N. Sr.ª da Serra*, a quem se havia encomendado, por lhe haver livrado do perigo, em que se achou, mandou construir á sua custa a Igreja da invocação da mesma Senhora, onde elle depois foi sepultado, e hoje serve de Cemiterio á Sé Primacial.

Digitized by Google

1514 Ajustou a paz com o novo Çamorim de Calecut: concluio a Fortaleza, e a proveo de Capitão, Feitor, e Escrivão.

Despachou as Náos para Portugal, com o Embaixador do Rei de Calecut, levando grandes presentes a El-Rei D. Manoel.

Nas mesmas fez tambem embarcar outros presentes de muitos Principes: os Cativos e Cativas de diversas partes, especialmente do Estreito, para ter informação daquellas terras: os Abexins das terras do *Preste João*, dando conta sobre o estado da India, e sua conquista.

Em Malaca retirado o seu Conquistador, Pate-Quetir começou hostilidades: foi batido, e incendiada a sua fortificação em Upí.

Pate-Quetir renova as hostilidades e obtem vantagens: a Cidade he apertada pela guerra e fome: chega o soccorro mandado pelo Conquistador: o Pate-Quetir he destruido e foge para Java.

Pate-Unus, Principe de Java aparelha huma grossa armada contra Malaca: a Cidade se prepara para resistencia: chega o agressor, não se resolve a acometter, nem desembarcar, e se retira: vai em seu seguimento Fernão Peres, e desbarata completamente a poderosa armada, com espanto de todo aquelle oriente.

O Capitão-mór, occupado com a correição das Praças, e Fortalezas, despachou o seu Sobrinho Pedro d'Albuquerque com huma armada para arrecadar as parens de Ormuz, e descobrir a Ilha de Baharem: e Embaixadores para o Rei de Cambaia, e ao Idalcão.

Pedro d'Albuquerque, pelo caminho, tomou 10 Náos mui ricas, fez desembaraçar as Terradas do Rei de Ormuz, apresadas por Mir Bubai: arrecadou as parens de Ormuz, e voltou para Goa.

O Embaixador de Cambaia voltou tambem sem conclusão sobre o logar para Fortaleza em Dio.

O Capitão-mór recebeu Embaixador de Xaque Ismael, Rei da Persia, pedindo paz e amizade.

O Capitão-mór depois de visitar todas as Fortalezas, e provel-as do necessario, e dar providencias para o despacho das Nàos do Reino, mandou aparelhar a armada para a sua viagem para Ormuz.

1515 *Fevereiro* 20.—O Capitão-mór faz reunir a bordo da sua Náo, na barra d'Agoada, os Capitães e pratica com elles sobre as Ordens de S. Magestade, de ir para Ormuz, e Mar Roxo, a qual das duas partes *devia ir primeiro*, e resolvido por todos que era para Ormuz.

« 21—Fez de vella levando comsigo 1.500 Portuguezes, e 700 entre Canarins, e Malabares, em 27 Velas.

« *Março*—26—Chegou a Ormuz, onde foi visitado da parte do Rei com prezentes e refrescos.

« 28—Ajustou-se paz entre o Capitão-mór, e o Rei de Ormuz, e logo a entrega da Fortaleza principiada d'outra vez.

Recebeo Embaixador do Rei da Persia com grandes presentes a El-Rei D. Manoel, e ao Capitão-mór, o qual foi recebido com aparatozo ceremonial, nunca d'antes visto naquellas partes.

Digitized by Google

1515 Em seguida, o Capitão-mór consegue matar o Tirano *Raez Hamed* opressor do Rei de Ormuz; e dar-lhe a liberdade de que carecia, e dest'arte evitar as inquietações que receava.

Fez acabar a Fortaleza, e nomeou por seu Capitão a Pedro d'Albuquerque, e todos os mais empregados necessarios.

Despachou o seu Sobrinho D. Garcia para Cochim, para preparar a Carga das Naos do Reino, e remetteo por elle para Goa os celebres cegos de Ormuz (15).

« *Setembro*—15—O Capitão-mór deu-se por doente de Camaras, que padecia desde o mez precedente, e 11 dias tendo estado recolhido occasionou suspeitas que ja não vivia, o que obrigou a receber a todos que o quizessem ver.

Agravando-se a sua molestia fez reunir todos os Capitães, expoz-lhes o seu estado, e a necessidade que havia de nomear huma pessoa que lhe succedesse, em caso do seu falecimento, no que todos convindo prometeram estar pelo que elle fizesse, do que se fez auto por Pedro Alpoem, em que todos se assignaram, e em segredo nomeou o seu Sobrinho Pedro d'Albuquerque para lhe succeder (16).

Por conselhos dos Medicos tendo-se deliberado a vir para Goa, o Rei o foi visitar, e chorando se despidio delle.

O Capitão-mor dando todas as mais providencias que julgou necessarias para a segurança da Fortaleza, se embarcou *sem rumor*.

Depois do embarque tendo corrido a voz de o haverem embarcado morto, o Rei mandou 2 Terradas em seu seguimento e Hacem Alle para o visitar, o qual alcançou-o na altura de Calaiate, e este passo do Rei deo muita satisfação ao Capitão-mór.

No seguimento da viagem, por huma Embarcação Moura, vindo no conhecimento da chegada do seu Successor e outras noticias que lhe foram desagradaveis, ficou muito magoado (17).

---

(15)—Em Ormuz, o Reinante, segundo a usança, por conveniencia propria ou para socego do Reino, fazia cegar os irmãos, e outros parentes, que podessem disputar-lhe a governança. O meio de os *privar da vista era pôr-lhes ante os olhos huma bacia de arame accendida.* A esta classe pertenciam os cegos que o Capitão-mór transferio para Goa com recommendação para dar-lhes Casa, e o necessario para a sua mantença, para evitar as perturbações, que elles promoviam, não obstante de estarem cegos.

(16)—Tal vez este facto seja o que deo origem á nomeação de Governadores interinos na auzencia dos Proprietarios da Capital.

(17)—A sua magoa foi tão pungente que expressou:

„ Lopo Soares por Capitão-mór da India! Este he, e não podia ser outro, e Diogo „ Mendes, e Diogo Pereira, que eu mandei presos para o Reino por culpas que tí„ nham, El-Rei nosso Senhor os torna cà mandar, hum por Capitão e Feitor de „ Cochim, e outro por Secretario! Tempo he de acolher à Igreja, e assi fico eu mal „ com El-Rei por amor dos homens, e mal com os homens por amor d'El-Rei. „

Digitized by Google

1515 Apaixonado como estava com a noticia referida, expressava repetídas vezes: *Tempo he de acolher á Igreja* e com as que lhe deu Joannes Impole na altura de Dabul se agravaram grandemente os seus soffrimentos.

« *Dez*—6—Escreveo huma Carta a El-Rei, e foi a derradeira (18).

« —— 16—O Grande Albuquerque chegou a barra de Goa, e deixou de existir pelas cinco horas de manhãa, tendo de idade 63 annos! No mesmo dia sendo desembarcado (vestido no manto da Ordem de S. Thiago) e recebido em terra pelo Capitão da Cidade, Fidalgos, e mais habitantes, entre lagrimas e soluços foi sepultado na Igreja de N. S. da Serra, sua fundação.

---

(18)—O seguinte he o theor da sua Carta, que extrahimos do Encyclopedico, da qual aproveitamos tambem o Fac-Simile da sua assignatura, que apresentamos no principio deste artigo.—„ Eu não escrepvo a Vossa Alteza por minha mao porque quando esta faço tenho muito grande saluço que he sinal de morrer. Eu senor dexo qua esse filho por minha memoria aquem dexo toda minha fazenda que he assaz de pouca mas dexo lhe a obrigação de todos meus serviços que he muy grande, as couzas da India ellas fallarao por mim e por ellas dexo, a India com as principaes cabeças tomadas em vosso poder sem nella ficar outra pendença senao cerrar se muy bem a porta do estreito, isto he o que me Vossa Alteza encommendou, eu senor vos dei sempre por concelho pera segurar de lá a India hirdes vós tirando de despezas peço a Vossa Alteza por merce que se lembre de tudo isto e que me faça meu filho grande e lhe de toda saptisfaçao de meu serviço, todas minhas confianças puz nas maos de Vossa Alteza e da Senora Rainha a ellas me encomendo que façao minhas couzas grandes pois acabo em couzas do vosso serviço e por ellas volo tenho merecido, e as minhas tenças as qnaes comprei pela maior parte como Vossa Alteza sabe. Beijar-lhei as maos pollas de meu filho. Escripta no mar a seis dias de Dezembro de 1515—Feytura e servidor de Vossa Alteza *Affonço d'Albuquerque.* „—

O Grande Albuquerque não era casado; mas o filho de quem falla era natural, a quem tendo deixado o seu nome e herança Sua Magestade lhe fez mercê de 300.000 reaes de juro e o casou com D. Maria, filha de D. Antonio de Noronha, Escrivão da Puridade d'El-Rei D. Manoel, e filho do Marquez de Villa-Real o qual D. Antonio foi depois elevado a *Conde de Linhares* por El-Rei D. João 3.°—Bar.

Nos Retr. e Elog. se lê de mais o seguinre—O El-Rei D. Manoel tanto que soube da sua morte, arrependido de não ter remunerado os seus merecimentos, antes haver condescendido com seus calumniadores, fez deixar ao seu filho o nome de *Braz*, para tomar o de *Affonço*, em memoria do Pai.

Bem diligencias fez, diz o mesmo A. dos Ret. e Elog. Pedro Correa, para transportar para Portugal os restos mortaes do Grande Alb., como lhe recommendara no seu testamento, mas El-Rei D. Manoel nunca lhe permittio, dizendo, que *tinha com elles a India segura, em quanto nella permanecessem*; mas que passados 51 annos foram levados para Lisboa, sendo necessario grandes escomunhões para que os moradores de Goa o não quizessem impedir, como antes impediam; e chagando no dia 6 de Abril de 1566 foram levados à Casa da Misericordia, e dalli com grande solemnidade, e acompanhamento de muitos Fidalgos, e Prelados, conduzidos em procissão à Igreja do Convento da Graça da Ordem de St.° Agostinho; e em 19 do mez de Maio celebraram-se-lhe alli grandes Exequias. Daqui os pertendeo mudar o seu filho para a Igreja de S. Simão d'Azeitão, que havia mandado edificar no termo da Villa de Coimbra, mas ainda permanecem naquelle Convento, se bem que mudados da Capella-mór para a Casa de Capitulo, sem epitafio!!

Digitized by Google

3 Lopo Soares d'Albergaria. (1)

Do Conselho d'Estado de Sua Magestade, Capitão-mor, e Governador da India &c. (2).

1515 *Abril* 7.—Sahio de Lisboa com 1.500 homens d'armas, além dos marcantes, em 13 Náos, trazendo comsigo muitos Regimentos para a administração do Estado.

Setembro 8.—O Governador passando por Moçambique chegou a Goa, e tomou logo a entrega da governança (3).

« —— 20.—Partio para Cochim, e de caminho visitando as Fortalezas deixou nellas os Capitães que levava. Chegado a Cochim não recebeo bem o Rei nem na primeira, nem nas posteriores entrevistas (4). Teve tambem desinteligencias com D. Garcia de Noronha, que partio logo para Portugal.

1516 *Janeiro*—Despachadas as Náos do Reino, Lopo Soares sahio para Goa, visitando pelo caminho o Rei de Calecut, e expedindo neste Porto huma Náo grossa com mantimentos para Ormuz.

« *Fevereiro*—Chegou a Angediva, por arribada, e daqui despachou a D.

---

(1)—Filho 3.º do Doutor Ruy Gomes d'Alvarenga, Chanceller-mor do Reino, Bar. Dec. 3. L. 1. Cap. 1. Retr. e Elog.—Mar.—Fur. e Sz.

(2)—Bar., Dec. 3. L. 1. Cap. 1., dá lhe o titulo de *Governador e Capitão Geral da India*—Mar.—*do Conselho d'Estado de Sua Magestade* Capitão-mór e Governador do Estado da India.—Na sua despedida diz o A. dos Retr. e Elog., referindo-se a Resende que El-Rei lhe dissera=*Lopo Soares, eu os mando a Mina não sejaes tão peco que venhaes de la pobre.*—

(3)—He de presumir que a posse do Governo tomou por si, na ausencia de Aff. de Alb. em Ormuz, porque deo immediatamente varias providencias, posses de differentes cargos, &c. Bar. D. 3. L. 1. Cap. 1.

Lopo Soares antes de vir governar a India, segundo affirma Bar., e o A. dos Retr. e Elog. já tinha vindo a ella sahindo de Lisboa em 22 de Abril de 1504, como Capitão-mór de 13 Náos, com 1200 combatentes escolhidos. Chegado a India se propoz igualar nos feitos ao grande *Duarte Pacheco*. Não quiz acceitar a paz, nem os preciosos donativos do Camorim e varejou dous dias successivos a Cidade de Calecut, com horroroso estrago, deixando-lhe arrasados muitos edificios, e mortos mais de 1300 pessoas! A instancia do Rei de Cochim deo sobre Cranganor e a destruio a ferro e fogo, ganhando contra os Malabares, e seus aliados completa victoria.—Igual victoria alcançou em Pandarane destroçando 17 Náos grandes de Mouros: vaidoso com estes feitos voltou para o Reino, e chegou a Lisboa em 22 de Julho 1506.—

(4)—A pouco attenciosa recepção da parte de Lopo Soares ao Rei, fizeram que este expressasse o seguinte=*Lopo Soares trata-me a sua vontade, e por isso eu farei a minha na Feitoria d'El-Rei de Portugal*; e *Affonço d'Alburquerque tratava-me a minha, e por isso fazia quanto queria em meu Reino.*—Bar. Dec. 3. L. 1. Cap. 1.

Digitized by Google

1516 Aleixo de Menezes com algumas Velas para dar vista á Costa d'Arabia, saber da armada dos Rumes, e invernar em Ormuz. Chegado a Goa dedicou-se a dar providencias para o governo da Cidade, e despachar a Fernão Pires d'Andrade para China, e concluido tudo isto voltou para Cochim para invernar.

Nesta Cidade, como em outras Fortalezas, mandou fazer grandes apercebimentos para no verão ir para o mar Roxo.

1517 *Janeiro*—Despachadas as Náos do Reino, se embarcou Lopo Soares para Goa.

« —— 31—Chegou a Goa e proveo com o necessario para a sua viagem, e guarda das Fortalezas.

« *Fevereiro* 8—Fez de vela para o mar Roxo, levando huma Frota de 37 Embarcações, com 1.200 Portuguezes, e 800 Malabares, além de 800 marcantes.

« —— 28—Chegou a Socotorá, dalí feita a agoada, passou para a Cidade de Adem, onde o Capitão Miramerzam o recebeo com muitas festas, mandando-lhe logo entregar as chaves della, dizendo que a queria ter em Nome d'El-Rei de Portugal, e Lopo Soares, vendo a facilidade com que se lhe entregava a Cidade, reservou a sua posse para volta, e largou o Porto com os refrescos e Pilotos.

« *Março* 9—Na noute precedente perderam-se 2 Velas que ficaram sossobradas, e neste dia desappareceram mais 2, com o vento furioso que apanharam.

Lopo Soares, amainado o vento, seguio sua derrota para a Ilha de Camarão, onde não achando a armada dos Rumes encaminhou-se para a Cidade de Judá.

Em Judá, por causa de ventos contrarios, teve de ficar por 12 dias entre bancos: no Porto recebe o Governador hum cartel de desafio singular de Raez Solimão, o qual despreza; finalmente não podendo desembarcar foi invernar na Ilha de Camarão. Desta Ilha despacha 2 Caravellas para a Costa do Alexij em busca das 4 Velas desaparecidas da sua Frota, e para tomar o Porto da Ilha de Maçua.

Dada esta providencia vai sobre a Cidade de Zeila, toma-a á força de armas, e a queima.

« *Agosto* —Chega a Cidade de Adem, com o fim de tomar posse della, prover-se de mantimento, e agoada; porem tendo-se mudado as circunstancias, apenas conseguio, durante os 10 dias que esteve no Porto, algumas pipas de agoa.

Deste Porto fez de vela contra a Cidade *Barbora*; tendo apanhado levantes fortes, e correntes de igual theor, e sobrevindo a este trabalho *huma trovada* (chuva), ficou a frota dispersa, tomando cada Vela o Porto que pôde, com a gente por perecer á fome e sede.

« *Setembro* 10—Lopo Soares com 10 ou 12 Embarcações chegou a Calayate, e daqui expedio a Lopo de Vila-lobos para Portugal em hum

Digitized by Google

1517 Caravelão, (5) com as noticias do que passara no Estreito: a Lopo Soares para Ormuz a prover algumas couzas: e a D. Aleixo para Goa, acompanhando os doentes, para dar ordem á carga das Náos do Reino.

As outras Embarcações soffreram grandes desastres, e mortes, em Melinde, Moçambique, Socotorá &c; de sorte que nem antes, nem depois se vio huma tão grande frota desbaratar-se completamente sem pelejar!

Durante a auzencia de Lopo Soares foi morto pelo povo o Feitor de Chaul, com mais 19 Portuguezes.

Em Goa D. Gotterre de Monroy (Sobrinho do Governador), Capitão da Cidade, e encarregado do seu Governo, por alguns recentimentos que tinha de Acostam, Capitão de Idalcão em Pondá, manda sobre elle alguma gente de cavallo, commandada pelo Alcaide-mór João Machado.

O Capitão da empreza acha porfiada resistencia na sua entrada em Pondá, o combate se torna renhido: morre o Capitão com mais 50 de cavallo e de pé, alèm de 27 prisioneiros todos Portuguezes, e dos Nativos passam de 100, entre mortos e feridos.

Idalcão sabendo do successo, manda a Sufo Larim cercar Goa com 30$000 homens, inclusive 4$000 de cavallo.

O Capitão da Cidade se prepara por mar e terra para a defeza: repete com vantagem varios ataques.. O cerco he levantado, em Setembro, com a chegada de Antonio da Silveira, e outros Capitães com 6 Náos, e assentada a paz por Sufo Larim, de ordem do Idalcão.

Em Malaca, com a posse de Jorge de Brito, novo Capitão, e Regulamentos por elle promulgados, occorreram muitos disturbios serios: e a despoação da Cidade, que não pode remediar com todas as promessas que fez.

Pouco depois morre de molestia o Capitão, deixando por seu successor a Nuno Vaz Pereira, Irmão da sua mulher, que servia de Alcaide-mór, e nomeando em seu lugar a seu Sobrinho Antonio de Brito.

Estas substituições occasionam novas perturbações, partidos, e desordens serias, e escandolosas, que animaram ao Rei de Bintam para dar vista com as suas Armadas á Cidade.

Lopo Soares na sua volta para Goa acha aqui Fernão d'Alcaçoa provido em Vedor da Fazenda, com amplissimos poderes, em vista dos quaes o Governador ficava tendo apenas sobre a Guerra e Justiça.

Disgostoso Lopo Soares desta nomeação passa para Cochim, para

---

(5)—A'cerca deste Caravelão diz Bar. Dec. 3. L. 1. Cap. 6.—„ O qual Caravelão veio: e foi huma das cousas que então se vio da India por milagrosa, por ser tão pequena vasilha, que como por cousa maravilhosa nos templos se poem huma pele de Lagarto cheia de pulha, por se ver quão grandes os cria a terra de Africa, assim dizião todos que El-Rei houvera de mandar dependurar aquelle Caravelão por memoria de quam pequena cousa viera da India.„

Digitized by Google

1518 onde vai tambem o Vedor da Fazenda, tem entre si desavenças sobre o provimento das Náos, e Fernão d'Alcaçoa se retira para Portugal (6). Lopo Soares, desembaraçado das Náos, despachou a D. João da Silveira, para as Ilhas de Maldiva, afim de ter pazes com o seu Rei: a D. Aleixo de Menezes, para a Malaca: a Manoel de Lacerda para Dio; e a Antonio d'Saldanha, com huma armada de 6 Velas para a Costa d'Arabia.

Antonio de Saldanha deo sobre a Cidade Barbora, e achando-a despejada lançou fogo aos seus edificios.

« *Setembro* — Lopo Soares partio para Ceilão para fazer huma Fortaleza, levando comsigo 700 homens d'armas, em huma frota de 17 Velas.

Chegou Lopo Soares, depois de huma arribada, ao Porto de Columbo, com toda a sua frota.

Mandou visitar o Rei, de quem obteve licença para construir a Fortaleza projectada.

Os Mouros sabendo da licença conseguiram mudar o Rei, e se prepararam para embaraçar o desembarque com armas na mão.

Lopo Soares atacado no desembarque, se defende corajosamente e faz despersar os Mouros com mortes de parte a parte.

O Rei sabendo do resultado pede paz, imputando aos Mouros todo o sucedido.

A paz foi acordada, sob as condições que o Rei acceitou, de ser vassallo do Rei de Portugal, e pagar de tributo annoal 300 bahares de Canela (1200 quintaes), 12 anneis de rubins e çafiras, e 6 Elefantes para serviço de Cochim.

« *Novembro*—Concluido o tratado, que foi gravado em laminas de ouro, e as obras da Fortaleza, a que deu o nome de *N. Senhora das Vertudes*, e nomeando por seu Capitão a D. João de Silveira, seu Sobrinho, e dando as de mais providencias para a sua segurança, e guarda do Parto de Columbo, partio para Cochim.

« *Dezembro* 20—Chegou a Cochim, onde veio achar o seu Successor *Diogo Lopes de Sequeira*, a quem, com as solemnidades usadas, entregou o governo, e passou para Cananor e dali para Portugal (7).

Neste anno Fernão Peres d'Andrade, descubrio a enseada de Bengala, e a Costa da China.

---

(6)—As desavenças entre o Governador e Vedor, e a retirada deste, custaram ao primeiro a honra, fazenda, e muito trabalho, e alguns Capitães tiveram tambem seu quinhão: pois que foram demandados pelo Procurador da Fazenda, e perderam seus ordenados, e deo origem à accusação que se fazia a todos os Governadores depois de recolhidos ao Reino, excepto os que morriam. Bar. Dec. 3. L. 1. Cap. 16. p. 97.

(7)—De Cananor partio Lopo Soares em 20 de Janeiro e chegou a Lisboa mais opulento dos bens, do que de gloria ou fama. Teve duas filhas legitimas; a 1.ª casou-se com D. Affonço de Vasconcellos e Menezes, 2.º filho e herdeiro de D. João de Menezes e Vasconcellos, 2.º Conde de Penella, a qual não deixou successão. A 2.ª casou-se com D. Fernando d'Almada, de quem procedem os Condes d'Almada.

Digitized by Google

4 Diogo Lopes de Sequeira. (1)

Do Conselho de Sua Magestade, Almotacel-mor do Principe D. João, Alcaide-mor da Villa Alandroal, Capitão-mor e Governador da India &c. (2).

1518 *Março* 18—Partio de Lisboa com 1500 homens em 9 Velas (3).

,, *Setembro* 8—O Governador chegou a Goa, tendo estado alguns dias em Moçambique e de Goa; se embarcou para Cochim, por saber que o seu antecessor ia para Ceilão.

De Baticalá, por os ventos serem contrarios, aviseu a Lopo Soares da sua chegada, mas o aviso tendo chegado na tarde do dia em que havia partido Lopo Soares, ficou a prevenção frustrada.

O Novo Governador chegado a Cochim foi alli recebido com muitas festas; mas elle, em reverencia ao seu antecessor, tomou essa particular, e não exerceo o logar até a vinda de Lopo Soares.

Depois da chegada de Lopo Soares ainda teve com elle muito primor nos comprimentos.

Depois da posse mandou bloquear a barra de Baticalá por estar levantado o seu Governador, e não querer pagar as pareas, e construir huma Fortaleza nas Ilhas de Maldiva; e, dadas diversas providencias, passou para Goa, provendo na passagem nas cousas das Fortalezas de Calecut, Cananor, e Baticalá.

Chegado a Goa despachou Antonio de Saldanha para andar na Costa d'Arabia e invernar em Ormuz: e Simão de Andrade para a China.

1519 Antonio Correa assentou paz com o Rei de Pegú, com grande solemnidade (4).

Entrou depois no Rio Muar, e foi ao Pago, e desbaratou ao Rei de Bintão, que alli estava.

---

(1)—Filho de Lopo Vaz de Siqueira, que tivera tambem a Alcaidaria-mòr da referida Villa.

(2)—Do Conselho de S. Magestade,—Capitão-mòr e Governador da India he o titulo, que lhe dá a C. R. de 28 de Dezembro de 1519., Vid Gab. Litt. Vol. 2. p. 97.

(3)—Diogo Lopes de Sequeira tinha vindo a India em 1508, sahindo de Lisboa em 5 d'Abril para o descubrimento de Malaca: chegou a Ilha de S. Lourenço: tratou aliança com os Reis de Pedir, e Pacem: houve vista da Ilha de Nicobar, descobrio a famosa de Sumatra: e escapado de ser morto á traição em Malaca, e voltou para Portugal onde chegou em 1510, Retr. e Elog.

(4)—A solemnidade alludida veja-se na Dec. 3.ª L. 3. Cap. 4. que he curiosa.

Digitized by Google

1519 Duarte Coelho assignou paz com o Rei de Pacem.

João Gomes fez huma Estancia de madeira em Maldiva, e principiando a Fortaleza de pedra foi morto pelos Mouros.

1520 *Janeiro* 2—O Capitão-mór Diogo Lopes partio de Cochim para Goa, passando por Cananor, Calecut, e Baticalá, e dando ás suas Fortalezas todas as providencias para a sua segurança e mantença.

« *Fevereiro* 13—Se embarcou para o Estreito do Mar Roxo com huma frota de 24 Velas, levando 1.800 Portuguezes, além de Malabares e Canarins, ao todo 3.000 armas (5).

« *Março* 17—O Capitão-mór entrou no Estreito, e não podendo abordar ao Porto de Judá seguio a viagem.

« *Abril* 10—Chegou a Ilha de Maçua (6) onde teve entrevistas com o Capitão do Arquico, com os Religiosos do Mosteiro de Visão, e com o Barnagaz, Capitão de Preste João, Imperador d'Abassia, com quem ajustou paz; finalmente depois de despachar Embaixador para o dito Imperador, largou as Velas para a Ilha de Dalaca.

« *Junho* —Chegado ao seu Porto, e achando a Ilha sem habitantes, mandou derrubar algumas casas notaveis, largar fogo as de mais, e navegou para Adem, e dalli foi invernar em Ormuz.

« *Agosto* —Diogo Lopes na sua derrota para a India chega a Dio, e não podendo construir alí huma Fortaleza, veio para Goa.

Dando nesta Cidade as providencias indispensaveis, foi para Cochim, onde mandou aparelhar o necessario para ir contra Dio.

Durante o inverno deste anno Ruy de Mello, Capitão da Cidade de Goa, tomou posse das Tanadarias da Terra Firme, aproveitando da guerra de Chrisna-Rao com o Idalcão.

1521 *Janeiro* O Capitão-mór se embarcou contra Dio com huma grossa frota de 48 Velas.

« *Fevereiro* 9—Diogo Lopes chegou ao Porto de Dio, e ali, depois de varias tentativas não podendo conseguir, por mutua vontade, construir a Fortaleza, nem entrar na Cidade, foi invernar em Ormuz.

« *Maio* 15—Diogo Lopes chegou a Ormuz.

« *Junho* 15—A pedido do Rei de Ormuz mandou a Antonio Correa, com 400 Portuguezes, em 7 Velas, e 3 mil entre Parses e Arabios, a soldo do dito Rei, contra Mocrim, Rei de Baharem, por não pagar as pareas ajustadas.

« *Julho* 27—Antonio Correa chega ao Porto demandado; acomette e desbarata a gente do Rei, que cheio de feridas morre 8 dias depois; faz incendiar 140 terradas; manda para Ormuz a cabeça do Rei Mocrim; concede paz aos habitantes da Villa de Catif, dependencia do

---

(5)—Diogo Lopes nesta ausencia deixou por Governador a D. Aleixo de Menezes, o que serviu depois de baze para igoaes nomeações.

(6)—Ilha da dependencia de Preste João; tinha 40 Cisternas d'agoa, das quaes 16 com o comp. 6 braças, de largo 3, e de alto 2½, e as outras eram menores

Digitized by Google

1521 Reino conquistado; e dando as precisas ordens para a sua segurança, se recolhe para Ormuz.

« *Setembro*—Diogo Lopes, nomeando Empregados Portuguezes para a Alfandega de Ormuz, e dando outras providencias, volta contra Dio.

Não podendo levar a effeito o projecto de construir huma Fortaleza em Madrefaval, nem acommetter Dio, por ficar incendiada a Embarcação de provisões de guerra, dirige-se para Chaul.

Nesta Cidade acha de volta Fernão Camelo com licença de Nizamaluco para construir huma Fortaleza em Chaul, do que assigna Diogo Lopes o contrato com o Governador da mesma Cidade.

Tendo-se dado principio a Fortaleza, Melique-Az de Dio manda muitas Fustas para impedir a obra.

« *Dezembro* —Diogo Lopes concluida as principaes obras da Fortaleza, nomea seu Capitão a Henrique de Menezes, e se embarca para Cochim.

Antes de sahir ao mar teve de lutar com as Embarcações de Melique-Az, das quaes desembaraçado teve, na altura de Dabul, encontro com D. Luis, Irmão do seu successor, de quem ficou agravado por não o tratar com as attenções devidas ao seu cargo, e idade, finalmente chegado a Cochim deo posse da governança da India a D. Duarte de Menezes, aos 22 de Janeiro, e se embarcou nesse mesmo dia para Portugal (7).

Durante o anno de 1521 Antonio Correa, de ordem de Diogo Lopes, metteo de posse ao Rei de Pacem, desapossado por hum Vassalo seu: construio huma Fortaleza, e fez tributario o mesmo Rei.

Manoel Pacheco destruio com huma Náo huma numeroza frota dos Achèns.

A Fortaleza de Coulão soffreu terrivel cerco posto pela Rainha do mesmo Reino, de combinação com o Çamorim.

Deu-se principio a Fortaleza de Ternate. Finalmente Antonio Correa houve completa victoria sobre as 17 Fustas, com que Melique-Az queria impedir a Obra da Fortaleza de Chaul.

---

(7)—Diogo Lopes chegou a Portugal com 8 Velas carregadas de especiaria.—Elle era casado 2 vezes; a 1.ª com D. Maria Freire, filha de Nuno Fernandes Freire, de quem teve 1 filho; e pela 2.ª com D. Maria de Vilhena, filha de Rui Barreto, Sr. da Quarteira, Alcaide-mòr de Faro, e Vedor da Fazenda do Reino do Algarve, de quem teve 3 filhos, conforme a Hist. Genealog. T. 11 p. 457, e T. 12 p. 137.—Diogo do Couto Dec. 7. L. 8. p. 13. Falleceo na idade de 64 annos, e jaz na Ermida da invocação de N. S. da Consolação, junto a Villa do Alandroal, cuja Imagem levou da India, e a letra do seu Epitafio diz o seguinte: „ Aqui jaz *Diogo Lopes de Sequeira*, do Conselho de El-Rei Nosso Senhor e seu Almotace-mòr, e Capitão-mòr que foi da India, filho de Lopo Vas de Siqueira, e de D. Cicilia de Menezes, falleceo de 64 annos na era de 1530 annos, aos 14 dias do mez de Outubro. „—As armas de *Diogo Lopes* são em campo azul 5 Vieiras de ouro em aspa extendidas de preto, timbre cinco penachos de premeio com huma Vieira no meio. Ret. e Elog.

Digitized by Google

5 *Dom Duarte de Menezes.* (1)

Do Conselho de Sua Magestade, Capitão-mor e Governador da India &c. (2).

1522 *Janeiro* 22—Tomou posse da governança da India; tendo aliás chegado mezes antes, sahindo de Lisboa em 5 d'Abril do anno antecedente, com 12 Velas (3).

Em seguida a posse, despachou algumas Velas ao seu Irmão D. Luiz a Chaul onde estava, para, provendo a segurança da sua Fortaleza, soccorrer a Cidade de Ormuz, por se haver levantado o seu Rei, e morto os Portuguezes, que moravam fora da Fortaleza, e esta com apertado assedio.

Simão d'Andrade, de caminho para Chaul por Capitão da Fortaleza, tomou 2 Galès de Rumes de Dio acolhidas no Rio de Dabul, e impoz a esta Cidade a obrigação de pagar 2 mil xerafins annuaes de pareas.

O Rei de Ormuz não podendo vencer os sitiados n'hum combate naval, em que perdeo muita gente e embarcações, se retira para a Ilha de Queixome, e manda incendiar a Cidade.

« *Março* 11—D. Luis de Menezes tomou a Villa de Soar.

» *Junho* 1—D. Luis depois de estar alguns dias em Ormuz, entretido com visitas, e recados do novo Rei, foi para a Ilha de Queixome onde estava o mesmo Rei.

Ajustou pazes com o Rei, sob as condições de elle voltar e povoar Ormuz, pagar as pareas de 20$000 xerafins annuaes: o que à conta dellas devia, e indemnizar os prejudicados na ultima revolta.

» *Setembro* 16—D. Luis depois de terminadas as desordens de Ormuz chegou de volta a Chaul trazendo consigo huma Não Moura, que tomou no caminho.

Neste mesmo mez recebeo D. Duarte, estando na Sé ouvindo a pre-

(1)—Filho e herdeiro de D. João de Menezes, 1.º Conde de Tarouca, Prior do Crato da Ordem de S. João do Hospital, e Capitão da Cidade de Tanger em Africa, Mordomòr, e Alferes-mór d'El-Rei D. Manoel. Bar. Dec. 3. L. 7. Cap. 1.—Mem. Genealog. p. 569.

(2)—O titulo apresentado he conforme *Mar.*

(3)—D. Duarte antes de vir para India havia militado em Tanger, onde esteve por Capitão.—A demora para tomar posse teve por motivo da auzencia de Diogo Lopes, e a Provisão que este tinha para largar o governo no dia que se embarcasse para Portugal, Bar. Dec. 3. L. 6. Cap. 10. e L. 7. Cap. 1.

Digitized by Google

1522 gação do Bispo D. Fernando, a triste noticia do fallecimento d'El-Rei D. Manoel.

Na tarde desse mesmo dia mandou lançar pregões, ordenando que todos tomassem dó, e o dessem aos seus escravos, e que não ficasse Mouro ou Gentio que o não tomasse, sob graves penas (4).

Mandou tambem levantar na Sé huma Eça, e fazer com a maior solemnidade esequias pela Alma d'El-Rei. Em seguida mandou fazer dous Autos; hum denominado de *Quebra escudo*, denunciando o fallecimento d'El-Rei; e o outro *da aclamação* do seu Successor.

Estes autos foram repetidos em todas as Praças e Fortalezas subordinadas a este Governo.

O Rei de Ormuz, como Vassallo, e os de Cananor, e Cochim como servidores, tomaram luto.

« *Novembro* 25—O Rei de Ormuz largou a Ilha de Queixome e voltou para Ormuz, por diversas causas que a isso lhe obrigaram.

Chegou D. Duarte a Ormuz: sucegou o Rbino, que fez pousar: impoz ao Rei nova obrigação de pagar mais 30,000 xerafins de pareas por anno: despachou Embaixadores ao Rei da Persia.

D. Luiz na volta do Estreito do Mar Roxo, deo sobre a Villa de Dofar, e mandou saquea-la.

As terras firmes (Salcete, Pondá, e suas dependencias) que haviam tomado Rui de Mello, depois de alguns combates, voltaram á posse do Idalcão.

1523 De ordem de D. Duarte descobrio Manoel de Frias a sepultura, e os restos mortaes do Apostolo S. Thomé, em Maliapór.

Martim Affonço de Mello Coutinho, foi mandado á China para ajustar paz, e construir huma Fortaleza.

1524 O Rei de Bintam mandou huma Frota contra Malaca, a D. Sancho que havia sido mandado contra ella, por hum temporal, e ataque dos Mouros, perdeo muita gente, e se recolheo a Malaca.

Soccorreo Pacem, onde grandes desastres soffreram D. Sanches e outros, que o acompanharam.

« *Dezembro* 4—largou a governança ao seu Successor D. Vasco de Gama e se embarcou para Portugal (5).

---

(4)—Este Bando e os actos e ceremonias, que lhe seguiram, são a baze do que se pratica ainda hoje em taes casos.—Os Mouros e Gentios por Bando do antigo Senado traziam sobre o fato do Corpo na trunfa, ou tapiço huma tira preta em demostração do mesmo luto.

(5)—A entrega foi por meio d'Auto, he o primeiro que aparece—D. Duarte era casado com D. Felippa de Noronha, filha de Simão Gonsalves da Camara, 3.° Capitão donatario do Funchal, e teve 1 filho.—As suas Armas—O Escudo repartido em 6 partes: na 1.ª hum Estoque em Campo d'ouro: na 2.ª quatro barras encarnadas em campo d'ouro: na 3.ª dous Lobos em campo d'ouro na ordem debaixo das barras, os Lobos, e as barras, e no meio do Escudo o dos Menezes, em campo d'ouro hum annel. Mem. Genal. p. 579.

Digitized by Google

6 Dom Vasco da Gama. (1)

Do Conselho de Sua Magestade, 1.º Conde da Vidigueira, Almirante do mar e V. Rei da India &c. (2).

1524 *Abril* 9—Sahiu de Lisboa para a India, pela terceira vez, com 14 Velas, e 3 mil homens de peleja (3).

« *Agosto* 14—Chegou a Moçambique, onde depois de se prover do necessario largou para a India.

Na Costa da Cambaia tendo as Embarcações soffrido, de noute, hum subito tremor, que causou terror e confusão aos navegantes, o intrepido Almirante sucegou-os dizendo—*Amigos, prazer e alegria, o mar treme de nós, e não hajais medo, que isto he tremor da terra.*

Seguindo a viagem tomou huma Náo Moura.

« *Setembro* 5—Surgio no Porto de Chaul com a dita Náo, a qual produsio mais de 60$000 cruzados.

Assumiu nesta Cidade o titulo de V. Rei, segundo a Ordenaça,

---

(1)—Filho de Estevam da Gama, Alcaide-mór de Sines e Silves, Commendador do Seixal, e Veador da Casa do Principe D. Affonço, e de D. Isabel Sodre, filha de João de Resende, Provedor das Vallas de Santarem.

(2)—O titulo que apresentamos he conforme a Carta para a entrega da governança, datada de 25 de Fev. 1524, Barr. Dec. 3. L. 9. Cap. 2.—Similhantes Cartas tiveram depois o nome de *Carta de Crença*—Nos Retratos aparece a condecoração de Cavalleiro da Ordem de Christo; mas como della não tratam as Decadas, deixamos de fazer effectiva menção disso.

(3)—D. Vasco da Gama já d'antes tinha vindo 2 vezes para a India—a 1.ª tendo 28 annos de idade, como Capitão-mór de 4 Náos e *Discubridor* da India, sahindo de Lisboa em 8 de Julho 1497. Seguindo a viagem, depois de varios e arriscados trances, dobrou o Cabo Tormentoso, e discorrendo por Moçambique, Mombaça, e Melinde, aportou em Calecut, Cidade do Malabar, aos 20 de Maio de 1499, depois de 11 mezes que havia partido. Passando mais de 2 annos e quasi 2 mezes chegou a Lisboa a 29 d'Agosto, levando somente 50 homens dos 170 que trouxera comsigo, onde foi recebido com pompa e solemnidade de festas, com que El-Rei quiz celebrar a sua chegada, e em remuneração do seu alto serviço lhe conferio o pronome de *Dom*, para elle, e seus descendentes, e mil escudos de renda annual; concedeu-lhe mais trazer no meio das suas Armas as Quinas Reaes Portuguezas. A derrota desta viagem, extrahida do Roteiro do mesmo Vasco da Gama, publicado em 1838 pelos Senhores Kopke e Costa Paiva, veja-se no Gab. Litter. Vol. 1. p. 10.—A 2.ª em 1502 por Capitão-mór de huma grande frota, nomeado *Almirante dos mares Indicos.* Desta vez fez guerra ao Rei de Calecut, celebrou tratado com o de Cochim e Cananor, fez tributario o de Quitoa, tomou na Costa do Malabar a grande Náo *Mery* do Sultão do Cairo, e voltou para Portugal levando o primeiro ouro, de que El-Rei mandou fazer huma Custodia, e a doou ao Real Mosteiro de Belem.

Digitized by Google

1524 que trazia de o tomar na 1.ª Fortaleza da India a que chegasse (4).
« 12—O V. Rei sahio de Chaul, e chegou a Goa nos fins deste mesmo mez, onde foi recebido com grandes solemnidades na auzencia de D. Duarte em Ormuz.

O V. Rei começou desde logo a entender-se dos negocios do governo: proveo a Capitania da Cidade: deo ordens para a sua administração: determinou que não deixasse sahir em terra a D. Duarte, e o fizesse logo partir para Cochim, afim de cedo se retirar para Portugal, finalmente se embarcou para Cochim.

Na sua viagem tocou em Cananor, e meteo de posse da Fortaleza ao Capitão que levava comsigo: recebeo do Rei hum Corsario Mouro, e o mandou deixar a bom recado até a segunda ordem.

Partido desta Cidade foi ter a Calecut: mandou participar ao Rei, que estava no Sertão, a sua chegada, para socegar os disturbios havidos entre o Capitão da Fortaleza e os Mouros, que o temiam pelos feitos passados, e duvidavam da sua vinda.

Retirado daqui, na altura de Cochim, veio ao seu encontro D. Luis de Menezes, para o comprimentar: em terra foi recebido com grande pompa e solemnidade devida ao seu alto cargo.

De Cochim, apenas chegado, fez partir as provisões necessarias para Calecut, e Embarcações ligeiras para bater as dos Mouros, que havia encontrado pelo caminho, e o V. Rei ficou vingado.

Em seguida despachou huma Armada de 6 Velas, para castigar os Mouros do Malabar, a qual destruio 40 paráos.

Ordenou a Fernão Gomes de Lemos, Capitão da Fortaleza de Ceilão, que a derribasse segundo as ordens de S. Magestade, e se retirasse.

Mandou a Simão Lodré com 4 Velas ás Ilhas de Maldivas, contra os Mouros, que faziam guerra aos nossos amigos, e impediam as provisões das Armadas, a qual desbaratou 6 Fustas, e apresionou duas.

Despachou igualmente a Fernão Martins de Sousa, com hum navio e huma fusta para a Costa de Melinde.

Deu ordens para preparar huma grossa Armada com o fim de mandar o seu filho D. Estevam ao Mar Roxo.

Fez reforçar a Armada de Jeronimo de Souza, com 2 Galiotas, para

(4)—A respeito do titulo de V. Rei diz Barr. na sua Dec. 3. L. 9. Cap. I.=„ Imitando nisto (El-Rei D. João em mandar usar do titulo quando chegasse a primeira Fortaleza da India) o modo que El-Rei D. Manoel seu Pai teve, quando mandou D. Francisco d'Almeida áquellas partes, que não se intitulou deste nome senão depois que lá foi, e ora he esta dignidade mais corrente e barata na India. A qual não medrou Affonço d'Albuquerque que andando nella nove annos, com leixar a este Reino tres Fortalezas feitas as mais importantes daquellas partes; nem menos Nuno da Cunha, que fez outras tres, e governou aquelle Oriente dez annos e se o mereceram, ou não, esta nossa historia, e quantos nella vão nomeados são testemunha.=„

Digitized by Google

1524 andar na paragem de Calecut, o qual com esta providencia pelejou no rio de Barcelor, com 80 paraos dos Mouros, carregados de especiarias, dos quaes aprisionou 12.

« *Novembro* —O V. Rei, achando-se bastante doente, reunio as principaes pessoas, e mandou lavrar hum Auto, pelo qual encarregou do governo a Lopo Vaz de Sampaio, Capitão da Fortaleza da Cidade de St.ª Cruz de Cochim, durante a sua molestia; e em caso do seu fallecimento para servir de Governador até á chegada do nomeado nas vias, se estivesse auzente.

Para firmeza desta sua disposição fez jurar os circunstantes, prometendo a sua execução, apezar do seu escrupulo, por o V. Rei não haver tomado entrega da governança, pela auzencia de D. Duarte.

« *Dezembro* 4—Com a chegada de D. Duarte, o V. Rei tomou a entrega da governança da India, de que se fez o competente auto, e se retirou D. Duarte para Portugal, como já fica dito (5).

« —— 24—O V. Rei não podendo resistir ao mal fisico, agravado com os soffrimentos do espirito, que sobrevieram á posse do governo, terminou os seus dias, havendo 3 mezes e 20 dias que estava na India, e foi sepultado no Mosteiro de S. Francisco da mesma Cidade (6).

Em seguida, abertas as vias de successão, achou-se nomeado D. Henrique de Menezes, Capitão da Cidade de Goa, a cuja disposição enviou Lopo Vaz 5 Velas, e a Provizão da sua successão ao Governo.

---

(5)—Este auto da entrega do governo he o primeiro que aparece, e por elle se regularam os subsequentes, como se conhece comparados com os que ainda existem.

(6)—D. Vasco da Gama tinha sido casado com D. Catharina d'Ataide, filha d'Alvaro d'Ataide, Senhor de Pena Cova, e Alcaide-mór d'Alvor, e de D. Maria da Silva, a qual era filha de Pedro Gonsalves Malafaia, Rico homem, Vedor da Fazenda dos Reis D. João 1.º e D. Duarte, e Embaixador por 2 vezes a Castella: do qual Consorcio teve D. Francisco da Gama, (2.º Conde da Vidigueira, de quem procede a Casa dos Marquezes de Niza)—D. Estevam, D. Paulo—D. Pedro da Silva—D. Alvaro—D. Christovam—e D. Isabel d'Ataide, casada com D. Ignacio de Noronha, filho e herdeiro do 1.º Conde de Linhares.—Segundo se lê nos Retr. Elog. o V. Rei foi sepultado na Capella-mór do Mosteiro de St.ª Antonio.—Os seus restos mortaes foram levados para Portugal, segundo as suas ordens, por seu filho D. Pedro da Silva, onde El-Rei lhes fez tributar grandes honras que nunca se deram a pessoa particular. Jaz no Convento do Carmo da Villa da Vidigueira na Capella-mór da parte do Evangelho, e em huma Pedra embebida na parede se lê o seguinte Epitafio

Aqui jaz o Grande Argonauta D. Vasco da Gama, primeiro Conde da Vidigueira, e Almirante das Indias Orientaes, e seu famoso discubridor.—Retr. e Elog.

As suas Armas são 10 escaques de ouro e vermelho, 3 peças em faxas, e 5 em palla, e as peças vermelhas acoticadas com 2 faxas de prata e no meio hum Escudo das Armas Reaes, e por timbre hum Naire de centura para cima vestido a modo da India, com hum Escudo das mesmas armas na mão. *Mem. Genal.* p. 175.

Digitized by Google

7 Dom Henrique de Menezes (1).

Capitão-mor e Governador da India (2).

1525 *Janeiro* 17—D. Henrique Capitão da Cidade de Goa, sabendo da sua successão, dadas as convenientes ordens, se embarcou para Cochim (3).

« —— 26—Chegou a Cananor: foi visitado da parte do Rei: sentenceou á morte, regeitando 30 mil xerafins offerecidos, o Corsario Mouro, que o V. Rei tinha mandado conservar seguro.

Em seguida fez incendiar Tramapatam, sede dos Corsarios; despachou a Fernão Gomes de Lemos sobre a barra de Mangalor, para embargar a sahida de cento e tantos paráos carregados de especiaria, e se embarcou para Cochim.

De passagem deo vista a Calecut: proveo do necessario a Fortaleza: e fez adiantar hum Catur com aviso ao Capitão, e Vedor para o não receberem com festas por causa do fallecimento do V. Rei, nem lhe darem o tratamento de *Senhoria*.

« *Fevereiro* 4—D. Henrique chegou a Cochim: deo ordens para a promptificação de huma Armada: e fazer alardo da gente de armas.

Recebeo embaixada do Rei de Calecut pedindo paz, a quem respondeo que breve lá iria.

« —— 18—Partio D. Henríque com huma Armada de 50 Velas, de diversos portes, com 2 mil homens.

« —— 25—Chegou a Panane: deo sobre a Cidade e a destruio completamente: incendiou os Navios surtos no rio: fez recolher grande numero de bocas de fogo: e largou sobre Calecut; levando de menos 9 que morreram na peleja, e mais de 40 feridos.

« —— 27—Em Calecut mandou lançar fogo a 10 ou 12 Embarcações, que estavam no Porto, e incendiar a Cidade por diversos lados.

Depois deste castigo dado a Calecut, passou a Coulete, onde involvido em hum grande combate contra 20$000 defensores, obteve a victoria com morte de 15, e 48 feridos.

« *Março* 11—Largando Coutele chegou a Cananor onde se vio com o Rei, e depois de aparatosos cumprimentos, e offerecimentos de presentes de parte a parte, e de ter despachado diversas expedições, voltou para Cochim.

Antonio de Miranda d'Azevedo tomou no Estreito varias Embar-

---

(1)—Filho de D. Fernando de Menezes, de alcunha o *Roxo*, alcunha que tambem se dava ao filho.

(2)—Não consta que tivesse outro titulo.

(3)—Antes de vir para a India tinha militado com fortuna em Africa nos Reinos de Fez e Marrocos, conforme Barr., e foi o 1.° que succedeo nas vias de successão.

Digitized by Google

1525 cações, sendo huma dos Portuguezes alevantados, que foram inforcados, e desterrados, segundo a gravidade das suas culpas.

O Çamorim de Calecute, com vistas de tomar a nossa Fortaleza, mandou pedir paz, sob condições inadmissiveis.

« *Junho* 13—Sitiou a Fortaleza, e começou de a abater: os sitiados se viram em extremo aperto, e já lhes tinham morrido mais de 50.

« *Setembro* 20—Chegou D. Henrique com 1.500 homens em 20 Velas para soccorrer os sitiados.

Depois de varios e debatidos conselhos, fez meter gente na Fortaleza, desembarcou e completamente desbaratou o inimigo: recebeo Embaixada pedindo tregoas por 4 dias, para ajustar paz.

Concedidas as tregoas não se acordou na paz, e D. Henrique fez picar e minar a Fortaleza, e depois de embarcado largou fogo ás minas, com que fez arrazar a Fortaleza, dentro da qual morreram muitos Mouros, que haviam entrado em busca do que ali achassem.

O Çamorim sabendo tudo isto, e persuadido que a paz se não verificara por culpa do delegado, pôz toda a sua sanha sobre elle, e mandou cortar-lhe a cabeça.

1526 *Janeiro*.—Chegado a Cochim despachou 5 Naós para Portugual: a Antonio da Silveira para observar as fortificações de Dio, para ir contra ella: a Heitor da Silveira com 6 Velas para o Mar-Roxo, o qual fez tributarios os Mouros de Maçua em 300 x.^{o}, e os de Dalaca, em 3 mil.

D. Henrique com consentimento do Rei de Cochim deo principio a murar a Cidade, com concurso dos habitantes; mas esta obra ficou inutilizada com a morte do seu autor.

D. Henrique, não obstante estar doente de huma perna, sahio de Cochim com 17 Velas, com destino de ir sobre Dio; pelo caminho foi por si castigar alguns Paraos, que se tinham mettido no Rio de Maim, e na sua volta achou-se agravado do mal que soffria.

« *Fevereiro* 21—Recolheo-se na Fortaleza de Coulão bastante mal.

Despachou armadas para pontos indispensaveis: incumbio do governo da terra a Simão de Menezes, seu Primo, Capitão da Fortaleza; e o do mar a Antonio de Miranda d'Azevedo; declarou naquelle acto que deixava escrito em hum papel quem lhe devia succeder, se fallecesse, durante a auzencia de quem fosse nomeado nas Vias.

« —— 23—Falleceo D. Henrique na idade de 30 annos, e foi sepultado com as devidas honras na Capella de S. Thiago na Igreja de Cananor junto ao Altar-mor da parte do Evangelho (4).

---

(4)—D. Henrique fallecco nos fins de Jan. de 1526, seg. Cout. Dec. 4. L. I. Cap. I. Elle era casado com D. Guiomar da Cunha, filha de Henrique de Figueiredo, de quem teve D. Diogo, D. Simão, D. Antonia, que casou com D. Antonio filho 2.º do C. de Abrantes, e D. Catharina. Os seus proprios nimigos fizeram justiça à sua rectidão, e governo. Vid. Bar. Dec. 3. L. 10. Cap. 10.

Digitized by Google

8 *Lopo Vaz de Sampaio* (1).

Do Conselho de Sua Magestade, Commendador da Ordem de Christo, Capitão-mor e Governador da India, &c. (2).

1526 *Fevereiro* 23—Não apparecendo a nomeação feita pelo Capitão-mór, de quem o devia substituir, como fica dito, abrio-se a 2.ª Via de successão, das 3 trazidas pelo V. Rei, e achou-se nomeado *Pero Mascarenhas*, que estava por Capitão de Malaca.

Assombrados os circunstantes com este successo, porque o nomeado não podia chegar antes de hum anno: a India estava em guerra aberta com os poderosos Reis de Calecut, e Cambaia; e ameaçada de invazão, pela formidavel Armada, que o Grão Turco aparelhava no Mar Roxo, resolveo-se, em conclusão de hum mui debatido conselho, a abertura da 3.ª via.

Antes de se proceder a ella, juraram todos os Fidalgos concorrentes, como estava assentado, que obedeceriam a Pero Mascarenhas, logo que voltasse, e não á pessoa que governasse pela 3.ª Successão, do que se fez o competente auto, assignado por todos.

Aberta a 3.ª Via, e achando-se nomeado Lopo Vaz de Sampaio, que estava por Capitão de Cochim, todos os Fidalgos foram áquella Cidade e lhe entregaram a governança condicionalmente, para elle a entregar a Pero Mascarenhas quando elle voltasse, e assim o jurou Lopo Vaz com toda a solemnidade, do que se fez o competente auto, assignado por elle e por mais Fidalgos, que ratificaram o juramento prestado em Cananor.

Lopo Vaz, apenas tomou a posse do governo, proveo a Capitania de Cochim em D. Vasco d'Eça, seu Sobrinho por mulher: despachou Jorge Cabral, para a Ilha de Maldiva, ás presas: finalmente se embarcou com 7 Velas para correr a Costa e alimpal-a de ladrões, que a infestavam (3).

---

(1)—Lopo Vaz de Sampaio, denominado *o das differenças*, foi filho de Digo de Sampaio, Senhor de Anciães, Villarinho, da Castanheira, e Linhares &.

(2)—Commendador, conforme o A. dos Retr. e Elogios, e a Falla do proprio Lopo Vaz, que abaixo copeamos. Lea-se nos Retr. e Elog. o artigo relativo ao referido Lopo Vaz.

(3)—Lopo Vaz já antes de vir para a India, pela 1.ª vez, tinha militado com grande fortuna n'Africa, e mercedo a tença de 15 mil reis. Pela 1.ª vez elle veio a India em 1512, e se distinguio em Banastarim, e em Adem.—Pela 2.ª vez quando veio havia sido agraciado com a referida Commenda, e em 1518 era já *Cavalleiro do Conselho*. Retr. e Elog.

Digitized by Google

1526 Avizado em Cananor que no Porto de Baeanor estava enserrada huma grossa Armada de Çamorim, aparelhado como cumpria, foi sobre ella e obteve completa victoria, destruindo-a toda, composta de 70 e tantos Paráos, depois de hum sanguinolento combate, em que morreram 4 portuguezes, e foram feridos 85, e teve por despojo 80 peças d'Artilheria.

Depois desta victoria veio Lopo Vaz para Goa, e entrando pelo Rio de Pangim foi intimado da parte do Capitão da Cidade, Francisco de Sá, para não seguir, porque o não havia de receber como Governador, por não ser eleito por El-Rei, ou pelo seu Governador, mas sim por homens que não tinham poder: que Pero Mascarenhas era o Governador, e em sua auzencia elle Francisco de Sá, como nomeado por D. Henrique; assim como elle Lopo Vaz, havia sido nomeado pelo V. Rei.

Lopo Vaz sem fazer conta deste protesto, veio seguindo até ás portas da Cidade, as quaes lhe foram abertas, depois de muitas *altercações*.

Entrado ja na Cidade despachou huma Não para Malaca, com avizo a Pero Mascarenhas da sua successão: a Francisco de Sá para Sunda com o destino de construir huma Fortaleza para que vinha: proveo a Antonio da Silva de Menezes, despozado com a sua filha, na Capitania da Cidade: e enviou a D. Jorje de Menezes para tomar posse da Capitania de Maluco.

Em seguida mandou apromptar huma Armada de 14 Velas, e a despachou, sob o commando de Antonio de Miranda d'Azevedo, para andar em guarda da Costa da India.

Fez sahir huma outra Armada de 9 Velas, sob o commando de Manoel da Gama, para guarda dos ladrões na Costa de Coromandel.

Martim Affonço de Mello com pequena força em 5 Fustas, e 1 Caravella pelejou na Ilha de Maldiva, com huma Não de Rumes, que levava 300 Soldados, e muita artilharia, e depois de huma porfiada batalha, que durou todo o dia, tomou a Não com morte de todos os Rumes.

« *Março* 20—Lopo Vaz se embarcou para Ormuz, para sucegar os disturbios, e descordias occorridas, levando consigo 300 Soldados, em 5 Velas.

« *Junho* 3—Depois de soffrer muita falta de agoa, molestias, e mortes na gente que levava, tocou Lopo Vaz em Calaiate, e Mascate, e trazendo os seus habitantes á obediencia do Rei de Portugal, seguio o seu destino.

Chegado a Ormuz terminou as dissensões, deu liberdade a Raez Xarafo, que estava preso a ordem do Capitão: arrecadou 60$ mil xerafins de parcas, e mais 10$ mil de huma Não de presa.

« —— 26—Recebeo o Ebaixador do Preste João, e o mandou agazalhar como cumpria a sua pessoa.

Digitized by Google

1526 Despachou a Heitor da Silveira á ponta de Dio, para presa das Náos de Cambaia, onde elle aprisionou 3 Náos grossas, e 1 Zambuco, que produziram mais de 70$000 xerafins.

Sabendo na sua chegada, de volta, a Chaul que no Estreito do Mar Roxo se preparava huma mui grossa Armada, despachou Francisco de Mendonça para Portugal com a mesma noticia: prevenio della ao Capitão de Moçambique: proveo Ormuz de munições, com igoal aviso: mandou preparar varios aprestos em Goa e Cochim: reparar a Fortaleza de Cananor, &c.

Depois de dar todas estas providencias, partio Lopo Vaz para Cochim: de caminho passou para Dabul com vistas de castigar a morte de Christovam de Brito, mas admittindo as desculpas do Tanadar tomou entrega de huma Náo e 2 Fustas mouras, com valiosas cargas, e alguma artilheria: fez derribar hum baluarte construido sobre a barra: arrecadou as pareas e se embarcou para Goa.

No caminho veio-lhe ao encontro Thomé Pires, com a noticia da chegada, em Cochim, de 2 Náos do Reino com Vias para elle succeder a D. Henrique, em caso do seu fallecimento.

De facto haviam chegado a Cochim 2 Embarcações com as Vias referidas, as quaes tendo vindo dirigidas a Affonço Messias, Vedor Geral da Fazenda, acompanhadas de huma Carta Regia, de 20 Março de 1526, e elle desejando abrir a mesma Via fez ajuntar na Sé de Cochim o Capitão da Fortaleza, o Ouvidor Geral, e mais Authoridades e pessoas, e, não obstante a opposição dos convocados, abrio a Provisão, e a leo em voz alta.

Lida a dita Provisão que era datada de 4 Abril de 1525, achou-se nella nomeado Capitão-mór e Governador Lopo Vaz de Sampaio, do que se fez o competente auto, assignado por todos os presentes (4).

(4) — A Carta Regia, e a abertura da Via de Successão alludidas foram a occasião de extrondosas revoltas, escandolosos desforços, e desasocego do Paiz, que extensamente referem Barr. na sua Decada 4.ª: Couto minuciosamente na sua Dec. 4.ª: Mar. no seu Dialogo, Andrade, e Castanheda, cujo transumpto apresentamos na Serie, e em parte se lêm na seguinte bem notavel falla de Lopo Vaz, que extrahimos da Dec. 4.ª L. 6.º Cap. 7.º do dito Couto.

Falla, que Lopo Vaz de Sampayo fez a El-Rei D. João em Relação.

Depois de Lopo Vaz estar prezo no Castello dous annos, e o Procurador de El-Rei vir com libello contra elle, e elle com sua defeza, que lhe não receberão; mandando El-Rei que se procedesse contra elle rigorosamente, e que lhe tirassem suas devaças, alcançou por via do Duque de Bragança, que o pedio de mercê a El-Rei, que o ouvisse em relação: aonde se apresentou como réo, estando El-Rei em meza com todos os Dezembargadores, e posto em pé lhe fez esta falla.

,, Muito alto, e muito poderoso Senhor, por certo, que eu hei esta por huma das móres affrontas que tenho passadas, haver de deffender com a lingoa, o que

Digitized by Google

1526 Lopo Vaz seguindo a derrota chegou a Goa, onde foi recebido com a *festa* (ceremonial) que se costuma fazer aos novos Governadores, apezar da divisão da Cidade (Senado) em 2 bandas.

No devido tempo o novo Governador se embarcou para Cochim para despachar as Náos do Reino, onde foi recebido com grandes festas, e juramento reconhecendo-o por Governador.

« *Outubro* 23—Pero Mascarenhas, depois de jurado em Malaca com as solemnidades do costume por Capitão-mór, e Governador da India, antes de vir para Goa foi contra o Rei de Bintão: destruio no seu Porto a Armada do Rei de Pam: commetteo a Cidade e se assenhoreou della com morte de muitos Mouros e fuga do Rei.

1527 *Janeiro*—.Sem embargo do juramento referido, não cessando a murmuração e descontentamento dos habitantes, Lopo Vaz fez reunir os Capitães das Náos e perguntou-lhes se o consideravam legitimo Governador, e legal a sua successão, e com a resposta affirmativa delles, dada debaixo do juramento, mandou de tudo fazer auto.

—— 7—O Pregador Fr. João de Haro affirmou do Pulpito ser Lopo Vaz o legitimo Governador, provando-o com razões do Direito Divino e Humano, declarando incorrerem em pecado mortal todos

---

tenho ganhado pela lança com tanto trabalho: e porque a lingoa eu a tenho pouco exercitada, e não sei como me ajudará neste feito, encomendar-me-hei às verdades de que sempre uzei. A principal razão porque nosso Senhor o ungio em Rei foi para fazer justiça, e dar a cada hum o seu, e julgar com muita clemencia, e animo piedoso seus subditos: e com zelo, e amor de Deos os castigar, ou absolver dos seus erros. E se isto assim he: quanto mòr obrigação terá de pagar serviços, e merecimentos como os meus?

Pelo que, muito excellente Principe, lhe peço que lance de si todo o odio, e rancor, e tudo o que mais pode danar sua limpa tenção para me ouvir, e julgar, porque fazendo-o assim, usará do sceptro como Deos o manda, e eu serei certo da justa sentença: e os que mal informaram V. A. Deos haverá por bem, que não fiquem sem castigo.

Agora quero dizer a V. A. os merecimentos de meu pai, e avós, inda que não sejam todos. Meu pai foi Diogo de Sampaio, Senhor de Anciaens, Villarinhos, da Castanheira, e Linhares, e de dous mil vassallos: servio nas guerras de Castella, com quatorze escudeiros, e quarenta homens de pé. Na batalha de Toro foi derribado, e ferido de feridas mortaes: e jouve aquella noite no campo, onde pela manhãa o acharam meio morto: e disto será sabedor Fernão Vaz de Sampayo, e não alego mais testemunhas porque as não ha daquelle tempo. Foi na tomada de Arzila com cento e oitenta homens em duas caravelas á sua custa, onde foi feito Cavalleiro por mão d'El-Rei D. Affonso o V.—Meu avô era Ruy Lopes de Sampaio, e minha avó Constança Pereira era sobrinha do Conde D. Nuno Alvares Pereira, filha de seu irmão, e não nomeio mais de minha linhagem, porque bem sabida está quão antigua he neste Reino. Meus avós em tempo d'El-Rei D. João de boa memoria tomaram dez Villas aos Castelhanos, por força d'armas com seus parentes, e amigos, que entregarão, e obedeceram com ellas ao dito Senhor, e tem-nas hoje seus descendentes. ff. Fernão Vaz de Sampayo seis, Ruy Lopes de Sampayo tres, e huma se perdeo não por traição (que nunca em minha linhagem a houve) mas por outras differenças. Minha mãy foi Dona Briolanja de Mello, filha de João de Mello de

Digitized by Google

1527 os que o contradissessem, e recomendando finalmente da parte de Deos ao Governador, castigar gravissimamente aos que causassem alborotos, e duvidassem da sua legitimidade.

« —— 10—Partiram as Náos do Reino, levando a Zogasabo, Embaixador de El-Rei de Abassia.

Sabendo Lopo Vaz da vinda dos Rumes contra a India, deo as ordens necessarias para a segurança da Fortaleza de Cochim, e se embarcou para Goa.

De caminho passou a Cananor, e deu igoaes ordens: chegado a Goa reunio o Conselho para se resolver se convinha ou não ir em busca da Armada dos Rumes, e se resolveo pela negativa, sobre diversos fundamentos, inclusive a supposição de que Lopo Vaz queria sahir de Goa para não entregar a governança a Pero Mascarenhas, conforme o amor e odio que os do Conselho tinham a estes 2 Capitães e ao que delles esperavam.

Lopo Vaz não tendo de sahir contra os Rumes, despachou a Manoel de Macedo para Ormuz, para trazer preso a Raez Xarrafo, que havia praticado roubos, e desordens.

Sespa, e de Dona Brestiz da Silveira, filha de Fernão da Silveira, Regedor, e Coudel-mór. Este João de Mello meu avó foi filho de Garcia de Mello de Serpa, Alcaide-mór daquella Villa. De seus honrados filhos não fallo, porque notorio está, nunca Principe no Reino ajuntou gente para guerras, e Armadas, em que os Mellos não fossem dos principaes Capitães, e Cavalleiros. E no tempo de El-Rei D. João o I., nomeado foi o grão Martim Affonço de Mello, de quem todos vimos.

Eu, Senhor, passada minha mocidade, e que fui pera tomar armas, logo me lancei a esse uso militar, em que El-Rei vosso pai que santa gloria haja continuamente me occupava. Depois de andar em muitas Armadas, de que aqui não fallo, fui com o Conde Prior na Armada de Turquia, e sahi em Massarquebir, e fui dos derradeiros que me recolhi. Conto isto, porque naquella recolhida houve muita desordem, affogando-se e perdendo-se muita gente, e eu fui dos derradeiros que me fui recolhendo com bom tento, e recado como dissera Rui Barreto se vivo fora, com quem me recolhi: e chegando a Corfú, andando passeando pela Cidade, se ateou huma briga, por se alevantarem todos contra os Portuguezes, em que mataram settenta ou oitenta: nesta revolta me recolhi a huma casa com quatro homens, que foi combatida de muita gente, de que nos defendemos com muito trabalho, e perigo de nossas vidas.

Tornando a Portugal mandou-me El-Rei com o mesmo Conde Prior a Tangere, onde servi dous annos; e fazendo o Conde huma entrada em Alcacere Quebir, fui eu dos corredores, e por Francisco Pereira Pestana, eu e outros nos achamos diante, chegando às portas de Alcacere Quebir, fomos atalhados de oitenta Mouros de cavallo, de que nos defendemos, matando-nos hum dos companheiros, e a Francisco Pereira o cavallo, com lhe darem duas feridas, e a mim outras duas, e com me matarem tambem o meu. Dalli me vim a Portugal, donde me El-Rei logo mandou a Alcacere Saguer com D. Rodrigo de Sousa, onde estive tres annos, por me mandar El-Rei que não me viesse de lá escrevendo-mo, e encommendando-mo cada anno. E na entrada que D. Rodrigo fez em Gualdiño, fui eu por Capitão dos corredores, e me achei ao pé de huma serra com quatro Mouros de pé: matei hum,

Digitized by Google

1527 Sabendo Lopo Vaz que Pero Mascarenhas estava embarcado com destino para India, reuniu Conselho, e com o seu voto ordenou aos Capitães de Cochim, e Coulão para o não deixarem desembarcar como Governador, mas sim, quando, como particular.

* Fevereiro — Chegou Pero Mascarenhas a Coulão, onde foi recebido como Governador, apesar das Ordens em contrario, e soube do que passava, e por conselho de Simão Castro, que havia nomeado Ouvidor Geral, e Lançarote Lemos, Secretario, se embarcou para Cochim como Governador.

* —— 29 — Chegou a Cochim, e mesmo antes de surgir no Porto foi intimado da parte de Affonço Mexia, Capitão da Fortaleza, pelos Juizes da Cidade, Thesoureiro, e Escrivão da Feitoria, da successão de Lopo Vaz, e as ordens deste para não desembarcar sem ser como simples particular.

Pero Mascarenhas, depois de protestar, com colera, que não reconhecia a successão, por não ser assignada por El-Rei, declarou suspensos os Juizes, e os fez retirar presos para as suas casas, sob pena de perdimento de fazenda, e aos outros prender a ferros em hum dos Galiões, fazendo-se de tudo o competente auto.

---

e os tras o fizeram ao meu cavallo, e feriram-me duas feridas mui grandes, e deram-me huma pedrada em hum pé de que o houvera de perder, e disto são testemunhas o mesmo D. Rodrigo, e D. Antonio seu Irmão.

Passados tres annos vim á Côrte, e tornou-me El-Rei a mandar a Alcacere, aonde estive quatro annos, e tres delles servi de Capitão por mandado d'El-Rei, e na entrada que fez D. Rodrigo, em que se encontrou com Almadarim Alcaide de Tutuão, e por levar pouca gente, e todos os nossos virem espalhados começaram a fugir, e hinde nesta desordem, disse a D. Rodrigo, que fizessemos volta, e morressemos com os rostos nos Mouros, e não pelas pescoços como patos. Voltou D. Rodrigo, e foi tão proveitoso isto, que logo os Mouros afrouxaram, e nos deixaram: e por certo que se a volta não fora, todos nos perderamos, e Alcacere corria risco.

Dalli me fui a Tangere aonde estive outros dous annos, em que El-Rei de Fez cercou aquella Cidade, neste cerco poz D. Duarte de Menezes Capitão suas estancias, em que me não occupou, deixando me de fóra para acudir aonde houvesse necessidade. Os Mouros pegaram logo com o cubello do Bispo, que foi minado sem lho poderem estorvar: a esta necessidade me mandou D. Duarte, e me meti no cubello com setenta homens, e os Mouros nos combateram tão rijo, que nos derribaram huma lanço de cubello, por onde começaram de entrar: deitamo-los fóra com morte de muitos, e grande risco de minha vida, e foi tanta a pressa que nos deram, que de setenta e tantos homens que eramos ficamos cinco, e destes o mais são era eu, que fiquei com huma espingardada por hum braço, e huma setada na cabeça, e muitas infinidas pedradas, e os que comigo esperaram, foram estes, Diogo de Mello, Mestre sala da Emperatriz, Soto Maior Galego de Tangere, Martim Lopes de Azevedo, e Andre Pires Escrivão dos cativos. E assim ferido estive no muro sem nunca me hir a pousada, alli me curaram, e fiquei até os Mouros alevantarem o cerco. E além dos que nomeei, será boa testemunha Luis da Silveira, que nos vio neste auto.

A Tangere me mandou El-Rei chamar para me mandar à India, dizendo-me que tinha lá necessidade de minha pessoa; o que logo aceitei, e fui sem partido algum,

Digitized by Google

1527 Affonço Mexia sabendo do que havia passado, mandou novamente intimar a Pero Mascarenhas a referida ordem, e requerer-lhe a soltura dos 2 presos, ao que Pero Mascarenhas respondeo que no seguinte dia, (por ser quasi noute) daria a reposta em terra.

Affonço Mexia assustado do recado, suppondo que Pero Mascarenhas desembarcasse de noute, por a Cidade não ser murada, a som de hum sino fez reunir os Habitantes, e armados vigiar a praia, não obstante muitos delles serem devotos de Pero Mascarenhas.

No seguinte dia mandou novamente intimar por algumas vezes a Pero Mascarenhas, que não dezembarcasse; aliás que com armas na mão havia de oppor-se.

E Pero Mascarenhas respondeo que queria desembarcar desarmado, para ouvir missa em St.º Antonio, e de facto se metteo com os seus em 2 Bateis, todos desarmados, e chegado á praia foi repelido ás lançadas por Affonço Mexia, como se fora inimigo.

Pero Mascarenhas muito escandalizado, e com 2 lançadas em hum braço se recolheo, com todos os mais, huns feridos, e outros enxovalhados, a bordo do seu Galião, onde mandou fazer auto de todo o acontecido, e apregoar Affonço Mexia e outros por alevantados.

---

nem ordenado (que elle depois me mandou lá sabendo o como o eu servia) Chegando a Goa achei Benastarim tomado de Mouros, e Goa cercada, e acodindo Affonço de Albuquerque para hir buscar os Mouros a Benastarim, sahiram elles para lhes dar batalha, e não a refusando o Governador, ordenou tres esquadrões de toda sua gente, e hindo-os demandar houveram seu conselho, e tornaram-se a recolher à Fortaleza. Affonço de Albuquerque me mandou com a gente da sua batalha, que me metesse na envolta dos Mouros, e visse se podia de mestura com elles entrar na Fortaleza, o que eu fiz adiantando-me só, tanto que cheguei á porta. E quando o primeiro dos nossos chegou a mim, tinha eu jà seis feridas; e alli me lançaram muitas panellas de polvora, e outras materiaes de fogo com que me queimaram estas barbas, e estas pernas, e o meu guião, e assim ferido me recolhi com os derradeiros; e certo que isto que fiz foi causa de se aquella Fortaleza render tão cedo. Disto he boa testemunha D. Garcia de Noronha, e Francisco Pereira Pestana, e Jorge de Albuquerque que se alli acharam.

Fui a Adém com Affonço de Albuquerque, e sobindo aquella Fortaleza por huma escada me derribaram com hum canto, que me deu antre ambos os olhos, de que ainda hoje me sinto muitas vezes, afora outras pedradas que em baixo me deram, de que estive à morte. Testemunhas D. Garcia de Noronha, D. João de Lima, e Antonio Ferreira.

Entrando o Estreito, deu Affonço de Albuquerque com o seu navio em secco: mandei surgir a minha não o mais perto que pude delle, contra vontade dos mais Officiaes e no batel fui a sua não que elle me entregou, pedindo-me o soccorro se podesse, que elle se hia para a Armada, porque o tinham por morto, o que eu fiz com muita diligencia, e trabalho, pelos mares serem grandes, lançando ancoras, levando outras, hindo eu sempre na prôa do batel, porque os marinheiros não queriam trabalhar, e com huma espada na mão lho fiz fazer. Alli fui mergulhado dos mares, e bebi muitas vezes agoa salgada, e aprouve a Deos que salvei a não com toda a gente, e munições: e hiam nella quatrocentos homens. Disto será boa testemunha D. Garcia de Noronha, e Antonio Ferreira.

Digitized by Google

1527 Depois deste successo, Affonço Mexia escreveo a Lopo Vaz, dando conta do que havia passado, e Pero Mascarenhas a muitos Fidalgos, perguntando quem havia de ser Governador.

Em seguida Affonço Mexias mandou intimar a Pero Mascarenhas para entregar os Galiões, com a carga que traziam, promettendo dar huma Caravela para ir para Goa, o que tudo se levou a effeito, e por esta occasião tendo desembarcado alguns, Affonço Mexias os fez prender.

Pero Mascarenhas, verificada a entrega, largou para Cananor para ali esperar a resposta de Goa, mas o Capitão D. Simão de Menezes, seu amigo, tendo-lhe prevenido que o não podia receber como Governador, pedio-lhe a troca da Caravela, e seguio para Goa.

Lopo Vaz, em consequencia das Cartas já referidas, ordenou ao Capitão-mór do mar, que procurasse Pero Mascarenhas, e lhe requeresse para se metter na Fortaleza de Cananor, e em caso de resistencia, depois de todos os protestos, lhe prendesse, e o entregasse ao Capitão de Cananor, de baixo do recibo.

Escreveo tambem a Pero Mascarenhas, em resposta á sua, attribuindo-lhe toda a culpa do succedido em Cochim, por não querer obe-

---

Invernamos em Camarão com muito risco, trabalho, e fome, e nos morreram sete centos homens. Ialli nos tornamos para a India, e deixou-me o Governador na costa de Cambaia, onde tomei huma náo de que veio á vossa Fazenda oitenta mil crusados, e outra carregada de marfim, e de outras fazendas, que montou quinze mil. E sabendo que em Dabul estavam outras duas carregadas de especiarias para hirem a Adèm, fui lá, e as pedi ao Capitão da terra, e pelos bons modos que tive, mas entregou com toda a carga, e artilheria, e tinham dentro em si sete mil quintaes de gengivre, que logo esse anno veio pera o Reino, e as náos puz-lhe o fogo. E assim naquelle Verão fiz serviço a V. A. em que lhe dei cem mil pardáos de proveito. Testemunha disto D. Garcia de Noronha, e Antonio Ferreira.

O outro Verão foi Affonço de Albuquerque a Ormuz, e determinando de matar Rax Hamed Mouro que estava alevantado com aquelle Reino, e ordenando de se vêr com elle com certos Capitães, escolheu Affonço de Albuquerque dous a Pero de Albuquerque, e amim a quem encarregou que o matassemos. E chegando o Mouro a Affonço de Albuquerque o tomei por huma braço, e lhe dei huma punhalada pelo coração, e desta, e d'outras que lhe logo deram, foi morto: e com isto ficou El-Rei vosso Pai Senhor daquelle Reino sem contradição, onde fizemos a Fortaleza, andando todos com as padiolas às costas, e o dia que folgavamos, estavamos armados. Testemunhas disto, os mesmos acima. Dalli nos fomos á India, e sendo El-Rei que Deos haja sabedor de meus bons serviços me mandou Ormuz ou Ceilão, qual eu quizesse, o que não houve effeito por ser eu no Reino; porque parti de lá no anno que Lopo Soares foi à India. No Reino fui bem recebido d'El-Rei, e me fez mercê de huma Comenda, e me mandou pagar tudo o que me era divido na casa da India, dizendo-me que me não satisfazia meus serviços, e que me faria ainda mercê como veria. Depois em Almeirim me cometteo que fosse á China por Capitão de seis náos, e que da vinda ficasse em Malaca por Capitão tres annos, e por adoecer não houve effeito.

Depois me mandou chamar a Evora, e me disse, que determinava mandar duas

1527 decer á ordem do Vedor da Fazenda, e declarando-lhe que não convinha a sua vinda para Goa, segundo a opinião dos Fidalgos, por tanto fosse á Fortaleza de Cananor, e dali requeresse o que lhe conviesse.

A par disto mandou guardar por differentes Embarcações as barras d'Agoada, e de Mormugão, com ordem de prender o mesmo Pero Mascarenhas.

Março 16—Pero Mascarenhas chegou á Barra de Goa, foi intimado para recolher-se preso a Fortaleza de Cananor, no que não convindo, Antonio da Silveira, Genro de Lopo Vaz, depois de pedir perdão, mandou calçar ferros a Pero Mascarenhas e conduzil-o a Cananor.

Prendou tambem a ferros Simão Caeiro e Lançarote Lexas, e os condusio a Cadêa de Goa.

A chegada de Pero Mascarenhas causou grande perturbação na Cidade, foram presos alguns Fidalgos, o Guardião de S. Francisco leo de Pulpito a Provisão de successão, e sustentou a legalidade da nomeação de Lopo Vaz.

De outro lado suscitou-se polemica entre Christovam de Souza, Capitão de Chaul, Homem respeitavel, e o Governador Lopo Vaz, por causa da mesma successão.

---

mil lanças a Africa, e por Capitão dellas Rui Barreto repartidas em quatro partes, quinhentas em cada huma, cometendo-me com huma dellas, e a Jorge Barreto, e a D. Rodrigo de Castro com as outras, o que não houve effeito, pelos annos serem esteriles. E sempre este Rei mostrou muitos desejos de me satisfazer meus serviços, de me honrar, e acrecentar: mas quiz Deus, e meus peccados, que faleceu, e se perdeo todo o meu bem, e esperanças. E por V. A. não ter noticia disto, em começo do seu reinado me mandou prender na cova, por sahir a estremar hum arroido (o que todos somos obrigados a acudir por lei deste Reino sob graves penas a qualquer que não acudir, a quem pedir vosso socorro, bradando áquê d'El-Rei) no que bem se vio, não ser V. A. sabedor de quem eu era, nem de meus serviços, e trabalhos passados: pelo que determinei de me tornar para a India a servir de novo a V. A., porque se arrependesso do que me tinha feito, pelos bons serviços que lhe esperava fazer, como depois fiz.

Fui á India por Capitão de Cochim, aonde estive hum anno: os serviços que alli fiz V. A. o sabe, pois me escreveo cartas de agradecimentos. E fallecendo naquella Cidade o Conde Almirante, á hora de sua morte me escolheu por Governador atè se abrirem as successões, e os serviços que logo fiz são estes. Despachei as nãos do Reino, em que estava o Governador D. Duarte de Menezes bem devagar, e as náos que eram cinco bem desbaratadas. Despachei huma Armada que foi em busca de D. Henrique de Menezes, que succedeo na Governança por naquelle tempo estar em Goa, e mandei a isso quatorze velas. Para o Cabo de Guardafui tambem despachei Antonio de Miranda com outra Armada de sete velas, e fez de lá presas de trinta mil Pardáos. Fiz outra Armada para as Ilhas de Maldiva de seis velas pera esperarem as náos de Meca. Fiz outra para Melinde de hum galeão, e dous navios, despachei quatro náos para Ormuz: o que tudo fiz de dia de Natal até vinte de Janeiro.

Por fallecimento do Governador D. Henrique de Menezes me elegeram por Governador, e V. A. deve de ser lembrado, que eu nunca tal lhe requeri, por mim, nem por outra pessoa: o Duque de Bragança (que eu cuidava que nisto me tinha alguma

Digitized by Google

1527 Pero Mascarenhas da prisão, em que estava, mandou seu Requerimento a Lopo Vaz, pedindo *que se puzesse com elle em justiça*, com protestos pelos damnos, e perdas, assim mais que desse liberdade aos seus companheiros presos; o Governador rompeo o requerimento, mandou carregar de maiores ferros ao Caeiro, e Lexas, por lhe pedirem a sua soltura, para defenderem a causa do Governador Pero Mascarenhas.

Mandou igoalmente, Lopo Vaz, apregoar, prohibindo sob pena de morte, chamassem *Governador* a Pedro Mascarenhas.

Tudo o que fica relatado, e mais algumas rasões particulares, fizeram que muitos Fidalgos se declarassem a favor de Pero Mascarenhas, que elles o convidasse para vir a Goa, e requeressem a Lopo Vaz, assigando-se 260, para se *pôr em justiça* com o dito Pero Mascarenhas.

Da qui resultou insultos, pendencias, e prisão de muitos dos mesmos Fidalgos, a soltura de Pero Mascarenhas, e dar-lhe obediencia como Governador.

Finalmente depois de varias disputas e desordens de parte a parte, se houve deixar sobre a decisão dos arbitros, que nomearam, a

---

culpa por razões que para isso havia) me escreveo huma carta em que dizia. Pois El-Rei meu Senhor teve tanta lembrança de vossa honra, e fortaleza, por amor de mim Lopo Vaz que lho pagueis na mesma moeda. E eu por certo, Senhor, que trabalhei de o fazer, e assim o fiz de maneira, que eu estou bem satisfeito, que não hei inveja a nenhum Governador passado, presente, nem por vir, fazendo sempre muita verdade, e justiça a vossos amigos, e muita guerra a vossos inimigos. E não se poderá com verdade dizer, que eu dissimulasse nunca a batalha, que comprisse a vosso serviço com poucos, ou com muitos, assim como se achava, assim me offerecia: e nestas batalhas, e affrontas Deos seja louvado, em todas me deu grandes, e notaveis victorias.

Acceitei a India estando desbaratada, e em grande risco de se perder, por ter conquista com tres Imperadores, e hum mui poderoso Rei. ff. O Imperador de Alemanha, e Rei de Castella sobre Maluco. O Grão Turco Senhor de tres Imperios. E o Rei de Calecut que tambem he Imperador. El-Rei de Cambaia, que poem em campo sessenta mil cavallos acubertados, e dos outros innumeraveis, e de grande poder no mar que até o meu tempo, nunca foi desbaratado. E cuido que em acceitar a India desta maneira fiz a V. A. hum dos móres serviços do Mundo. E o primeiro que fiz foi emprestar de minha bolça oito mil crusados para o gasto das Armadas, por não haver dinheiro. E o primeiro Verão fui a Bacanor sobre sessenta e tantos Paraos, a mór parte d'El-Rei de Calecut, carregados de especiarias, com mais de seis mil homens de peleja, e hum Capitão d'El-Rei de Narsingua, com vinte e sinco mil em seu favor; e não tendo eu mais que mil e cento, desembarquei contra parecer dos Capitães e lhe queimei todos os Paraos e lhe tomei muita artilheria, que foi huma das móres pancadas, que o Reino de Calecut teve.

E não se pode dizer que estive ocioso o tempo que governei, antes o gastei todo em o servir com a alma, e com a vida e acho que fiz em todo o meu tempo trinta e oito Armadas, em que pessoalmente me embarquei em tres dellas. A primeira a que jâ disse, quando desbaratei os Paraos de Bacanor. A segunda para Ormuz, de nde me mandaram chamar com muita pressa, por estar Rax Xarrafo alevanta-

Digitized by Google

1527 grande questão que tanto agitada e dividida trazia a India, debaixo das condições do compromisso que se acordou.

« *Dezembro* 21—Teve logar a decisão dos Louvados, que sendo a favor de Lopo Vaz, foi intimada aos Contendores, com que terminaram-se as dissensões, cujo relatorio detalhado se lê em Fernão Lopes de Castanheda Liv. 7.—Diogo de Couto Liv.° 2.°, 3.° e parte do 4.° —E Francisco d'Andrade na Parte 2.ª desde o Cap. 11 até 28, onde se poderá lêr com mais particularidade.

Em Setembro deste anno, Antonio Tenreiro foi despachado, por Christovam de Mentonça, Capitão de Ormuz, por terra para Portugal, com a noticia dos Rumes.

O Tenreiro seguio esta derrota passando de Ormuz a Baçorá, atravessou o Deserto, e no 22.° dia chegou a Concana, daqui passou para Alepo, Tripoli, Soria, onde se embarcou para Chipre, desta para Italia, e Portugal, onde foi agraciado por El-Rei, pelo *trabalho de huma tão nova e incognita jornada.*

1528 *Janeiro*—Despachadas as Náos para o Reino, em que partio Pero Mascarenhas, depois de mandar citar o seu Contendor, para indemnisação de damnos e prejuizos, o Governador dedicou-se, desassombrado, aos negocios do governo.

---

do contra El-Rei, com arrayaes formados, e Diogo de Mello em meio, e concertei estas cousas que estavam muito arriscadas. A terceira, quando desbaratei as galeotas de Cambaia. Fizeram-se presas em meu tempo, que valeram trezentos e sessenta mil pardaos. Paguei os ordenados aos Capitães, e Feitores, gastei muito dinheiro em reedificar as Fortalezas todas sem tirar do Cofre de V. A. hum só real, e tudo das mercadorias, presas, pareas, dinheiro dos cavallos, e rendas de Goa. E mandei a Cochim por vezes dinheiro para as obras por não bolirem no Cofre, que foram mais de cincoenta mil pardaos.

V. A. se quiz servir de mim no governo da India, sem lho eu requerer por aderencia alguma; somente pelo meu bom nome, e não deixei de lho requerer, por cuidar que em mim não havia as qualidades que cumprem aos Governadores, mas porque nunca fui tão esquecido de minha honra, nem tão mingoado de juizo, que não tivesse sempre representado diante de mim, que onde tão honrados Capitães, e tão valentes Cavalleiros neste cargo perderão as vidas, honras, e fortalezas, e alguns delles arriscaram suas almas, eu não me aventurasse ao mesmo: e por isso quiz antes seguir o exemplo Castelhano, que diz: Mas quiero cardos en paz, que pollos con agraz. V. A. como digo se quiz servir de mim na governança da India, e por certo que foi grande lembrança, e grande mercê: porém prouvera a Deos que nunca a eu vira em minha casa.

Já lhe tenho dado conta de meus serviços, agora lha darei de como dexei a India. Se V. A. bem olhar, achará que em meu tempo não veio Capitão nem Official da India rico, como sohiam vir pois este dinheiro que se fez delle em meu tempo, em que houve mais presas e mais trato que em nenhum outro? Por certo Senhor que todo este dinheiro ficou no vosso cofre, e no vosso Thesouro: porque as vossas Fortalezas de pedra, e barro, fias eu de pedra, e cal, e com cavas chapadas de mar a mar: por onde V. A. deve dormir seu sono descansado, e seguro. E mais tem em outro Cofre trezentos mil cruzados, que lhe eu paguei de soldos. As contas que deixo entregues ao Governador Nuno da Cunha, são as

Digitized by Google

1528 Reunio o Conselho para ir contra os Rumes, mas decidiu-se que o Governador não devia sahir da India, pelos motivos ponderados.

« —— 25—Despachou então, para aquelle fim, a Antonio de Miranda d'Azevedo, o qual encontrando pelo caminho huma Armada dos Rumes combateo com elles, e, com mortes de muitos, tomou varias Embarcações carregadas de especiaria e arroz, e assim durante a sua volta tomou differentes outras Embarcações, cuja venda produzio á Fazenda, da parte relativa, 50$000 xerafins.

« *Abril.* —Mandou a Pero de Faria para occupar a Capitania de Malaca: a D. João d'Eça para Capitão de Cananor.

Similhantemente despachou outra Armada levando a Martim Affonço Zuzarte para construir huma Fortaleza em Sunda, soccorrendo de caminho ao Rei de Ceilão, cercado por Patemarcar: Martim Affonço, achando levantado o dito cerco, foi a Calecare, e ajustou com o seu Rei o trato de pesca de aljofar, com obrigação de dar 3 mil xerafins por anno.

Passou dali ao Porto visinho de Care, e o destruio em satisfação da morte de João Flores.

« *Outubro.* —Lopo Vaz partio para Cochim para preparar a carga das

---

seguintes. Seis galeões, seis caravelas, oito galez reaes, quatorze galeotas, e cento e duas fustas, e bargantins, com toda sua munição (Armada que nunca Principe teve toda sua propria) Deixei em Goa cincoenta pipas de polvora de bombarda, e duas de espingarda. Em Chaul, quinze pipas de polvora de bombarda, e duas de espingarda. Em Cochim trezentos quintaes de polvora. Em Cananór vinte pipas de polvora de bombarda, e duas de espingarda. Os mantimentos que dexei juntos para a Armada são estes; mil e quinhentos candis de trigo e tres mil candis de arroz, seiscentas vaccas vivas, queijos, manteiga em abastança, muito ferro, muita madeira, e muitos ferreiros, e carpinteiros e isto em todas as Fortalezas.

De como ficam os inimigos lhe darei conta. No Emperador não fallo porque a V. A. darei essa conta, quando de mim a quizer saber. O grão Turco fica com suas Armadas desbaratadas, pelas grandes, e muito poderosas, com que todos os annos lhe mandei correr a terra do Estreito de Meca. E quando me entregaram a India estavam suas Armadas mui possantes com muita ouzadia contra nós trabalhando por virem de maneira que nos botassem fora da India: o que tudo em dita de V. A. e com meu trabalho, e astucia se desfez.

O Camorim ao tempo que me deram a Governança punha no mar quantos Paràos queria, o que no fim do meu tempo já não podia fazer, porque todos lhe destrui, e tomei: nem tinha artilheria, nem bombardeiros, que tudo lhe gastei, e desfiz, pelo que cada dia podia pazes.

O grande Rei de Cambaia poderoso no mar, mais que todos os da India juntos, veja qual ficava á minha partida que lhe não ficariam dez fustas.

El-Rei de Bitão eu por certo o destrui, e desbaratei com a Armada e gente que mandei a Pero Mascarenhas, encomendando-lhe, e pedindo-lhe, que se não viesse de lá sem a destruir, o que elle fez mui bem.

Em pago de todos estes serviços me prendeo Nuno da Cunha em Cananór pela maneira que se sabe mandando lançar pregões infames contra mim. Em Cochim fui mal aposentado nas peiores casas da Cidade, nos esteiros entre os monturos,

Digitized by Google

1428 Naos, e de caminho castigar os Malabares, que infestavam a Costa.

Na altura de Cananor, Lopo Vaz teve encontro com 130 Embarcações dos Malabares, que em ar de mofa seguiram a Armada do Governador, confiados que não lhes podia fazer mal á vista do tempo, da altura das Embarcações, e o seu pouco numero.

Lopo Vaz, não obstante a opinião encontrada do Concelho, deo sobre os Malabares: durou o combate quazi todo o dia, alcançou estrondoza victoria, em vista da desigualdade do numero das Embarcações, com morte de 800 Malabares, e muitos cativos, e mettendo ao fundo 18 Embarcações, e tomando 22 com 50 peças d'Artilheria.

Concluida esta empresa, Lopo Vaz, com toda a sua Armada, deo sobre Porcá e a destruio completamente, á força de ferro e fogo, depois de a haver saqueado, e recolhido muito ricò despojo.

De Porcá passou para Cochim, e sabendo ali da vinda do seu Successor, para lhe entregar a India limpa de Corsarios, passou para Cananor, e mandou daqui o seu Sobrinho Simão de Mello sobre Marabia, o qual naquelle Porto queimou 12 Embarcações, e dezembarcado destruio o logar.

Voltado Simão de Mello a Cochim, foi novamente despachado com

---

o que muito senti por ser contra a humanidade, e fidalguia, e em Cidade onde me fizeram Governador de V. A. Ali me mandou prender, e tomar-me toda a fazenda, que foi avaliada com toda a desordem, como se eu fora traidor, e malfeitor, sofrendo affrontas, e injurias a meus inimigos, que todas as noites me passavam pela porta com folias. Dalli me embarcaram com dous criados na peior não da carreira, e que partio derradeiro de todas, mandando-me dar huma camara debaixo da alcaceva, onde era a estancia dos grumetes, e negros, onde eu comia, e dormia ás chuvas atè as Ilhas Terceiras.

Veja V. A. e ponha diante de si tamanho aggravo como este a hum homem de minha qualidade, e idade, e de tantos, e tão grandes serviços, ser mandado em huma tão enfadonha viagem em huma possilga de porcos: que por certo eu tomara antes muitas vezes de muito boa vontade a sepultura, que ver-me avexar por tantas, e tão injuriosas maneiras. E assim me mandou entregar a quem me não tinha boa vontade para mais me martirizar.

Chegando ás Ilhas Terceiras fui tornado a prender, e levaram em ferros de que estive para perder huma perna, porque ma cortaram de feição que me appareciam os nervos. E chegando a esta Cidade me mandou V. A. tirar cercado de belegins por meio do terreiro dos seus Paços defendendo a todos os meus parentes, e amigos que não chegassem a mim como se eu fora hum traidor, ou malfeitor: e aquella vergonha passei estando no terreiro toda a Corte, e eu cercado de rapazes, e negros, gente vil, que foram cem mil mortes. Fui levado ao Castello, onde me foram postas guardas, e defezas, como se esperasse procederem em mim grandes crimes, e não me consentindo ver, nem fallar certos dias com meus parentes, e amigos, nem até o prezente ver minha mulher, que ha sete annos que está viuva de mim, por eu andar occupado no serviço de V. A. e não a deixarem fallar comigo, o que eu mais senti que todos os tormentos outros que me deram. Ora cuide V. A. se tanta deshumanidade se usou nunca com homem de minha sorte, idade, e serviços neste Reino?

Digitized by Google

1528 12 Vellas ao Monte Dely a queimar os Paraos, que ali andavam ás presas.

Similhantemente Lopo Vaz despachou a Antonio da Silva de Menezes para correr a Costa de Cochim, e de volta se encontrar com Simão de Mello.

Estes 2 Capitães, ainda que não topassem no ponto dado com os Paraos, praticaram nelles grande estrago procurando-os nos seus escondrijos.

Seguio-se a estas victorias mover guerra o Rei da Cambaia a Nisamaluco Sr. de Chaul, trazendo para isso 80 Fustas no mar.

1529 *Janeiro*—O Governador partio para Chaul em soccorro de Nizamaluco, levando mais de mil homens em 40 Vellas.

« *Fevereiro*—Na altura de Maim atacou, e destruio a Frota do Rei dé Cambaia, que era de 80 Velas, tomando dellas 33, e incendiando 40, por que 7 poderam escapar.

A victoria foi completa e alcançada com morte de grande numero dos Mouros, e nenhum Portuguez.

O despojo foi grande numero de cativos, muita artilheria, e munição de guerra.

Processaram meu feito contra toda a ordem de justiça destes Reinos: assim que em mim se começaram a exercitar todos os novos costumes, e novas leis pera ser deshonrado. Tiram meus inimigos por testemunhas, e esteve ao preguntar dellas Manoel de Macedo, que descubertamente he meu inimigo. Fui lançado de replica, e de outros termos que tinha de direito divino, e humano. Ora veja V. A. o que me tem custado o seu serviço, e a honra que me deu de Governador, que não sei homem que juizo tenha que isto quizesse pelo preço muitos frios, muitas calmas, muitas fomes, e sedes, e muitos riscos de minha vida, dando a comer meu sangue aos tubarões no mar, aos adibes no Reino de Fez, e as gralhas da India. De maneira que poucas conquistas tem V. A. aonde se elle não derramasse: e não se póde presumir que possa mentir, porque quem em sua mancebia não usou de maos costumes, e fez sempre o que devia, em sua velhice, e no fim della não ousaria das miudezas que me poem, e mais tendo diante dos olhos taes pessoas.

D. Duarte de Menezes, que em bem tenra idade desbaratou dous Alcaides mui furiosos, e mui guerreiros, serviço mui notavel, e digno de perdão de grandes culpas, não lhe valeo nem serviços de pai, nem dos avós, preso em carcere perpetuo, tomada a Fortaleza. Balisa era esta pera Lopo Vaz, não sendo inhabil se guardar.

Diogo Lopes de Siqueira tantas vezes cativo, e ferido, fugido por Reinos estranhos, tomada sua fazenda, por mercê tornado ao Reino, e morreo, e assim Deos sabe de sua alma. Vi mais Affonço de Albuquerque tantas vezes cativo, e de tanto serviço, que morreu quasi desesperado, dizendo, mal com El-Rei por amor dos homens, mal com os homens por amor d'El-Rei, acolhamo-nos à Igreja, e morre Affonço de Albuquerque que cumpre á tua honra morreres, que nunca a elle lhe cumprio cousa, que tu não fizesses. E com estas palavras deo a alma a Deos,, e que lhe não valeo a muita guerra que fez a Mouros, e Gentios, e sua alma corre muito risco. Este bom velho mui sabedor das cousas da India, muito victorioso nella, a quem todos os Governadores da India devem ter acatamento não por cometter maiores feitos dos que eu tenho comettido, mas por os seus serem primeiros. Este costumava a dizer, sabeis quam má gente he a da India, que me puzeram

Digitized by Google

1529. De outro lado João d'Avelar, que havia sido mandado com alguns Portuguezes para seccorrer, por terra, a Nizamaluco, de caminho tomou huma Fortaleza, e a entregou ao Capitão do dito Nizamaluco, o qual lhe deu em premio 1 Cabaia, e mil xerafins, e mais 2, para repartir pelos Portuguezes seus companheiros.

O Governador depois da Victoria das Fustas se recolheu com a Armada á Enseada de Bombaim, onde armou muitos Cavaleiros e havendo deliberado para ir contra Dio foi contrariado no Conselho.

« *Março* 20—O Governador não tendo de ir para Dio se recolheo a Goa, e daqui despachou a D. Fernando d'Eça seu Cunhado para Ormuz, com 3 Galiões.

Em seguida a Garcia de Sá com huma Armada para occupar a Capitania de Malaca: huma outra commandada pelo seu sobrinho Christovam de Mello, para reforçar a de Antonio de Miranda, que cruzava a Costa do Malabar, onde já havia desbaratado 12 Paraos.

Antonio de Miranda com o novo reforço tomou huma Náo do Rei de Calecut, carregada de pimenta, apesar de estar guarnecida com 800 Mouros.

A par desta victoria obtiveram estes 2 Capitães huma outra des-

---

que era pute, e provaram-mo; sendo elle tão honesto, que não dirà criado seu que alguma hora lhe visse a ponta do pé. Todo este mal, e destruição dos Governadores todos he causado por homens baixos dalmoface. Por certo Senhor eu não sei como se desculpará, nem que rasão dará, olhando aos homens com que V. A. começou meus negocios, que lhe não lembrava huma cousa tão divida como era dizer, saiba-se que homens são estes que se queixam dos Governadores: e se achar serem homens de bem, fazer-lhes justiça muy inteira, e achando serem viciosos, mandalos a Cadea, e não dar cousa ao máo pera fazer mal ao bom.

E quantos Fidalgos de mim testemunharam a V. A. foi por esta razão. Eu estava em Cananor onde me vieram buscar os Paraos (como V. A. em meus serviços ouvio) chamei a Conselho esses Fidalgos, que foram de parecer não pelejasse, aprouve a Deos que me pareceo o contrario, e disse-lhes que quem quisesse acompanhar o seu Governador, e a bandeira de V. A. se embarcasse comigo, o que elles não quizeram fazer ficando nos galeões olhando como eu pelejava: e disto ficaram tão corridos, e envergonhados, como era razão; e havendo por certo que eu escrevia a V. A. o feito como passava, de quem bem, ou mal fizera. O que eu delles escrevi, V. A. o sabe mui bem, que não se achará em carta minha escrever mal de nenhum Fidalgo, se não requerer para todos honras, e mercês. Elles por me V. A. ter por suspeito, e me não dar credito escreveram, e testemunharam de mim falsamente: e não temendo a Deos adquiriram a si outros Fidalgos seus parentes para que os ajudassem a affirmar suas danadas tenções. Esta vantagem com as outras muitas ha em mim, que o que disser delles hade ser na praça, e o que elles disserem de mim hade ser mui escondido, porque fallo verdade e elles não.

De minha genealogia ouça V. A. huma cousa que me esqueceo, de Vasco Pires de Sampaio, meu quarto avô que he digna de contar. No cartorio de Fernão de Sampaio, se achou hum perdão que dizia assim. Pelos serviços que tenho recebido de Vasco Pires de Sampaio, e esperamos de receber, lhe perdoamos a morte de quarenta escudeiros que enforcou na sua Villa de Moz com huns poucos de homens de pé. Veja V. A. que poucos poderiam ser de homens de pè, onde mor-

Digitized by Google

1529 truindo a Armada do Rei de Calecut, composta de 50 Velas, tomando-lhe 13 dellas com a sua artilheria, e muitos captivos, com que alimparam de todo aquella Costa.

Heitor da Silveira, da sua parte, assolou muitos lugares na Costa de Cambaia: pelejou com o Capitão Alexiah do Rei de Cambaia, e tomou-lhe a Fortaleza, apesar de 3 mil defensores de pé, e 500 de cavallo: destruio lhe Baçaim, e muitas Embarcações, que se tinham refugiado no interior dos Rios.

Esta victoria fez que o Xeque de Taná se offerecesse, como vassallo Portugues, a pagar 4 mil xeraffins de pareas annuaes; e em Chaul se verificou o mesmo offerecimento.

Neste mesmo tempo D. Jorje de Menezes, Capitão de Maluco, tomou a Cidade de Tidore, e assentou pazes com os Castelhanos.

Pouco depois destruio a mesma Cidade: expulsou os Castelhanos: levantou a Cachil Daroes Rei de Tidore, em lugar do seu Irmão, fallecido com suspeitas de haver sido envenenado.

---

riam quarenta escudeiros. Certo, merecimento devia de tal ter Vassallo e necessidade devia de ter El-Rei delle, pois tal perdão dava. E do grande Martim Affonço de Mello meo avô notorias são suas cousas. Se V. A. deste par de Cavaleiros tem, ou tiver necessidade, aqui está Lopo Vaz de Sampaio seu neto que trabalhou muito pelos arremedar, e escusar que está em muy boa idade e em melhor disposição, e mui experimentado por mar e por terra; e por certo, elles me perdoarão, eu não lhes sinto vantagem se não nos bons galardões que lhes deram, porque por cada serviço lhes davão Villas, jurisdições, rendas, e honras e amim por cada hum me deram hum tormento.

Pela tomada das Fustas de Cambaia, que nunca foram desbaratadas, tão victoriosas que nunca perderam hum remo, antes desbarataram por vezes muitos galeões de V. A. eu as venci, e metti no fundo: em pago deste serviço me mandaram prender. Pelos navios que desbaratei de fronte de Calecut em que matei dous mil e tantos Mouros; em pago disto me mandaram tomar toda a minha fazenda. Pelos Paraos que queimei em Bacanor, que eram a principal força de Calecut: por este serviço me mandou V. A. embarcar em huma náo no aposento dos grumetes. E por que subi pelos muros de Adêm, donde me dirribaram com huma pedra de que estive à morte: em pago disto me lançaram ferros, que me comeram a carne até os ossos. Pelo cubello de Tangere que deffendi a El-Rei de Fez: em pago disto me mandou tirar V. A. a vergonha diante dos seus Paços Reaes. Pela destruição que fiz no Arèl de Percà, e outros muitos serviços, que aqui não digo: em pago delles me mandaram que servisse, e partisse com escrivães, e procuradores do meu dinheiro, que trazia ganhando com tanto trabalho, e com tanto sangue espargido, para me remediar a minha velhice, e para criar meus filhos. Veja V. A. se he bem desviada esta paga da que deu El-Rei D. João de gloriosa memoria a meus avôs.

A somma de meus serviços são estes. Onze annos em Africa; e na India, e nas Armadas que se fizeram neste Reino, vinte e hum annos: não fallo no tempo em que andei na Côrte, que este houve pelos mais forte de todos, pela muita pobreza com que a sostinha. Fui ferido cinco vezes, huma em Alcacere Seguer, outra em Alcacere Quibir, outra em Benastarim, outra em Adèm, e outra na Ilha Terceira, dos ferros que me V. A. mandou lançar. Em galardão disto fui preso, avexado, e perguntaram contra mim testemunhas infieis, e meus inimigos capitaes,

Digitized by Google

1529 Deitou aos caens de fila o Regedor de Tabona: enforcou o Governador do Rei, e praticou muitas outras barbaridades, porque foi preso: veio a Goa, e daqui remettido para Portugal, onde foi sentenciado para degredo do Brazil.

« *Novembro* 18—Nuno da Cunha chegou a Cananor, onde estava Lopo Vaz, e avisou-o para ir a bordo a entregar-lhe a governança.

Lopo Vaz, fez algumas observações, mas foi a bordo da Náo, e deu posse ao seu Successor com todas as solemnidades em taes casos usadas.

Concluido este acto, Lopo Vaz passou para a Náo Castello, e acompanhou a Nuno da Cunha para Cochim, segundo a exigencia deste.

Chegados a Cochim, Nuno da Cunha, com bem pena, mandou prender a Lopo Vaz, conforme huma Provizão que levava: sequestrar os seus bens: e lançar pregões com trombetas, para o poderem accusar, ou demandar, o que muito sentio Lopo Vaz, e sob a homenagem regressou para Portugal, na Náo de D. Lopo d'Almeida (5).

---

e aconselhadores contra minha honra, que foram na massa de Pero Mascarenhas, e ordenaram disfamarem todos de mim com darem mas informações a V. A. falsas, e mui contrarias da verdade, pelo indignarem contra mim. E na India onde o servi de Governador me foi tomada toda minha fazenda, e fiquei sem ella de maneira que não tenho que comer, nem que dar a quem me defenda minha justiça destes grandes agravos que me são feitos contra toda a justiça por ser sem culpa, e sem erro no serviço de V. A. e pelos muitos e grandes que lhe tenho feitos, dignos de grandes mercês, a que V. A. deve de respeitar, pelo que devo de ter muita esperança, de me restituir a minha honra, e de me fazer mercês, para exemplo dos que o bem servem.

Ora Senhor isto he feito, não póde V. A. deixar de o remediar com muita clemencia, e como excellente Principe criado sobre nossos hombros, e nós criados com suas migalhas, com dar sentença que seja digna de lhe beijar a mão, com descanço para minha velhice, e para que possa criar meus filhos para o servirem.

Não obstante esta falta, a prisão de 2 annos, e diversos trabalhos que soffreo e ficam referidos, prevaleceo, todavia, a sua desgraça, e foi elle condemnado a perder os ordenados percebidos de Governador, a favor de Pero Mascarenhas, além de 10 mil cruzados de multa, e degredo por certos annos para Africa: porem El-Rei o perdoou de toda aquellas penas por seu Alv. Bar. Dec. 4. L. 4. Cap. 3 p. 377, Andr., Vida de D. João de Castro &c. Cont. Dec. 4. L. 6. Cap. 8. e 9.

Lopo Vaz tendo sido preso pelo Ouvidor Geral, disse a este=,, *Dizei ao Governador, que eu prendi, e elle me prende; lá virá quem o prenda a elle*=,, e assim houvera de ser se não fallecera Nuno da Cunha no mar como se verá.

(5) Depois do perdão mencionado, retirado à sua patria, e às mesmas terras de que era Senhor, veio a fallecer em 18 d'Abril de 1538. Era casado antes de vir para a India com D. Guiomar d'Eça, filha de D. João d'Eça, Alcaide-mór de Villa Viçoza &c. Teve 3 filhos: Diogo Lopes de Sampaio, Mordomo-mór da D. Izabel, mulher do Infante D. Duarte, e D. Mexia d'Eça casada com o bem conhecido no 1.° Cerco de Dio Antonio da Silveira de Menezes, e nenhum delles deixaram successão.

O que mais se podia dizer da sua linhagem elle acabou de explicar na sua falla; por tanto omittimos para não repetir.

Digitized by Google

9 Nuno da Cunha (1.)

Do Conselho de Sua Magestade, Seu Vedor Geral da Fazenda, Capitão-mor e Governador da India &c. (2).

1529. Nuno da Cunha sahiu de Lisboa em 18 de Abril 1528, acompanhado de 2.500 homens, inclusive seus dous Irmãos, Simão, e Pero, em 11 Náos (3).

Aos 23 de Agosto chegou a Ilha de S. Lourenço, levando de menos huma Embarcação, que se perdeo pelo caminho.

Nesta paragem tendo o Governador perdido tambem a sua Náo, se embarcou na do seu Irmão em 4 de Setembro, e em 8 do immediato mez chegou a Melinde, tendo soffrido no transito grandes contratempos.

Deixou nesta Cidade 150 doentes; despachou a Duarte da Fonseca para Ormuz, e se embarcou para a India em 14 de Outubro, e atribou para o mesmo Porto, em 6 de Novembro, por ventos contrarios.

Em 14 do mesmo mez o Governador foi sobre a Cidade de Mombaça, e, não obstante grande resistencia que teve, tomou a Cidade, e a fez despejar dos seus habitantes, ficando apenas feridos, no combate, 25; podendo ser todos mortos ás pedradas.

Depois desta victoria teve de soffrer o Governador e mais gente, que o acompanhava muitas escaramuças dos Mouros, que escondidos nos Matos perseguiam aos novos habitantes muito a seu salvo.

Resolveo finalmente o Governador a povoar a Cidade com gente

---

(1)—Denominado o *Grande*, filho do grande Tristão da Cunha, Senhor de Gestaçò, e Panoyas, o qual havendo sido nomeado Capitão-mòr da India, por ficar cego fora substituido por D. Francisco d'Almeida; todavia restabelecido veio para a India em 1056, por Capitão-mòr d'huma Armada de 16 Náos, na Companhia d'Affonço d'Albuquerque, e depois de grandes feitos d'armas, voltando para Portugal, foi por Embaixador a Leão X, o qual lhe offereceo o bastão de General da Igreja, que não aceitou, e o seu Bisneto *Tristão da Cunha d'Athaide* foi elevado a Conde de Povolide em 6 de Janeiro de 1709.—(Vid. p. 2. not. 7) Mem. Hist. e Genealog. p. 471.

(2)—Conforme Bar. Dec. 4. T. 3. Cap. 1.—Cout. Dec. 4. Liv. 5. Cap 1.

(3)—Nuno da Cunha havia vindo para a India pela 1.ª vez em 1505, em Companhia do seu Pai, e Affonço d'Alboquerque, onde tendo tido parte em varias conquistas, e dado provas do seu valor, tinham sido, por aquelles feitos, elle com o seu Pai armados Cavalleiros em Brava, pelo referido Albuquerque.

Digitized by Google

estranha, mas o Rei tendo pedido paz, offerecendo pagar de pareas 1500 maticaes (cada hum do valor de 360 reaes) adiantando de 3 annos, e pelo resgate da Cidade mais 12$000, foi admittido.

Não se verificando a promessa, tendo morrido de molestia, mais de 200 pessoas, e sobretudo isto continuando a perseguição dos Mouros, o Governador mandou largar fogo a toda a Cidade, e se embarcou para Melinde, no principio de Março.

Chegado a Melinde e conhecendo não poder vir para a India, Nuno da Cunha, dadas as providencias necessarias se embarcou em 3 de Abril, para Ormuz.

De caminho tocou Socotorá, deo Provizões (Cartaes) ao Xeque, para a livre navegação das suas embarcações.

Aos 10 de Maio chegou a Calayate: suspendeo varios Empregados, por vexações e extorções praticadas: e fez lançar pregão para os offendidos pelos Portuguezes dirigirem a elle as suas queixas.

Nesta Cidade o Governador se embarcou para Mascate, onde chegou em 19 do mesmo mez.

De Mascate, Nuno da Cunha, passou para Ormuz, onde foi a sua chegada muito festejada, e celebrada, porque entrou na Cidade com mais pompa do que os seus antecessores.

Deo diversas providencias: prendeo a Raez Xarrafo; visitou o Rei, recebeo, a seu pesar, os presentes por elle offerecidos, e os fez receitar ao Thesouro da Fazenda: abrio devassa contra Raez Xarafo, e o mencionado Rei, a quem condemnou em 40$00 xerafins de pareas, pela morte de Raez Hamed, e assim praticou diversos outros actos de justiça, que lhe mereceram louvores dos Mouros.

Estando o Governador occupado nestas cousas, chegou Belchior de Sousa, que havia sido despachado pelo Capitão de Ormuz com 40 homens de soccorro ao Rei de Bassorá.

Belchior de Souza foi o 1.º Capitão que, com mão armada, entrou pelos Rio *Tigres*, e *Eufrates*, onde não tinham chegado entrar o poder dos Gregos e Romanos.

Recebido este soccorro pelo Rei de Bassorá foi contra o Rei de Gizaira; e feitas as pazes, Belchior de Sousa voltou a Ormuz, depois de haver feito algum damno ao Rei de Bassorá, por lhe haver faltado a promessa feita.

Nuno da Cunha nomeou logo Belchior de Sousa Capitão-mór do mar de Ormuz, e o despachou contra Baharem, e logo depois ao seu Irmão Simão da Cunha; e postos os negocios de Ormuz em boa ordem sahio para a India em 15 de Setembro.

De passagem visitou Mascate, e chegou a Goa a 22 de Outubro: sem ainda desembarcar deo varias providencias, expedindo Embarcações para diversas partes.

No seguinte dia desembarcou, foi recebido com grande pompa, e

Digitized by Google

1529 tendo prestado, antes de entrar na Cidade, o juramento do costume, promettendo a guardar os seus privilegios, fez a sua entrada solemne.

Providas algumas cousas em Goa, partio logo para Cochim, passou por Baticalá, em Cananor tomou posse, conduzio o seu antecessor para Cochim, onde o prendeo como já fica referido.

« *Novembro* —Melique Saca, de Dio, perseguido pelo Rei de Cambaia mandou seus Enviados a Nuno da Cunha, pedindo *Seguro Real*, e Embarcações para ir fallar-lhe, em importante negocio do interesse do Rei de Portugal.

« ——12 —Nuno da Cunha despachou logo Gaspar Paes com o Seguro, e Embargações pedidas pelo Melique Saca.

« *Dezembro* —Durante as Náos faziam carga, Nuno da Cunha despachou a Diogo da Silveira, com 30 velas para andar na Costa do Malabar: a Antonio da Silveira de Menezes, seu Cunhado, com huma outra para a Costa de Cambaia: e a terceira para o Mar Roxo, sob o commando de Heitor da Silveira.

O Rei de Calecut, perseguido pela Armada, pedio paz, e Nuno da Cunha lha concedeo sob varias condições, as quaes não tendo sido aceitas, Diogo da Silveira fez diversos desembarques, cortou-lhe palmares, incendiou os seus portos, e causou-lhe grande destruição.

Gaspar Paes na sua derrota tomou huma Náo, e a metteu no fundo, mandando os presioneiros para Chaul: bateo-se com 14 Fustas, e as afugentou, finalmente chegou a Cinguilem, onde estava Melique.

Melique Saca tendo recebido bem a Gaspar Paes, as Cartas e o Seguro que elle levava, deo a conhecer a sua perfidia, e o sacrificio que queria fazer do Seguro Real ao Rei da Cambaia.

1530 *Janeiro* —Gaspar Paes desavindo com a Melique Saca queimou-lhe 9 Fustas, e se recolheo a Cochim.

Nuno da Cunha agastado com o proceder do Melique reservou para outra occazião o seu pago, e se embarcou para Goa.

De caminho passou a Chalo, onde foi visitado do seu Rei, a quem tratou muito bem, deixou ordens a Diogo da Silveira, para castigar a hum Chatim, que morava em Mangalor, e favorecia a gente de Calecut.

« *Fevereiro* 12—Nuno da Cunha largou para Cananor, onde foi visitado pelo Rei, de quem se despidio muito amigo.

Diogo da Silveira, segundo as Ordens do Governador, foi contra o Chatim, com 240 homens, e se assenhoriou da sua casa Forte, e de tudo quanto nella achou, matando o Chatim, e mais de mil homens da sua força, que se compunha de 4.000.

Antonio da Silveira que havia partido de Cochim para Goa em 16 de Dezembro, e de Goa, em 21 de Janeiro, para a Enseada de Cambaia, chegou a Bombaim, distante 5 legoas de Chaul, fez

Digitized by Google

1530 alardo das Embarcações, que eram 51, com as quaes foi surgir na Barra Tapty.

Sabendo aqui do estado das duas Cidades *Surrate*, e *Reiner* foi sobre ellas.

A primeira achou despejada de gente e fazenda, e com a retirada dos que a defendiam inteiramente posta a sua disposição, mandou então incendiar, por não ter de que aproveitar

A 2.ª, não obstante a resistencia dos seus defensores, foi tomada, saqueada, e entregue depois ás chamas!

Durante estes feitos a gente dos Navios tomaram 6 Velas carregadas de arroz, que hiam para Dio.

Antonio da Silveira glorioso com as victorias alcançadas, sem nenhuma perda dos seus, veio sobre a Cidade de Damão, que achando abandonada tomou algum mantimento e mandou-lhe pôr fogo.

Passando depois a Agacim (Agaçaim) distante de Chaul 14 legoas, toma a Cidade, e a destroe a ferro e fogo, com ella 300 Velas de todos os Portes, que estavam no Rio.

Depois d'este feito estando de caminho para ir arrecadar as pareas de Tanâ, Bandorá, e Caranja, he chamado em soccorro pelo Capitão de Chaul, em grande perigo, onde fica por Capitão interino.

Heitor da Silveira, que em 21 de Janeiro deste anno havia partido de Goa com 600 homens para o Mar Roxo, tomou pelo caminho varias Naos carregadas de muita especiaria, e fazendas.

Abril 4—Chegou a Adem onde foi visitado da parte do Rei, com o presente de Vacas, Carneiros, e outros refrescos.

Depois desta visita se entabolaram conferencias, no fim das quaes o Rei se fez Vassalo Portuguez offerecendo 10.000 xerafins por anno, e deu logo 150 *mortos*, para em Ormuz mandar fazer huma Corôa de ouro.

A penas concluida esta convenção, Heitor da Silveira recebeo carta do Rei de Xael, offerecendo-se a ser tambem Vassalo Portuguez, e promettendo entregar toda a Artilheria.

Concluido mais este contrato voltou Heitor da Silveira para Goa, com 32.000 xerafins de pareas.

1531 *Janeiro* 1—Nuno da Cunha foi contra Dio: em Bombaim fez alardo da gente que levava, e achou 3 560 de peleja, destes 1.450. Portuguezes, e outros Malabares, e Canarins, além de 8.000 escravos, que podiam pelejar, 4.000 marinheiros, e mais 600 marcantes dos juncos; e as Embarcações somavam em 199 Velas, de differentes portes.

De Bombaim partio Nuno da Cunha, e foi ter á Damão, que achando despejada, desembarcou, e mandou dizer huma Missa solemne, e fazer hum Sermão, concluidos estes actos o Commissario da Ordem de S. Francisco deo huma absolvição geral.

Digitized by Google

1531 Antes de se embarcar, o Governador mandou lançar pregão promettendo o premio de 500 xerafins, a quem primeiro subisse os muros de Dio: ao segundo 300, e 100 ao terceiro.

Nesta Cidade havidas todas as informações, que eram necessarias para o fim, se embarcou com destino de ir 1.° sobre a Ilha de Beth.

Fevereiro 7—Surgio com a Frota de fronte da dita Ilha, e tratou logo de tomar posse della por meio de convenção que propoz, mas não podendo conseguir, deo sobre ella e a destruio com a morte de 1.800 que a defendiam, e de 12 dos seus companheiros, inclusive Heitor da Silveira.

——12—Foi sobre Dio, fez muitas indagações, reconheceo grandes dificuldades, que tinha a superar, em vista do numero de embarcações, Baluartes, e defensores que tinha a combater.

Em vista dos inconvenientes notados, Nuno da Cunha reune o Concelho, e nelle se decide, que não obstante as grandes correntes de ferro que defendiam a entrada da Cidade, devia ella ser atacada deste lado, e não pela Vila dos Rumes (Gogolá) como recommendava S. Magestade.

——16—Ordenadas as cousas, e as posições das Embarcações, ao sinal acordado, se deo começo ao combate, que por ser muito furioso, *começaram o mar, a terra, e ar a tremer, e mudar a quietação que tinham. O Mar fervia saltando por cima as suas agoas com o cahir dos pelouros que vinham da Cidade, e fustalha, onde havia grande numero de espingardaria, de maneira que os pelouros faziam huma chuva, e no ar, e agoa se encontravam.*

A terra era posta toda em poeira, que levantavam os nossos tiros das estancias que batiam.

O ar era hum fumo de enxofre assim escuro e grosso que afogava os homens, e os cegava, e entre elle os relampagos de fogo que parecia vir do inferno!!

Tudo era huma escuridão sem alguma luz, somente hum terror e espanto aos olhos, tormentos aos ouvidos, e huma confuzão de animo, que não sabiam os homens onde estavam, e se era sonho o que viam!

Neste estado tendo durado o combate todo o dia até a noute, com perda de gente, e das peças d'Artilheria, que arrebentaram, o Governador fez afastar os combatentes, para deliberar o que se fazia no seguinte dia.

Na mesma noute reunio o Concelho, no qual reconhecendo-se, em vista do successo do dia, que era impossivel cometter a Cidade por Gogolá, conforme as Ordens de S. Magestade, que nenhuma outra cousa podia fazer damno aquella Cidade, e ao Reino de Cambaia, se não trazer boa armada no mar, e não lhe deixar entrar nem sahir cousa alguma, assim se resolveo.

Em vista deste assento, o Governador deixou ficar Antonio da Sil-

Digitized by Google

1531 veira na Enseada da Cambaia com huma boa armada de 60 Velas, com 1.500 homens, e se retirou para Goa.

De passagem foi para Chaul, onde se deteve alguns dias, mandando fazer hum baluarte, muros, e Cava.

« *Março* 15—Nuno da Cunha chegou a Goa, esperando ver o resultado das providencias dadas.

Antonio da Silveira com a armada que tinha ás suas ordens, foi com ella sobre a Cidade de *Madrefabat* e *Taje*, distante 5 legoas de Dio, e as queimou.

Depois destas emprezas passou Antonio de Silveira para dentro da Enseada, e foi sobre a grande Cidade Goga, distante 24 legoas de Madrefabat, e a incendiou com todas as Embarcações grandes e pequenas que estavam no Porto.

Daqui passou para o Porto de Surrate onde queimou 7 Embarcações, e penetrando a Cidade destruio as obras novamente feitas, com que voltou para Goa, tendo deixado assombrada toda aquella Costa.

Nuno da Cunha, pouco depois despachou Antonio da Silveira para o Estreito com 6 Embarcações para presas, e elle em Adem soube da morte de varios Portuguezes pelo Rei, dali passou para Ormuz, onde morreo em Agosto.

No lugar de Antonio da Silveira foi nomeado Jorge de Lima, o qual, de volta para Goa, tomou duas Naos, que produziram mais de 50.000 cruzados á Fazenda.

O Rei de Calecut assombrado com a guerra que Nuno da Cunha mandava fazer, e que com ella tinha perdido 27 Velas carregadas de especiaria, pedio ao Governador paz, offerecendo logar para construir huma Fortaleza.

O Governador para ajustar este contrato mandou a Diogo Pereira, e de outro lado deu providencias para apromptar cal, e outros objectos necessarios.

« *Outubro* 20—O Governador se embarcou para Calecut, e, não obstante o arrependimento do Çamorim, construio a Fortaleza, em 26 dias, foi posta em defensão: nomeou para seu Capitão a Diogo Pereira.

1532 *Fevereiro* 28—Nuno da Cunha despachou Antonio de Saldanha para o Estreito do Mar Roxo, o qual fez adiantar a Manoel de Vasconcellos, que por sua boa fortuna apresionou em Xael a Náo Culturca, que sempre tinha escapado as Armadas Portuguesas.

« *Março* 10—Partio de Goa Antonio de Saldanha com 10 Navios, chegou a Socotorá no dia de Pascoa, onde fez agoada, e passou para Xael onde foi visitado pelo Rei, com varios presentes, mas recioso de que Antonio de Saldanha fizesse dezembarque despejou a Cidade.

« *Maio* 6—Chegou arribado em Mascate onde foi achar Manoel de Vasconcellos com os mais que tinha feito adiantar, com os quaes

Digitized by Google

1532 veio em demanda da ponta de Dio, onde tomou 3 Náos das 8 que surprendeo, e as de mais foram dar á costa, onde se salvou a gente. Pouco depois encontrando-se com hum Galeão de Rumes, o qual querendo fugir da Armada foi tambem bater-se sobre huma pedra, salvando-se parte de gente.

Antonio de Saldanha, conforme as ordens de Nuno da Cunha, ficou esperando na Barra de Dio até a chegada de Diogo da Silveira, a quem depois entregou a Arma da que tinha a seu cargo.

Diogo da Silveira entregue d'Armada destruio as Cidades de *Patan* (a 12 leg. de Dio.), *Pate, e Mangalor* (a 20 leg.) a ferro e fogo.

Nuno da Cunha desenganado de tomar Dio, deliberou de lhe fazer guerra por mar, para não deixar entrar na Cidade mercadoria alguma, por tanto deixou naquella Costa a Antonio de Saldanha, e depois a Diogo da Silveira.

Sabendo depois que Baçaim se hia tornar outra Dio, com as fortificações principiadas por Melique Tocan reunio Conselho com o projecto de conseguir naquella Cidade huma Fortaleza, mas resolvendo-se que bastava só demolir as fortificações, deo ordens para embarque para aquelle fim(4).

1533 *Janeiro* —Nuno da Cunha foi sobre Baçaim com mais de 150 Velas, levando 1.800 Portuguezes, e 2 mil Canarins.

Melique Tocan sabendo da deliberação de Nuno da Cunha, apesar de ter concluido as fortificações, e contar com 12.000 homens de guarnição, quiz valer-se de ardís para se livrar do proximo ataque, e pedio paz.

Não se acordando nas condições della Nuno da Cunha atacou a Cidade, e apezar da grande resistencia, ficou Senhor della, e mandou destruir até os alicerces das fortificações.

Fevereiro —Em quanto esteve Nuno da Cunha nesta Cidade, despachou a Diogo da Silveira ao Estreito do Mar Roxo, com 4 Galiões.

Em seguida despachou Martim Affonço de Mello Zuarte para Bengala.

Assim mais, constando-lhe que a Cidade de Damão estava despejada dos habitantes, mandou a Manoel d'Albuquerque com ordens para derribar a sua Fortaleza.

Manoel de Albuquerque, apezar da noticia que colheo, pelo caminho, de estar bem guarnecida a Cidade, verificou pessoalmente o seu estado, e desenganado de a acommetter voltou para Baçaim. Pelo Caminho, Manoel d'Albuquerque, veio queimando e assolan-

---

(4)—Neste anno foi despachado para 1.° Bispo da India D. Fernando Vaqueiro, Bispo Aurense, que morreo em 1534 em Ormuz, e foi sepultado na Igreja da Fortaleza. Cout. L. 8 Cap. 2.

Digitized by Google

1533 do todas as Povoações situadas entre Baçaim, e Tanor; e tomando muitas Embarcações com fazendas, entrou pelo Rio de Bombaim, deo sobre varios logares da Ilha de Salcete, que se tornavam a povoar, onde os Tanadares, para evitar maiores males, lhe offereceram 400 pardaos de pareas por anno, entregando desde logo as daquelle anno.

O mesmo adoptaram os dos Districtos de Tamá, Bandorá, Maim, e Bombaim, e pela proximidade do inverno Manoel de Albuquerque acolheu-se em Chaul segundo as instrucções que tinha.

Diogo da Silveira que havia partido para o Mar Roxo chegado ao Cabo de guardafú tomou huma Náo, com alguma resistencia.

Vasco Pires que se tinha adiantado da Armada de Diogo da Silveira rendeo na paragem de Socotará huma grande e poderosa Náo com morte de maior parte do inimigo, e de alguns dos nossos, e no Cabo de Fartaque tomou outra com muita fazenda.

Diogo da Silveira no Porto de Adem queimou duas, e deu com huma outra cujo Capitão amainando as Velas foi ao Galeão e lhe apresentou com muita confiança huma carta de hum Portuguez cativo em Judá, como *Salvo Conducto*; mas que continha o seguinte: *Peço aos Sr.s Capitães d'El-Rei, que encontrarem esta Náo que a tomem de presa, porque he de hum muito ruim Mouro*—Diogo da Silveira porém attendendo a confiança de hum, a má fé do outro, e o nosso credito, admittio aquella carta como salvoconducto, e mandou-lhe passar hum regular.

Neste meio tempo o Governador destruindo Baçaim voltou para Goa, onde foi recebido com grande alegria, pela victoria alcançada.

« *Julho* —Recebeo cartas de Melique Tocan, Capitão de Dio pedindo huma pessoa, com quem communicasse cousas do serviço d'El-Rei de Portugal.

« *Agosto* —O Governador, com o voto do Conselho, despachou a Vasco da Cunha para Dio, acompanhado de pessoas intelligentes, que conhecessem os fracos da Fortaleza, por onde podesse ser combatida; mas desta jornada não houve resultado algum.

No mesmo tempo mandou tambem a Tristão de Gá ao Rei de Cambaia, offerecendo-lhe paz, e pedindo lugar em Dio para huma Fortaleza, objecto de grande empenho.

Tristão de Gá não foi mais feliz do que Vasco da Cunha, e voltou trazendo por resposta que se veria com o Governador na Fortaleza de Dio.

« *Outubro* —Nuno da Cunha, em vista da dita resposta, se embarcou para Dio, levando consigo 8 Galeões, e gente lusida.

Chegado a Dio não conseguio a entrevista assentada, por insinuações de Rumecán, o qual tendo sido desafiado mesmo na presença

Digitized by Google

1533 do Rei, por Manoel de Macedo, tambem se não levou a effeito o desafio por não apparecer o Rumecan.

Nuno da Cunha vendo baldado o trabalho da jornada, escreveo ao Rei dos Mogoles, offerecendo-lhe a sua amisade, e fazer guerra ao Soldão Badur; e com a sua boa resposta, veio seguindo a sua viagem.

1534 *Fevereiro* —Chegado a Chaul despachou diversas Armadas huma de 9 Velas para Bengala; outra de tres Galeotas, e 13 Fustas com 300 homens para o Estreito; outra para o mesmo Estreito de 5 Galeões.

Recolhido já em Goa despachou a D. Estevam da Gama para Malaca, acompanhado do seu Irmão D. Paulo da Gama, e 400 Portuguezes, com varias providencias.

Antonio da Silva de Menezes, desbaratou o corsario Cunhale Marcar, em vingança de haver tomado hum Bergantim, e morto os Portuguezes que a guarnecião, surprendo-os dormidos.

Antonio da Silveira, Capitão de Ormuz, deu rigoroso castigo ao Rei Raxet levantado contra o Rei de Ormuz.

Chegou neste anno Martim Affonço de Sousa, por Capitão-mór do mar da India, a quem o Governador deo logo posse, e poz a sua disposição huma Armada para ir contra Damão.

Martim Affonço chegado a Chaul reunio á Armada que levava a de Diogo da Silveira, e com ellas foi sobre Damão, tomou a sua Fortaleza, e a fez arrazar de todo.

O Rei de Cambaia tendo sabido deste facto resolveo-se a ajustar paz, e para este fim mandou a Nuno da Cunha o seu Embaixador, e por firmeza do contrato lhe cedeo a Cidade de Baçaim.

Assignado o tratado o Governador foi a Baçaim, da qual foi-lhe dada a posse pelo Embaixador do Rei de Cambaia, onde o Governador mandou construir huma Feitoria (5).

1535 *Agosto* —Martim Affonço foi convidado por Badur, Rei de Cambaia, para ir a Dio, onde elle estava perseguido pelo Rei de Mogol, com promessa de ajustar paz, e dar lugar para a construcção da Fortaleza.

Setembro 21—Martim Affonço chegou a Dio, foi bem aceito, ajustou a paz, e tomou posse do Baluarte do mar, onde fez diversas obras, e deo conta ao Governador, Nuno da Cunha, de tudo o que havia passado.

Outubro —O Governador chegou a Dio e foi vizitado na barra da parte do Rei com grande aparato.

Depois de desembarcar foi recebido pelo Rei, e concluida a visita de seremonia passou a aposentar-se no Baluarte do mar.

---

(5)—Conforme Diogo do Couto Cap. 2. e 3. do Livro 9. Nuno da Cunha mandou abrir alicerces para huma Fortaleza logo depois da posse, e lançou a primeira pedra em 20 de Janeiro.

Digitized by Google

1535 Depois de algumas conferencias, Nuno da Cunha a pedido do Rei despachou 2 Armadas; huma para tomar a Fortaleza de Varivine, e a outra para defender a Cidade de Baroche.

Novembro — Diogo Bothelho em huma pequena Fusta (6) foi para Portugal com a noticia da Fortaleza, concedida por Badur em Dio, cousa muito desejada por El-Rei.

— 20 — Nuno da Cunha depois de huma missa solemne, a que assistio acompanhado dos Capitães e Fidalgos, chegado em prestito, e com grande ceremonial, ao sitio escolhido para a Fortaleza, deu a primeira enchadada nos alicerces, que se começaram a abrir.

Dezembro 21—Abertos os alicerces da Fortaleza o Governador lançou a 1.ª pedra; com muitas moedas d'ouro de baixo della, o que foi imitado pelos Fidalgos presentes, e o Soldão Badur querendo mostrar a parte que tomava na satisfação do Governador mandou 15 mil xerafins como para repartir pelos trabalhadores.

1536 *Fevereiro* —Nos ultimos dias deste mez ficando concluida a Fortaleza, se lhe deu o nome de *S. Thomé*, e Manoel de Sousa foi nomeado seu Capitão.

O Soldão Badur arrependido de haver consentido na construcção da Fortaleza deliberou levantar huma parede entre a mesma Fortaleza, e a Cidade, com vistas futuras de assenhoriar-se della, mas em resultado de algumas conferencias o Rei cedeo da sua deliberação.

Março 20—Nuno da Cunha, provida a fortaleza com o necessario, se embarcou para Goa, e de passagem visitando Baçaim mandou abrir os alicerces da sua Fortaleza, dando as primeiras enchadadas Antonio Galvão, em satisfação de haver defendido a Cidade contra o poder de Mogolo.

Nuno da Cunha antes de ir para Dio havia tomado posse das terras firmes de Pondá e suas annexas, que eram de Idalcão por instigação de Acedican e a pedido dos Gancares (7).

Idalcão tendo-as mandado pedir, Nuno da Cunha ficou de lhe responder de Dio para onde estava de caminho.

Pouco depois veio Solimão Agá por Capitão de Pondá com encargo de conquistar as terras firmes.

O novo Capitão tomou logo as Aldêas Cortorim e Margão donde passou ao pagode de Mardol (Madol) de Verná, daqui foi desalo-

---

(6)—A Fusta tinha 22 palm. de comp., 12 de largo, e 6 de pontal, que he da quilha até a primeira cuberta. A chegada da Fusta foi cousa maravilhosa pelo seu porte, e por isso queimada em Sacavem para não ser vista e se divulgar pelo Mundo que em tão piqueno Navio se podia navegar a India, Bar. Dec. 4. L. 6. Cap. 14

(7)—Estas terras havião sido do Estado no Governo de Diogo Lopes de Sequeira, e as perdeo no de D. Duarte de Menezes. Bar. Dec. 3. Liv. 4. e 7.

Digitized by Google

1536 jado pela força mandada por D. João Pereira, Capitão da Cidade.

Solimão Agá não podendo restitir a força que o perseguia, em toda a parte onde elle se acolhia, e tendo perdido muita gente nestes rencontros, se retirou desbaratado para a Fortaleza de Pondá.

Da Fortaleza de Pondá Solimão Agá mandou pedir a D. João Pereira a entrega das terras firmes, o que não tendo conseguido, mandou apregoar por quebrada a paz entre os Portuguezes, e Idalcão, prohibindo aos habitantes das terras firmes levar mantimentos e outras cousas para Goa.

D. João apenas teve noticia da prohibição, despachou alguns *Catures* para deffender a entrada em Goa dos generos das terras firmes.

Os Gancares das terras porem, apenas souberam da retirada de Solimão em Pondá; enviaram logo pedir a D. João, que mandasse Tanadares para recolher as rendas, antes que os Mouros as estorquissem.

Solimão Agá vendo suspenso o commercio mandou pedir tregoa até o mez d'Abril, em que esperava resposta de Idalcão.

D. João concendendo o pedido, com voto do Conselho, mandou construir huma Fortaleza de pedra e cal sob a invocação de *S. João de Rachol* (8).

1537 *Janeiro* 4—Chegou, enviado por Solimão, hum criado de Idalcão com o falço recado deste que não fizesse guerra, e deixasse estar as terras no estado em que estavam, até vir o Governador de Goa.

Para sustentar melhor a sua trahição Solimão Agá, fez apregoar por toda a parte que os habitantes daquellas terras podiam commerciar livremente com os de Goa, sem com tudo deixar de mandar partidas de gente em diversos pontos, com vistas de surprender os nossos, mas que sempre lhe custaram muitas vidas perdas, deserções e disgostos.

Finalmente não podendo sustentar por muito tempo a sua perfidia sahio contra Margão, e mandou Sarnabote sobre Bardez.

D. João Pereira despachou a Jordão de Freitas para Bardez, e pessoalmente foi procurar Solimão Agá em Salcete.

Sarnabote retirou-se de Bardez com a noticia da hida de Jordão de Freitas, e este foi unir-se a D. João.

„ *Fevereiro* 7—D. João atacando a Solimão Agá dentro das suas fortificações o derrotou completamente com morte de 800 dos seus, inclusivé hum Sobrinho.

---

(8)—Diogo de Couto diz que D. Gonçalo Coutinho, que succedeo a D. João Pereira na Capitania da Cidade, desfazendo a Tranqueira de Mardol construira de madeira a Fortaleza de Rachol, da qual o Governador fez Capitão a Alvaro de Caminha. Fernão Lopes de Castanheda affirma, que D. João fizera a dita Fortaleza no Rio de Salcete a 6 legoas de Goa e que acabara em 3 mezes, e deixara nella por Capitão a Miguel Froes.

Digitized by Google

1537 Idalcão sabendo do estado das cousas, o pouco resultado das diligencias de Solimão Agá, e por outros diversos motivos, encarregou a Acedican a conquista das terras firmes.

O novo encarregado de Idalcão com 3$ homens de cavallo, e 9$ de pé, veio acampar em Mirgy (distante 7 legoas de Goa) com vistas de castigar o Capitão desta Cidade seu dependente, revel ás suas ordens, mas Idalcão o desviou deste intento, por a desobediencia ser motivada por elle.

« *Abril* —Chegou a Goa o Governador Nuno da Cunha: e participou a Acedican da sua vinda, e do seu espanto pelos acontecimentos que tiveram lugar durante a sua ausencia, fazendo-lhe ver a conveniencia de manter a paz ajustada.

Acedican respondeu a Nuno da Cunha que para satisfazer os desejos de Idalcão estava de marcha, mas que ella era vagarosa a espera da mudança da sua vontade.

Idalcão vendo que Acedican não proseguia na marcha, despachou hum seu Capitão com 4 mil homens como para o ajudar: pouco depois mandou suspender a marcha com o receio dos Mogoles.

« *Maio* 17—Acedican finalmente chegou a Pondá com 20 mil homens.

« —— 20—Depois de estabelecido na Fortaleza do dito destricto, Acedican enviou a Nuno da Cunha por hum mensageiro a carta de Idalcão que trazia, em que este dizia que a escrevia para lhe certificar que mandava a Acedican com 20 mil homens para *cobrar as terras firmes*, que elle havia usurpado, e para dar credito ao que o mensageiro lhe dissesse de sua parte.

O Mensageiro admittido á audiencia, depois de, em huma longa *arenga*, fazer enumeração das pazes que se fizeram desde Affonço d'Albuquerque até Nuno da Cunha com o Sambaio, e seu Filho, Avo, e Pai de Idalcão, pedio em nome deste que largasse as terras e pagasse as rendas arrecadadas: Nuno da Cunha, que estava prevenido com o voto do Conselho, respondeo ao Mensageiro que dissesse a Acedican *que se elle vinha com dezejo de pelejar com os Portuguezes, que elles eram homens que não haviam de negar a luta.*

E ao Idalcão escreveo que tomara as terras firmes dos Gentios, que as roubavam, por conselho de Acedican, como cousa que estava devoluta, e vaga, do que havia dado conta a El-Rei, sem cujo mandado não podia largal-as de mão; e que lhe parecia que elle como successor do seu Pai, grande amigo d'El-Rei, deverá folgar de o ter por amigo, e não se importar com aquellas terras, apresentando-lhe o exemplo do Rei de Cambaia.

« *Junho* 7—Acedican despachou os Capitães Rahen, e Solimão Agá, cada hum com 4 mil homens contra Salcete.

Digitized by Google

1537 Nuno da Cunha vendo que este procedimento era contrario ao pedido do Mensageiro de Idalcão, de não fazer guerra até a sua volta com resposta, mandou hum Capitão para declarar guerra a Acedican.

O Capitão encarregado da declaração tendo ficado retido, Nuno da Cunha mandou a Ruy Dias Pereira, Capitão-mor dos Navios de remos fazer hostilidades no destricto de Pondá e suas dependencias, e elle executou a ordem matando e aprisionando muita gente.

Acedican afflicto com o estrago que soffriam as terras, e os seus habitantes, deo liberdade ao Capitão detido, disfarçando a verdadeira causa da detenção e dando varias ordens aos seus Capitães para dissimular os seus passos.

A este tempo chegou a resposta de Idalcão, declarando que tudo estava encarregado a Acedican, e o que elle fizesse levaria a bem.

« *Agosto* 10—Nuno da Cunha sabendo que Acedican, não obstante muitas inquietações que praticava, estava reunindo gente, fez marchar D. João Pereira com 130 de cavallo, 600 Portuguezes de pé, e 1000 Peaes da terra.

Os Mouros tendo noticia da aproximação de D. João se recolheram ao pé de huma Serra, onde D. João os destroçou, com morte de grande numero delles, captivando 50, com perda de 4 dos seus.

Acedican vendo o resultado da acção, entabolou negociação para se ver com Nuno da Cunha, e ajustar paz, o que não se verificou.

Nuno da Cunha mandou lançar ao mar todas as Velas, e despachou huma armada de 2 Fustas, e 3 Catures, commandada por Gonçalo Vas Coutinho para entrar e fazer damno em todos os portos de Idalcão.

Em seguida, estando Nuno da Cunha de partida, com o voto do Conselho, para Salcete recebe chamamento de Cochim para acudir á guerra que entre o Rei daquelle Reino e o de Calecut, e ao levantamento de Coromandel.

« *Setembro* 19—Nuno da Cunha despachou immediatamente Martim Affonço de Sousa com 11 navios para terminar a guerra entre os referidos dous Reis.

Neste mesmo dia mandou lançar pregões para se apromptar a gente de cavallo e de pè, para passar ás terras firmes, e fez marchar para aquella expedição a Antonio da Silveira de Menezes com 200 de cavallo, 700 Portuguezes de pé, e 1.000 Gentios de terra.

Antonio da Silveira penetrou de terras a dentro na distancia de 3 legoas, e obteve grandes victorias, com morte de 300 dos inimigos, inclusive 2 Capitães, com perda de 8, e 50 feridos dos seus.

Após esta victoria chegou d'outro lado huma Náo de presa, que Gonçalo Vaz tomara no mar de Dabul.

Digitized by Google

1537 Nuno da Cunha, por ser a Náo da Mãi de Idalcão, mandou pôr em liberdade o seu Capitão, a bom recado a carga que trazia, e fez depois entregar a pessoa de Idalcão, que a mandara pedir, dando-lhe noticia, por esta occazião, do estado da guerra das terras firmes, suscitada por Acedican.

Ao mesmo tempo chegou tambem ao Idalcão o proprio Tanadar de Dabul encampar-lhe a Cidade, por não poder com os ataques dos Portuguezes, com quem devia elle Idalcão ajustar pazes, para não experimentar os lances porque passara o Rei de Cambaia.

Idalcão convencido, pelo que lhe dizia do estado das couzas, mandou dizer a Acedican que suspendesse a guerra, e se fosse á sua Companhia, contra Cota Maluco.

Acedican porem se escusou, declarando de haver despendido mais de 300 mil pardaos naquella empresa e nella estava empenhada a sua honra.

Acompanhando a esta resposta mondou de presente ao Idalcão hum terçado guarnecido de ouro e pedraria, e hum cavallo.

Idalcão querendo desenvolver a espada, que estava envolta em huns pannos de seda, a sua Mãi que estava presente, o não consentio, e mandou fazer aquelle serviço a hum moço, o qual apenas o concluio cahio ali morto.

Este successo fez que Idalcão não montasse no cavallo, e o experimentasse por dous espectadores, que tambem cahiram mortos, por seu turno.—A Mãi, do Idalcão então disse.—*Aqui vejo eu, filho, ser verdade, que este trahidor matou vosso Pai, como eu sempre tive para mim*

Nuno da Cunha, por este tempo mandou a Gonçalo Vas Coutinho com 30 Navios de remo com 300 Portuguezes, e 300 Canarins para queimar Banda, que elle effeituou, incendiando muita quantidade de fazendas, Navios, e trazendo mais de 300 prisioneiros.

Acedican exarcerbado pelos damnos recebidos, passou para Salcete, e para tolher a serventia da Fortaleza de Rachol mandou fazer no sitio de Borim, fronteiro a Loutolim, hum Fortim, para guarnecel-o d'Artilheria e vedar a passagem de Bateis.

Nuno da Cunha contemplando esta perigosa obra mandou a todo o custo impedil-a, todavia ella crecia á força de numerosos braços que nella trabalhavam.

Nuno da Cunha estabelece o seu Quartel General em Agaçaim, e dali despachou força necessaria, commandada pelo Capitão da Cidade D. Gonçalo Coutinho, para desfazer a mesma obra.

A força expedicionaria desembarca em terra mais furiosa que ordenada, e o sinal da desordem foi quebrarem hum braço ao Capitão D. Gonçalo.

O combate tornou-se então desesperado e nelle sucumbiram 30 dos

Digitized by Google

1537 nobres, e muitos da gente piquena. Dos Mouros morreram 400, inclusivé 4 Capitães.

Acedican vendo a grande perda que tinha soffrido, e as diligencias que Nuno da Cunha empregava contra elle, escreveo a Nuno da Cunha, ao Senado, e a Pero de Faria, que fora Capitão da Cidade, pedindo paz, no que não convio Nuno da Cunha.

Então por sua livre vontade, Acedican, demolio a fortificação de Borim, assentou paz com Nuno da Cunha, por intermedio de Pero de Faria, com que ficou terminada esta guerra.

Durante a guerra de Acedican, Martim Affonço de Souza obteve repetidas, e completas victorias, por mar e terra, sobre o poderoso Çamorim de Calecut, de Cutiale Marcar, Capitão-mór da sua armada: restituio ao Rei de Cochim a Pedra de Coroação, que o mesmo Çamorim havia levado e guardado em Repelim.

Em seguida foi Martim Affonço soccorrer o Rei Boenegobago cercado na Cidade de Cota pelo seu Irmão Madune Pandar, Rei de Coitavaca, ajudado pelos Malabares, com quem pelejou, e os desbaratou.

Neste meio tempo o Governador foi avisado, por diversas vias, que o Rei de Cambaia se preparava para tomar a Fortaleza de Diu, e lançar os Portuguezes da India.

O Rei de Cambaia, depois de alguns passos imprudentes, mandou pedir a Nuno da Cunha, por seu Embaixador, que o fosse vér em Dio, e o Governador, não obstante saber dos preparativos de Soldão Badur para huma trahição, aprompton-se para a viagem, e sahiu novamente de Goa em demanda da Fortaleza de Dio, regulando a administração deste Estado

Chegado á Chaul achou retirado Nizamaluco, que com 3 mil de Cavallo, e 5 mil de pé estava acampado nas visinhaças, com vistas contra a Fortaleza.

De Chaul passou Nuno da Cunha a Baçaim onde proveo a armada do necessario, e recebeo hum Capitão do Rei de Cambaia.

Largou daqui para o seu destino: no caminho recebeo visita do Rei Badur, que andava á caça ao redor de Dio.

Chegado Nuno da Cunha na altura de Dio, recebeo de prezente mais de 20 Veados e Gazelas, mandadas pelo dito Rei.

Pouco depois foi vesitado o Governador da parte do Rei por Coge Çofar, e hum filho de hum dos principaes Capitães.

Na retirada destes tendo elles encontro com o Rei, que se recolhia á Cidade, deram-lhe noticia de estar o Governador doente, o Rei então o visitou a bordo do seu Galeão.

Nuno da Cunha, contra a opinião dos fidalgos, e mais Capitães, que queriam que o prendesse, o deixou retirar-se, por não lhe parecer feito honroso prender hum tão grande Rei, não declarado inimigo, vindo visitar como amigo, acompanhado só de 9 homens,

Digitized by Google

1537 fiando-se dos Portuguezes; todavia tinha tomado todas as prevenções para o reter na Fortaleza.

Antes disso, tendo occorrido huma pendencia nas immediações da Fortaleza, vieram ás mãos, e no combate foi morto Soldão Badur, Rei de Cambaia, com os que o acompanhavam, e Manoel de Sousa Capitão de Dio, e outros Fidalgos. Sabendo os habitantes da Cidade, que viam a pendencia do alto dos muros, e de logares elevados, que o Rei era morto; acometidos de terror, começaram a evadir-se precipitadamente da Cidade, e nesta confuzam se afogaram muitos.

O Governador mandou então lançar pregões nos Navios, e na Cidade, promettendo protecção, e impondo penas rigorosas aos que se retirassem, e mandou, ao mesmo tempo, enforcar hum bombardeiro por haver roubado hum pedaço de ouro a hum Guzarate.

Estas medidas, e o castigo infligido fizeram persuadir o povo que a morte de Badur era occasionada por elle, e não por ambição dos Portuguezes, para aproveitar dos seus grandes thesouros reunidos na Cidade, segundo se affirmava.

O Governador desembarcou no seguinte dia na Fortaleza, reunio os Capitães da Armada, e depois de hum longo discurso, com voto delles, deo as necessarias providencias para o governo da Cidade, que estava á sua disposição, com a morte do Rei, e assim proveo na Capitania da Fortaleza a Antonio da Silveira de Menezes, e a outros Fidalgos em diversos cargos vagos.

Em seguida mandou visitar a Rainha, Mai de Badur, que estava refugiada em Novanagar, e desculpar-se com ella sobre a morte do filho, convidando-a para vir a Cidade sob a sua guarda, em quanto o Reino tomasse assento, mas a Rainha não quiz ouvir o Emissario, desculpando-se com o grande nojo com que estava (9).

No dia immediato mandou proceder ao inventario das casas do Rei e da Rainha, que antecedentemente tinha feito sellar.

Procedido o inventario achou-se apenas, em moeda d'ouro, prata, e metal bruto, perto de 200 mil xerafins, a fora algumas joias, e panos de brocado, e seda, o que foi objecto de grande reparo, visto que o Rei possuía grandes thesouros, ricas joias, e baixela.

Nos seus armazens porém encontrou-se grande provizão, armas de diversas sortes, e varios objectos, o que mereceo muito espanto, pela sua variedade, e quantidade, que não se poderia consumir em 20 annos.

(9)—Este acontecimento, segundo muitos Historiadores, teve lugar em 14 de Fevereiro de 1537; com tudo nas Decadas de Barros da edição de 1777 tendo havido hum engano na referencia dos annos 1536 e 1537 deixa vêr o aparente anachronismo àcerca deste e de outros factos verificados naquelles annos, huns em Dio e outros em Goa; sem toda via alterar a veracidade dos mesmos.

Digitized by Google

1587 A armada que se achou compunha-se de 160 velas—a Artilheria comprehendia grande numero de peças de metal, em que entravam 3 basiliscos de admiravel grandeza, dos quaes 1, que fôra do Soldão de Babilonia, trasido por Rumechan, foi mandado para Portugal (10), e as peças de ferro eram sem numero.

No expolio achou-se tambem a correspondencia entre o Soldão Badur, Rei de Adem, e Rei de Hael, combinando-se para lançar da India os Portuguezes, cujo theor—o resultado da devassa mandada tirar—o longo discurso que Nuno da Cunha fez aos Vassallos do Rei morto, acompanhado de varias providencias para o socego do Paiz, e bem estar dos habitantes, lhes fez socegar os animos exarcerbados, trazel-os á ordem, justificar o procedimento de Nuno da Cunha, e confirmar a causa da morte de Soldão Badur.

Pouco depois, com o favor de Nuno da Cunha, Mir Mahamed Zaman, cunhado do Rei dos Mogoles, foi nomeado successor de Badur; o qual, no tratado que assignou com o mesmo Nuno da Cunha, cedeu a este todas as terras da Costa do Reino de Guzarate, começando desde Mangalor até a Ilha de Beth, com todas as povoações, entrando pelo Sertão duas legoas.

Da mesma forma concedeo tambem as terras de Damão até Baçaim, com todas as Praganas, e juridicões, e outros diversos direitos; assim como 50 mil pardaos de ouro para pagamento de soldo da gente d'armas.

Nuno da Cunha achando-se aggravado da molestia, que padecia, aconselhado pelos Medicos, e apertado pelos Fidalgos para se retirar a Goa, antes do seu embarque, mandou para Portugal a noticia da morte de Badur, despachou Martim Affonço de Sousa para Goa, e dando diversas providencias para a segurança e governo de Dio, se embarcou.

Devulgada a retirada de Nuno da Cunha, Madr-Maluco, e Luchan, Principes de Guzarate deceram com o poderozo Exercito de 60.000 homens de cavallo e de pé contra Zaman.

Madre Maluco, não obstante de ter ás suas ordens hum tal Exercito, e o Zaman apenas 6 mil homens, não se animando a entrar em liça, por conhecer a differença dos combatentes, comprou os Capitães do seu contendor, com muito ouro que repartio com elles para não combaterem.

Zaman conhecendo o estado dos animos da sua gente, ataca o inimigo impetuosamente com 800, com que apenas contava, e conseguio matar grande numero dos inimigos, com a perda de 30 dos seus; mas não podendo sustentar o combate se retirou para Cinde, e os seus fieis se salvaram na nossa Villa dos Rumes (Gogolá?)

(10) - He a que está no Castello de Lisboa, a que chamam *Tiro de Dio.*

Digitized by Google

1537 Madre Maluco, Senhor do Campo, manda perguntar a Antonio da Silveira, Capitão de Dio, o motivo porque haviam morto o seu Rei Badur, e teve a resposta—por elle o ter merecido, por que mandára matar a Manoel de Souza, Capitão de Dio.

Em seguida mandou Madre Maluco propôr paz, a que Antonio da Silveira tendo respondido, que não obstante de não estar authorisado pelo Governador, converia nella se Madre Maluco cedesse todas as terras desde Mangalor até Dio, e desde Damão até Baçaim, como Zaman tinha dado ao Governador, não se tratou mais deste objecto, desfez-se o grande Exercito, ficando em Novanagor Lucan com 10 a 12 mil homens.

De tudo isto tendo Antonio da Silveira dado conta a Nuno da Cunha deliberou este a voltar para Dio para acudir aos seus negocios, por receber tambem participações de se apromptar em Suez huma Armada para passar a India.

1538 *Janeiro*—Nuno da Cunha tendo de partir para Dio despachou as Naós do Reino para Cochim, a Martim Affonço de Sousa para guardar a Costa do Malabar, e dadas as de mais providencias para o governo do Estado se embarcou com 80 Vellas.

« *Fevereiro*.—No principio deste mez chegou o Governador a Dio.

« —— 15—O Capitão-mòr do mar, Martim Affonço de Sousa, atacou em Beadala, com 400 homens, o poderoso Corsario Pate-Marcar, que com 7 mil homens de peleja infestava desde Chaul, até o Cabo de Camorim, e alcançou, com a sua morte, completa victoria.

Depois do combate, em que morreram mais de 600 mouros e dos nossos 2 os mais notaveis, o Capitão-mór armou muitos Cavalleiros.

A armada do Corsario consistia em 48 Paráos, dos quaes tendo se queimado 25, os restantes, com 400 peças e 1500 espingardas foram o despojo desta Victoria.

Martim Affonço de Sousa, depois deste feito glorioso, passou á Ilha de Ceilão, onde achou o Rei, e o nosso Feitor cercados na Fortaleza, pelo Irmão do Rei Madune Pandar, o qual apenas soube da chegada do Capitão-mór, e morte de Pate-marcar, por quem esperava, se recolheo para hama Serra onde se fortificou, e fez paz com o seu Irmão.

Martim Affonço na sua volta para Cochim bateo, e desbaratou 6 Paraos de Calecut.—Seguindo a sua derrota combateo com mais 17 Paráos, e, ainda que com algum sangue dos nossos, destruio aquella pequena armada.

Nuno da Cunha recebeo neste mesmo tempo hum Embaixador do Rei de Xael pedindo paz, desculpando-se da prisão de D. Manoel de Menezes, e da morte de varios Portuguezes, que deram occazião para isso, para cujo fim mandou a D. Fernando de Lima, que hia por Capitão de Ormuz.

Digitized by Google

1538 *Março* —O Governador, depois de prover ás necessidades de Dio, se recolheo a Goa.

« *Abril* —Coge Sofar furtivamente se retira de Dio, e em Champanel se offerece ao serviço do Rei de Cambaia, capacitando-o para tomar Dio, ajudado da Armada do Turco, que estava preste no Mar Roxo.

O Rei mandou cautelosamente levantar, sob o commando de Aluchan, 5 mil homens de cavllo, e 10 mil de pé.

Coge Sofar recrutou tambem, á sua custa, 3 mil de cavallo, e 4 mil de pé.

Antonio da Silveira, Capitão da Fortaleza, tendo noticia dos preparativos referidos, á pressa, proveo na defensão da Cidade, concluío as obras da Cisterna, e outras necessarias, e se proveo da agoa e mantimentos.

« *Junho* —26—Coge Sofar, ante manhãa, deu de subido sobre a Villa dos Rumes (Gogolà) roubou-a de todo, matou alguma gente, e atacou o Baluarte, que commandava Francisco Pacheco.

Antonio da Silveira, apenas sabe do acontecido, acode pessoalmente, com cuja presença a pequena guarnição se defende valorosamente; durante o combate fica ferido Coge Sofar no hum braço, e se retira com alguma perda dos seus.

« *Agosto* —14—Aluchan com o seu Exercito, e Coge Sofar com a sua gente, vem acampar além do rio, e carregar a sua artilheria sobre a Ilha.

Antonio da Silveira reconhecendo não poder defender a Ilha, porque perdia muita gente e munição, com conselho dos Capitães, despejou os Baluartes, limitou a defeza á Cidade, e fez recolher toda a artilheria que andava espalhada.

O inimigo, porém, aproveitando dos esteiros desempedidos, tomou posse da Ilha, cahindo-lhe em poder a artilheria, com que se devia deffender a Cidade.

Antonio da Silveira em vista desta perda, da pouca gente que tinha mal armada, e da gente de guerra que andava dissimulada na Cidade, meteu-se entre elles com 100 homens, fez alancear, e enforcar muitos delles, e se retirou para a Fortaleza, levando 4 mercadores principaes com vistas futuras.

O inimigo sabendo, de estar a Cidade despejada, tomou conta della, alojando a sua gente em diversos pontos, com a artilheria assestada.

Nos ultimos dias de Agosto, Antonio da Silveira, fez saber a Nuno da Cunha do estado da Fortaleza, e, pelo rumor que corria da vinda dos Rumes, despachou huma Fusta para a parte de Mangalor, para noticia da Armada dos Rumes.

« *Setembro* 4—Chegou a armada do Turco, commandada por Soleimão Baxá, a qual não só pareceo temerosa aos Portuguezes, mas aos

Digitized by Google

1538 proprios Mouros da Cidade, que a esperavam, e foi este dia o primeiro do cerco de Dio.

« —— 6—Soleimão Baxá fez desembarcar 700 Janizaros galhardamente vestidos e armados, para dar vista de si, e assombrar os sitiados.

Os Janizaros, passando ao longo dos muros da Fortaleza, dispararam os seus arcabuzes sobre os que os viam do alto dos delles, mataram seis, e feriram vinte; mas 300 espingardeiros dos sitiados lhes responderam com huma descarga serrada, que lhes matou 50, e ferio muitos (11).

Seguindo os Janizaros para a Cidade, offenderam gravemente a Aluchan, puxando pelas suas venerandas barbas, o que lhe obrigou a retirar-se com 7 ou 8 mil homens para a terra firme.

« —— 7—O Soleimão, apertado pelos rijos Sudoestes, fez levantar o ferro a sua armada para metter-se no Porto de Madrefabat, onde perdeo 4 navios de carga, com algumas munições, entre ellas muitas sellas, as quaes tendo chegado ás mãos dos Guzarates, fez lhes conhecer a intenção de Soleimão, de fazer guerra por mar e terra, e se apossar da India.

Esta suspeita muito favoreceo depois aos cercados, e durante os 20 dias que a Armada se demorou em Madrefabat, António da Silveira proveo a Fortaleza de todo o preciso, reparando os damnos soffridos, e destribuindo a gente pelas Estancias, para receber o inimigo, que esperava.

« —— 13—Chegou de Goa Fernão de Moraes com varias providencias.

« —— 14—Surgiu em Goa a Armada de Portugal, conduzindo o V. Rei, D. Garcia de Noronha (12).

« —— Nuno da Cunha largou a governança da India ao Vice-Rei seu successor, entregando-lhe huma Armada, que estava já de verga de alto, composta de 80 vellas, e os armazens providos de muita artilheria, munições, e mantimentos, que tinha aparelhado para hir em busca dos Rumes; e se retirou, em Novembro, para Cochim com destino de se embarcar para Portugal (13).

Durante a sua demora em Goa, Nuno da Cunha deu importantes conselhos ao seu Successor, sobre o cerco de Dio, da armada dos Rumes &c., na sua correspondencia que se lê no Barr. Dec. 14.

---

(11)—Segundo Diogo do Couto os Janizaros, antes dar a vista á Fortaleza, haviam entrado na Cidade, roubado o melhor della, e deshonrado as mulheres, e filhas dos moradores. D. 5. L. 3. Cap. 7.

(12)—Segundo Couto o Vice-Rei D. Garcia chegou em 12, e tomou posse em 14 de Setembro.

(13) Chegado a Cochim negou-se-lhe Embarcação para regressar ao Reino, e a muito custo obteve huma particular, comprometendo-se elle a todas as indemnisações, na qual se embarcou, em Janeiro de 1539, escrevendo huma longa carta sentimental ao Vice-Rei, sobre diversos objectos, dizendo-lhe em conclusão—„ De

Digitized by Google

1538 L. 10. Cap. 20.—Com tudo, a sua condescendencia e boas maneiras, com que se houve com o seu Successor não foram bastantes para lhe livrarem dos disgostos porque passou, nem as suas conquistas, e serviços relevantes, e desinteressados foram capazes de o pôrem a cuberto de calumnias, e ordens barbaras, que se expediram para a sua prizão!

---

redor de V. S.ª não andam homens que me querem bem, e os que cá estão na India, eu lhes tenho feito muitas honras, e boas obras; e sei que me aguardeem mal; e por isso *lançai as barbas em remolho, e fiai-vos mais de vossa discrição, e bondade, que da sua delles*,,

Em Cananor, onde chegou incommodado de saude e espirito, desembarcou, e foi agasalhado na Fortaleza, donde sahiu depois de se confessar e tomar o S. Sacramento da Communhão; dobrado o Cabo de Boa Esperança os seus padecimentos, que provinham de febres, e camaras, foram-se augmentando, então Nuno da Cunha, alêm do testamento que tinha feito, escreveu de sua mão huma Cedula, na qual disse—,, *Juravá por aquella hora, em que estava, não ter da Fazenda d'El-Rei mais que cinco moedas de Ouro, que tomara da Fazenda de Soldão Badur para mostrar a El-Rei em Portugal, por serem formosas, e grandes* — ,, Vendo os seus Familiares o estado em que se achava, perguntou-lhe o seu Capellão—se havia por bem que levando-o Nosso Senhor, o levassem salgado em huma pipa, para no Reino lhe darem sua sepultura—elle respondeu: —*Que pois Deos havia por bem de o levar no mar, que o mar fosse sua sepultura, pois a terra o não quizera. E se ella tão mal recebia seus serviços não lhe queria entregar os seus ossos.*—Vendo-se depois muito aggravado do seu mal, recommendou ao dito Capellão que depois do seu fallecimento lho vestisse no manto da Ordem (certamente de S. Thiago) pozesse a sua espada na cinta, e lhe atasse hum par de camaras de ferro aos pés, e o lançasse pela varanda no mar, por não fazer turvação na gente da não—e conforme Diogo de Couto Dec. 5. L. 5. Cap. 5. no seu testamento havia deixado ordem que pagasse a El-Rei o preço das ditas camaras de ferro, assim como que nos derradeiros momentos de passamento Nuno da Cunha abrindo os olhos repetira hum pouco entoado as seguintes palavras do Romano — ,, *Ingrata patria, essa mea non possidebis* ,, — E assim, depois de 50 dias de viagem, falleceu este Heroe da India na idade de 52 annos, e foram satisfeitas as suas ultimas vontades.—Chegada a Embarcação, em que elle hia, às Ilhas Terceiras achou-se que ali esperava Antonio Corrêa de Barem, ao grande Nuno com *hum grilhão muito grande*, para com elle o desembarcar para o Castello de Lisboa, para dali ser passado para a porta de Mansos, em Santarem, que de Ordem d'El-Rei estava preparada para aquelle fim; mas Antonio Corrêa achando-o fallecido, lançou o grilhão a João de Paiva seu Vedor; prendeu todos os seus Creados, repartiu-os pelas Nãos, e fel-os desembarcar no Limoeiro, em Lisboa.—Os filhos e parentes de Nuno da Cunha tendo-se queixado a El-Rei destas prisões, apresentando-lhe o seu testamento em que elle viu as clausulas já referidas, mandou pôr a todos em liberdade.

Nuno da Cunha foi casado duas vezes: a 1.ª com a filha de Fernão Nunes da Silveira, Senhor de Terena, de quem houve huma filha, que foi Condeça de Portalegre: a 2.ª vez com huma Irmã do Conde de Sortelha, D. Luiz de Silveira, Guarda-mor de El-Rei, da qual teve alguns filhos.—Barr. Dec. 4. L. 10. Cap. 22.—Cout. Dec. 5. Liv. 5. Cap. 5.

As suas Armas eram em Campo de Ouro. nove cunhas de azul de ferro, firmadas, postas em 3 Palas, e as Quinas de Portugal em huma Orladura de prata.

Digitized by Google

10 D. Garcia de Noronha (1)

Do Conselho de Sua Magestade, Vice-Rei da India, &c. (2)

1538 Sahiu de Lisboa no meado de Março, com huma Armada de 12 Náos, conduzindo 3$000 homens d'armas, entre os quaes vinham muitos Fidalgos, e morádores da Casa d'El-Rei (3).

Chegado á Goa em 14 de Setembro, tomou posse do Governo em 16 do mesmo mez, com as solemnidades em uso: escreveu immediatamente a Antonio da Silveira, Capitão da Fortaleza de Dio, então em apertado cerco, participando da sua chegada, e do soccorro que preparava.

» *Setembro* —26—Antonio da Silveira recebeu as Cartas do Vice-Rei, o que muito animou os sitiados, e a sua alegria fez assustar os sitiantes.

» —— 27—Voltou de Madrefabat a Armada de Soleimão Baixa, toda embandeirada com os tendaes de ricos paramentos, e começaram logo, algumas Gales, commandadas por Juçuf Hamed, a lançar pelouros na Cidade.

De outro lado Coge Sofâr, que não cessava de bater o Baluarte da Villa dos Rumes (Gogolá), deo nesse dia assalto ao mesmo Baluarte com 2000 mil homens, os quaes, já senhores, se viram obrigados a se retirarem com muita perda, pelo esforço de dois mancebos.

» —— 28—Os sitiados do Baluarte não podendo continuar com a sua defeza, pelo seu estado de ruina, capitulam, e o Turco arvora a sua bandeira, depois de mortos seis Portuguezes, que ainda ficavam e

---

(1) Filho de D. Fernando de Noronha, e Neto de D. Pedro de Noronha, Arcebispo de Lisboa, filho do Conde Gijão.—D. Fernando seu Pay foi casado com D. Constança de Castro, filha de Gonçalo d'Albuquerque, Senhor de Villa-Verde, Pai do grande Affonço d'Albuquerque, por tanto D. Garcia era seu Sobrinho por irmã.

(2) Não nos consta por documentos que tivesse alguma Condecoração; todavia he de suppor que a tivesse da ordem de S. Thiago, então a mais usada.

(3)—D. Garcia, antes de ser Vice-Rei, tinha vindo à India em 1511, por Capitão-mór de huma Armada de 6 Náos, e deixou-se ficar aqui com o seu Thio o referido Affonço d'Albuquerque: achou-se na tomada de Benastarim, foi para Cochim com poderes para fazer a carga das Náos: fez pazes com o Samorim, e obteve delle lugar em Calecut, para huma Fortaleza; achou-se na escalada de Adem: tornou a ir a Cochim para fazer a carga dos Navios para Ormuz na occasião da construcção da Fortaleza, e na volta trouxe os 15 Reis Cegos, de quem falla a Historia, depois do que regressou para o Reino, onde serviu muitas vezes nos lugares d'Africa. Cout. Dec. 5.º Liv. 6. Cap. 8.

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google